

10

Guia do Professor

Filosofia
10.º ano

- Caderneta do professor
- Planificação anual
- Planos de aula
- Guiões de filmes
- Soluções dos exercícios do manual do aluno
- Fichas de avaliação diagnóstica
- Testes de avaliação sumativa



Ministério
da Educação



Filosofia 10.º ano
Guia do Professor

Criação Intelectual
José Ferreira Borges

Design
Porto Editora

Imagem da capa
Kiki Lima, *Bancada de plurim*, 2012

Edição
2026

Guia do Professor

Filosofia

10.º ano



Hino do Professor

Ao romper da manhã, descansando no leito
O meu espírito na escola se encontra
Procurando compreender os alunos
Para o sucesso da minha mensagem

O orgulho de ser professor
É olhar no aluno o defensor da pátria
Essa nobre missão me obriga
Responsabilizar pelo progresso

O olhar inocente de cada criança
Reflete o desejo ardente de aprender
Pois, o meu esforço em vão não será
Quando amanhã brotar homem de bem.

Autoria: David Mendonça

Caderneta do professor	4	Fichas de avaliação diagnóstica e propostas de resolução	95
Calendário escolar	5	1.º trimestre	
Calendário semanal	6	Ficha de avaliação diagnóstica	96
Calendário de testes sumativos	7	Propostas de correção	99
Agenda de reuniões	8	2.º trimestre	
Dados pessoais dos alunos	9	Ficha de avaliação diagnóstica	100
Planta da turma	10	Propostas de correção	102
Registo de avaliação dos alunos	11	3.º trimestre	
Registo de observação individual	12	Ficha de avaliação diagnóstica	103
Ficha de autoavaliação	13	Propostas de correção	105
Registo de aulas previstas	14	Testes de avaliação sumativa, propostas de correção e grelhas de avaliação	107
Registo de realização de tarefas	15	1.º trimestre	
Registo de questões orais	16	Teste de avaliação sumativa 1	108
Registo de observação de trabalho de grupo	17	Grelha de correção	110
Registo de avaliação anual	18	Proposta de correção	111
Registo de classificação final da disciplina	19	Teste de avaliação sumativa 2	112
Planificação anual	21	Grelha de correção	114
1.º trimestre	22	Proposta de correção	115
2.º trimestre	24	2.º trimestre	
3.º trimestre	26	Teste de avaliação sumativa 3	116
Planos de aula	29	Grelha de correção	118
Iniciação filosófica: o que é a Filosofia?	30	Proposta de correção	119
Unidade antropológica	35	Teste de avaliação sumativa 4	120
Unidade axiológica	40	Grelha de correção	123
As normas morais	45	Proposta de correção	124
Guiões de filmes	53	3.º trimestre	
<i>Divergente</i>	54	Teste de avaliação sumativa 5	125
<i>Colisão</i>	57	Grelha de correção	128
<i>Relatório Minoritário</i>	60	Proposta de correção	129
<i>A Rapariga que Roubava Livros</i>	63	Teste de avaliação sumativa 6	130
Soluções dos exercícios do manual do aluno	67	Grelha de correção	133
Iniciação filosófica: o que é a Filosofia?	68	Proposta de correção	134
Unidade antropológica	74		
Unidade axiológica	80		
As normas morais	85		

Caderneta do Professor

Com esta caderneta, o professor pode:

- Apontar os seus dados pessoais e profissionais;
- Calendarizar reuniões de trabalho e fazer o registo das mesmas;
- Anotar informações várias sobre as turmas: caracterização, desempenho, progressão;
- Dispor de um modelo de ficha de autoavaliação a entregar aos alunos no final de cada período.

Dados pessoais

Ano letivo 20____ / 20____

Nome _____ Idade _____

Endereço _____

Telefone(s) _____

Bilhete de Identidade _____ Validade _____

Número de Identificação Fiscal _____ e-mail _____

Naturalidade _____ Concelho _____ Freguesia _____

Dados profissionais

Escola _____

Endereço _____

Telefone(s) _____ e-mail _____

Data de início da atividade docente ____-____-____

Escalão/Índice _____ Mudança de escalão _____

Contagem do tempo de serviço _____

Cargos desempenhados _____

Calendário escolar

Ano letivo 20____ / 20____

Ensino secundário – 9.º ao 12.º ano de escolaridade

Colar neste espaço

Calendário de testes sumativos

Ano letivo 20____ / 20____

1.º trimestre

Turma	Data	Hora	Sala

2.º trimestre

Turma	Data	Hora	Sala

3.º trimestre

Turma	Data	Hora	Sala

Agenda de reuniões

Ano letivo 20____ / 20____

1.º trimestre

Turma	Data	Hora	Sala

2.º trimestre

Turma	Data	Hora	Sala

3.º trimestre

Turma	Data	Hora	Sala

Planta da turma

Ano letivo 20____ / 20____

--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

--	--

Ficha de Autoavaliação

Filosofia · 10.º ano

Nome _____ N.º _____ Turma _____

Depois de mais um período letivo, chegou o momento de registares a tua autoavaliação. Pensa sobre o teu desempenho na disciplina de Filosofia, com sinceridade e responsabilidade.

Os teus registos devem ter em atenção o trabalho que fizeste nas aulas e em casa e vão servir de indicação para o teu professor.

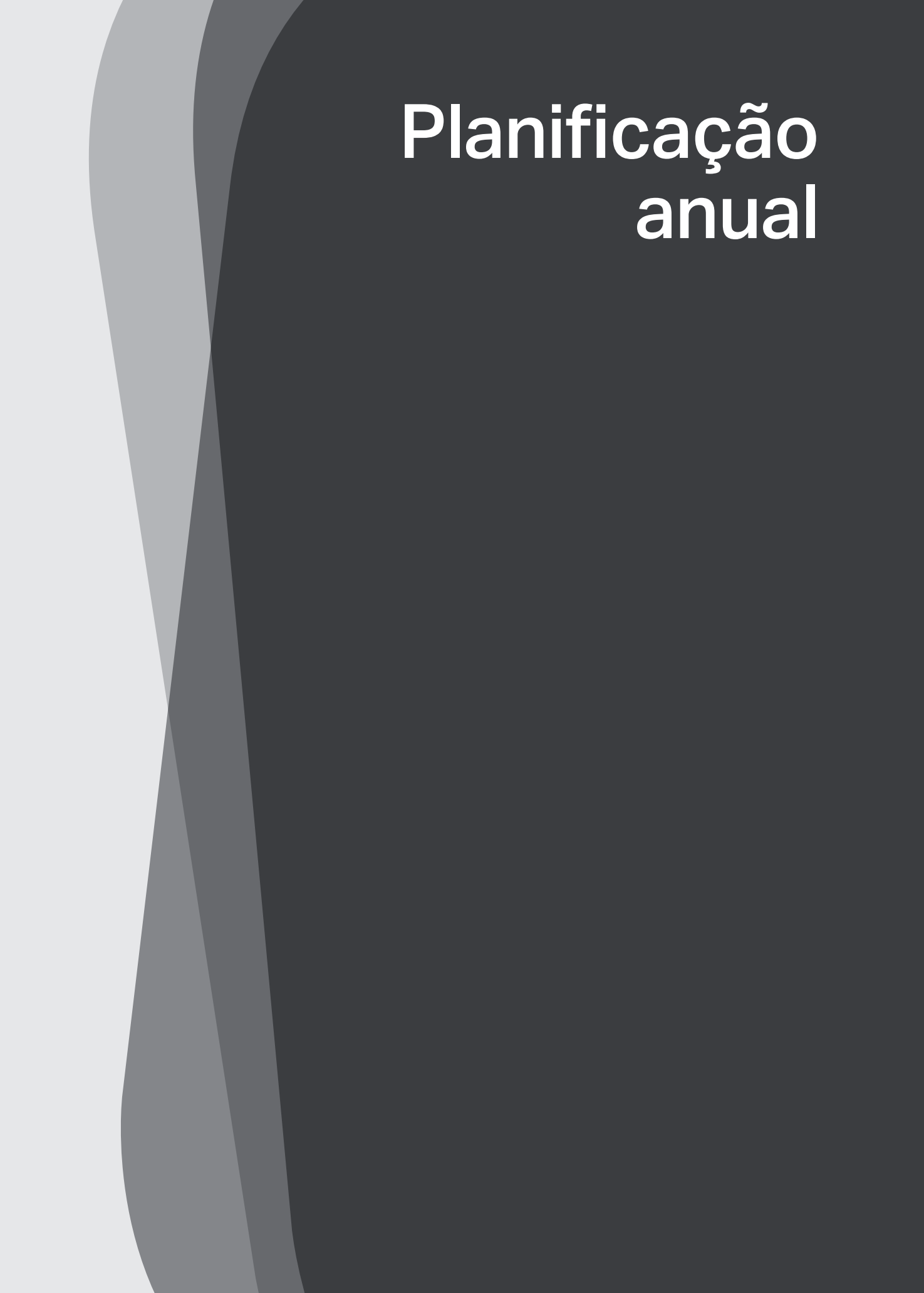
Preenche os espaços da tabela que se segue, no período letivo correspondente, utilizando os níveis: **1** (Não Aceitável); **2** (Aceitável); **3** (Satisfatório); **4** (Bom); **5** (Muito Bom).

Autoavaliação		1.º trimestre	2.º trimestre	3.º trimestre
Conhecimentos e competências	Participação nas aulas			
	Capacidade de analisar documentos (textos, imagens, mapas, cronologias, ...)			
	Capacidade de relacionar diferentes assuntos estudados			
	Apresentação oral de pesquisas individuais sobre os conteúdos			
	Realização de trabalhos temáticos sugeridos			
	Resultados obtidos nas fichas de avaliação			
Valores	Organização do caderno diário			
	Participação nos trabalhos de pares/grupo			
	Comportamento na sala de aula			
	Respeito pelos colegas, professor e regras de conduta			
	Concentração e empenho nas tarefas da aula			
	Realização dos trabalhos para casa			
	Assiduidade e pontualidade			
Por estas razões, autoavalio-me com o nível...				

Olhando para a tabela anterior, penso que a minha nota final deverá ser _____, porque _____

No 2.º trimestre, terei mais atenção a _____

No 3.º trimestre, terei mais atenção a _____



Planificação anual

Planificação anual

1.º trimestre

Tema	Conteúdos	Aulas (50 minutos)	Objetivos
Ficha de avaliação diagnóstica 1.º trimestre		1	Nota: de acordo com o Decreto-lei nº 30/2022 de 12 de julho, Artigo 22º, "2- A avaliação diagnóstica realiza-se no início de cada ano de escolaridade, trimestre ou unidade de ensino e sempre que seja considerada oportuna, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos, os conhecimentos e as capacidades necessárias para as novas aprendizagens, sendo a sua aplicação da responsabilidade do professor". As fichas de avaliação diagnóstica disponibilizadas neste Guia incidem sobre os conteúdos visados no trimestre anterior, exceto no caso desta primeira ficha, que incide sobre os conhecimentos que os alunos eventualmente já possuíam antes de contactar com a disciplina de Filosofia. Recomenda-se, portanto, a sua aplicação no início do trimestre.
1. Iniciação filosófica: o que é a Filosofia?	1.1. O conceito de filosofia	2	Compreender os problemas inerentes à definição do conceito de filosofia.
	1.2. A origem do filosofar	2	Conhecer situações e motivações que estejam na origem do filosofar.
	1.3. Filosofar espontâneo e filosofar sistemático	2	Diferenciar filosofia espontânea de filosofia sistemática, identificando na tradição oral de Cabo Verde elementos que indiquem o filosofar espontâneo.
	1.4. Problemas filosóficos e não filosóficos	3	Distinguir problemas filosóficos de problemas não filosóficos, reconhecendo a necessidade de questionar as crenças fundamentais.
	1.5. O objeto da Filosofia	2	Distinguir o objeto de estudo da Filosofia dos objetos de estudo das várias ciências, compreendendo o carácter antropológico e teórico-prático da Filosofia.
	1.6. O problema do método da Filosofia	3	Caracterizar o método da Filosofia, confrontando-o com o método das ciências empíricas e da Matemática, de modo a refletir sobre como se faz filosofia.
	1.7. Especificidades da Filosofia	4	Compreender as características específicas da Filosofia, reconhecendo e assimilando a importância das atitudes filosóficas e revelando esforços de desconstrução de estereótipos, crençades e superstições sociais.
	1.8. Características do saber filosófico	3	Compreender a especificidade do saber filosófico, a sua historicidade e universalidade, articulando estes aspetos com a origem histórica da Filosofia.

Tema	Conteúdos	Aulas (50 minutos)	Objetivos
2. Unidade antropológica	2.1. O que é o Homem? – dimensões física e espiritual 2.1.1. O conceito de “pessoa” 2.1.2. Será que temos uma alma imortal? 2.2. O Homem como ser em construção 2.3. O Homem como ser circunstancial 2.4. O Homem como ser cultural: a noção de cultura	1 1 1 1 1	Explicar o conceito de Homem na sua dimensão física e espiritual, perspetivando-o como uma unidade, e reconhecer as características da pessoa. Discutir criticamente algumas posições filosóficas relativas ao problema da imortalidade da alma. Compreender o Homem enquanto ser em construção e agente criador. Esclarecer a ideia de Homem enquanto ser circunstancial, compreendendo o conceito de circunstância. Compreender a dimensão cultural do Homem, tendo em conta o conceito de “cultura” e a relação entre cultura e aprendizagem.
Teste de avaliação sumativa 1		1	Nota: de acordo com o Decreto-lei n.º 30/2022 de 12 de julho, Artigo 25º, “2- No ensino secundário é obrigatório a realização de um número mínimo de dois momentos formais de avaliação sumativa, em cada trimestre, definidos em núcleos de coordenação e gestão curricular e grupos disciplinares”. Sendo que esses momentos vão variar conforme o decidido pelos vários núcleos de coordenação e gestão curricular e grupos disciplinares, fica a referência aos dois testes de avaliação sumativa no fim do respetivo trimestre nesta planificação, devendo cada professor aplicar os mesmos nos termos previstos no Decreto-lei.
Teste de avaliação sumativa 2		1	

2.º trimestre


Tema	Conteúdos	Aulas (50 minutos)	Objetivos
Ficha de avaliação diagnóstica 2.º trimestre		1	<p>Nota: de acordo com o Decreto-lei nº 30/2022 de 12 de julho, Artigo 22.º, "2- A avaliação diagnóstica realiza-se no início de cada ano de escolaridade, trimestre ou unidade de ensino e sempre que seja considerada oportuna, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos, os conhecimentos e as capacidades necessárias para as novas aprendizagens, sendo a sua aplicação da responsabilidade do professor". As fichas de avaliação diagnóstica disponibilizadas neste Guia incidem sobre os conteúdos visados no trimestre anterior (exceto no caso da primeira ficha). Por esse motivo, recomenda-se a sua aplicação no início do trimestre.</p>
2. Unidade antropológica	2.5. O Homem como produto e produtor de cultura	1	Compreender em que sentido o ser humano é, enquanto ser social e agente criador, produto e produtor de cultura.
	2.6. A diversidade cultural no mundo	2	Relacionar o conceito de "padrões de cultura" com a diversidade cultural, refletindo em torno das noções de "etnicidade", "racismo", "preconceito" e "discriminação", de modo a adotar uma atitude de tolerância perante a diversidade cultural e a valorizar a inclusão social.
	2.7. O Homem como ser intersubjetivo	2	Compreender a relação fundamental existente entre pessoa e sociedade, reconhecendo a centralidade do Homem como ser social e intersubjetivo.
	2.8. Dimensão simbólica: linguagem e pensamento 2.8.1. Linguagem, língua e fala	1	Compreender a relação entre linguagem, língua e fala, tendo em conta as noções de "emissor", "receptor", "mensagem" e "signo".
	2.8.2. A relação entre linguagem e pensamento	1	Relacionar linguagem e pensamento, mostrando a sua interdependência.
	2.9. Função argumentativa – persuasão e refutação	2	Compreender a função argumentativa, a função persuasiva e a função refutativa do discurso, relacionando-as com o <i>ethos</i> , o <i>pathos</i> e o <i>logos</i> .

Tema	Conteúdos	Aulas (50 minutos)	Objetivos
3. Unidade axiológica	3.1. Ações e acontecimentos, atos do Homem e atos humanos 3.2. Liberdade, responsabilidade e determinismo 3.2.1. A liberdade circunstancial e as condicionantes da ação humana	3	Distinguir "ação" de "acontecimento", "atos do Homem" de "atos humanos". Compreender as condicionantes da ação humana, em articulação com o conceito de "liberdade circunstancial".
	3.2.2. Três teorias acerca do livre-arbítrio	7	Conhecer e discutir criticamente as teses e os argumentos do determinismo radical, do libertismo e do determinismo moderado, enquanto respostas ao problema do livre-arbítrio.
Teste de avaliação sumativa 3		1	Nota: de acordo com o Decreto-lei n.º 30/2022 de 12 de julho, Artigo 25º, "2- No ensino secundário é obrigatório a realização de um número mínimo de dois momentos formais de avaliação sumativa, em cada trimestre, definidos em núcleos de coordenação e gestão curricular e grupos disciplinares." Sendo que esses momentos vão variar conforme o decidido pelos vários núcleos de coordenação e gestão curricular e grupos disciplinares, fica a referência aos dois testes de avaliação sumativa no fim do respetivo trimestre nesta planificação, devendo cada professor aplicar os mesmos nos termos previstos no Decreto-lei.
Teste de avaliação sumativa 4		1	

3.º trimestre

Tema	Conteúdos	Aulas (50 minutos)	Objetivos
Ficha de avaliação diagnóstica 3.º trimestre		1	<p>Nota: de acordo com o Decreto-lei nº 30/2022 de 12 de julho, Artigo 22º, "2- A avaliação diagnóstica realiza-se no início de cada ano de escolaridade, trimestre ou unidade de ensino e sempre que seja considerada oportuna, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos, os conhecimentos e as capacidades necessárias para as novas aprendizagens, sendo a sua aplicação da responsabilidade do professor". As fichas de avaliação diagnóstica disponibilizadas neste Guia incidem sobre os conteúdos visados no trimestre anterior (exceto no caso da primeira ficha). Por esse motivo, recomenda-se a sua aplicação no início do trimestre.</p>
3. Unidade axiológica	<p>3.3. Os valores 3.3.1. Noção de "valor": facto e valor 3.3.2. Polaridade, hierarquia, relativismo e universalidade dos valores 3.3.3. Valores e cultura 3.3.4. Os valores hoje – crise ou reformulação de valores?</p>	2 1 2 2	<p>Diferenciar "facto" de "valor" e "juízos de facto" de "juízos de valor".</p> <p>Compreender em que consistem a polaridade e a hierarquia dos valores, assim como a universalidade e o relativismo (relatividade) dos valores.</p> <p>Reconhecer a multiculturalidade como um facto e um modo de encarar a diversidade e a heterogeneidade das culturas, distinguindo o etnocentrismo do relativismo cultural e do interculturalismo.</p> <p>Compreender o sentido e os fatores explicativos da alegada crise de valores das sociedades atuais, refletindo também criticamente em torno da hipótese de existir uma reformulação de valores mais do que uma crise axiológica.</p>
4. As normas morais	<p>4.1. A ética das virtudes de Aristóteles 4.1.1. O bem supremo: a felicidade 4.1.2. As virtudes: éticas e dianoéticas</p>	1 2	<p>Reconhecer a felicidade como o fim último ou o bem supremo, segundo Aristóteles, relacionando-a com a atividade racional.</p> <p>Caracterizar as virtudes éticas e as virtudes dianoéticas, distinguindo-as e relacionando-as, de acordo com Aristóteles.</p>

Tema	Conteúdos	Aulas (50 minutos)	Objetivos	
4. As normas morais (continuação)	4.1.3. A felicidade perfeita	1	Reconhecer, tendo em conta as características do intelecto, a importância da atividade teórica ou contemplativa para Aristóteles, articulando-a com a felicidade suprema do ser humano.	
	4.1.4. Objeções à ética aristotélica	1	Posicionar-se criticamente, conhecendo algumas objeções, em relação à ética de Aristóteles.	
	4.2. A ética deontológica de Immanuel Kant 4.2.1. A boa vontade	2	Caracterizar a boa vontade, de acordo com a perspetiva de Kant, tendo em conta a centralidade da intenção enquanto critério para determinar o valor moral de uma ação.	
	4.2.2. O dever	1	Diferenciar ações contrárias ao dever, meramente conformes ao dever e por dever, no contexto da relação entre "dever" e "boa vontade".	
	4.2.3. O imperativo categórico	3	Compreender o imperativo categórico, contrastando-o com o imperativo hipotético, tendo em conta as fórmulas em que ele se expressa, as suas implicações em termos de deveres e a autonomia da vontade, que lhe está associada.	
	4.2.4. Objeções aos preceitos da ética kantiana	1	Posicionar-se criticamente, conhecendo algumas objeções, em relação à ética kantiana.	
	4.3. A ética consequencialista de John Stuart Mill 4.3.1. O hedonismo	1	Compreender e caracterizar do hedonismo qualitativo de Stuart Mill, em confronto com o hedonismo quantitativo de Jeremy Bentham.	
	4.3.2. O consequencialismo	1	Compreender em que sentido as consequências constituem o critério para determinar o valor moral de uma ação, articulando esse aspeto com o princípio da utilidade ou da maior felicidade.	
	Teste de avaliação sumativa 5		1	Nota: de acordo com o Decreto-lei n.º 30/2022 de 12 de julho, Artigo 25º, "2- No ensino secundário é obrigatório a realização de um número mínimo de dois momentos formais de avaliação sumativa, em cada trimestre, definidos em núcleos de coordenação e gestão curricular e grupos disciplinares.". Sendo que esses momentos vão variar conforme o decidido pelos vários núcleos de coordenação e gestão curricular e grupos disciplinares, fica a referência aos dois testes de avaliação sumativa no fim do respetivo trimestre nesta planificação, devendo cada professor aplicar os mesmos nos termos previstos no Decreto-lei.
	Teste de avaliação sumativa 6		1	



Planos de aula

Iniciação filosófica: o que é a Filosofia?

1.1. O conceito de filosofia

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecer o problema do conceito de filosofia (páginas 10 e 11). • Reconhecer as dificuldades inerentes à definição do conceito de filosofia (páginas 12 e 13). • Conhecer a origem etimológica da palavra “filosofia” (páginas 12 e 13).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 10 a 13. • Manual Digital: Documento – Karl Jaspers: biografia (página 13).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 2, 3 e 4 (páginas 10, 11 e 13). • Análise do recurso: Documento – Karl Jaspers: biografia. • Resolução das Atividades (página 13).

1.2. A origem do filosofar

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Questionar a origem do filosofar (páginas 14 e 15). • Conhecer as situações e motivações que possam estar na origem do filosofar (páginas 15 a 17). • Reconhecer a importância do espanto, da dúvida, das situações-limite e da vontade de autêntica comunicação para a compreensão da origem do filosofar (páginas 15 a 17).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 14 a 18. • Manual Digital: Áudio – Biografia de Platão (página 15); Documento – Platão: biografia (página 15).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 5 e 6 (páginas 14 e 18). • Análise dos recursos: Áudio – Biografia de Platão; Documento – Platão: biografia. • Resolução das Atividades (página 18).

1.3. Filosofar espontâneo e filosofar sistemático

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a universalidade do questionar filosófico (página 19). • Distinguir filosofia espontânea de filosofia sistemática (páginas 20, 21 e 22). • Identificar, na tradição oral de Cabo Verde, ditados, sentenças e provérbios que indiciam o filosofar espontâneo do povo das ilhas (página 22).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 19 a 23.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 7, 8, 9 e 10 (páginas 19, 20 e 22). • Resolução das Atividades (página 23).

1.4. Problemas filosóficos e não filosóficos

Aulas	3 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecer o conceito de “problema” e a importância do problema filosófico (páginas 24 e 25). • Diferenciar questões/problemas filosóficos de questões/problemas não filosóficos (páginas 26 e 27). • Enquadrar as questões filosóficas nas respectivas disciplinas filosóficas (páginas 26 e 27). • Compreender a necessidade de questionar as crenças fundamentais (página 27). • Conhecer as características das questões filosóficas (página 28).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 24 a 28. • Manual Digital: Áudio – As questões da filosofia (página 24); Áudio – A importância da filosofia (página 25); Vídeo – O que é uma questão filosófica? (página 26); Áudio – A filosofia faz a crítica das nossas crenças (Stolnitz) (página 27); Áudio – O questionar filosófico (página 28).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 11 (página 25). • Análise dos recursos: Áudio – As questões da filosofia; Áudio – A importância da filosofia; Vídeo – O que é uma questão filosófica?; Áudio – A filosofia faz a crítica das nossas crenças (Stolnitz); Áudio – O questionar filosófico. • Resolução das Atividades (página 28).

1.5. Problemas filosóficos e não filosóficos

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Problematicar o objeto da Filosofia (páginas 29 e 30). • Distinguir o objeto de estudo da Filosofia dos objetos de estudo das várias ciências (páginas 29 e 30). • Compreender o carácter antropológico da Filosofia (página 30). • Diferenciar as duas dimensões da Filosofia (páginas 30 e 31).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 29 a 31. • Manual Digital: Vídeo – Filosofia: objeto, método e teorias (página 30).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 12 (página 29). • Análise do recurso: Vídeo – Filosofia: objeto, método e teorias. • Resolução das Atividades (página 31).

Teste de avaliação sumativa 1, Teste A – 1.º trimestre

Aulas	1 aula de 50 minutos
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Guia do Professor: Teste de avaliação sumativa 1, Teste A – 1.º trimestre (páginas 108-115).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução do Teste de avaliação sumativa 1, Teste A – 1.º trimestre.

1.6. O problema do método da Filosofia

Aulas	3 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Problematicar o método filosófico (páginas 32 e 33). • Diferenciar o método da Filosofia do método das ciências empíricas e da Matemática (páginas 32 a 34). • Caracterizar o método da Filosofia (página 34). • Refletir sobre o modo como se faz filosofia (página 34).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 32 a 35.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 13 (página 32). • Resolução das Atividades (página 35).

1.7. Especificidades da Filosofia

Aulas	4 aulas de 50 minutos
<p>Objetivos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as características específicas da Filosofia (páginas 36 a 42). • Refletir sobre a importância da atitude interrogativa (páginas 36 e 37). • Reconhecer em que medida a Filosofia é radical e antidogmática (páginas 37 e 38). • Compreender o sentido da expressão “douta ignorância” (página 38). • Esclarecer o papel do espírito crítico na atividade filosófica (página 39). • Explicar em que sentido o pensamento filosófico assenta no rigor conceptual e argumentativo (página 40). • Relacionar a Filosofia com a autonomia e a autenticidade (páginas 40 e 41). • Reconhecer a existência de um diálogo entre o pensar e o agir (página 41). • Reconhecer e assimilar a importância das atitudes filosóficas decorrentes da sua especificidade evidenciando-as nos debates e na vida real (páginas 36 a 42). • Revelar esforços de desconstrução de estereótipos, credências e superstições sociais (páginas 36 a 42).
<p>Recursos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 36 a 42. • Manual Digital: Áudio – A filosofia não é um luxo (Shand) (página 36); Áudio – Razões para estudar filosofia (página 37); Áudio – Os problemas da filosofia (página 41); Áudio – As respostas filosóficas (página 42).
<p>Sugestões metodológicas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 14, 15, 16 e 17 (páginas 37, 38, 39 e 41). • Análise dos recursos: Áudio – A filosofia não é um luxo (Shand); Áudio – Razões para estudar filosofia; Áudio – Os problemas da filosofia; Áudio – As respostas filosóficas. • Resolução das Atividades (página 42). Sugere-se que os alunos façam, antes do debate proposto, um registo, no caderno diário, dos argumentos a favor e contra as teses apresentadas.

1.8. Características do saber filosófico

Aulas	3 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a especificidade do saber filosófico a partir dos conceitos de historicidade e universalidade (páginas 43 a 45). • Identificar a origem histórica da Filosofia (páginas 45 e 46). • Conhecer os principais filósofos e as correntes filosóficas da Grécia Antiga (página 46).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 43 a 51. • Manual Digital: Áudio – O que é a filosofia? (página 44); Áudio – O que é a filosofia? (Descartes) (página 44); EVStory – O que é a filosofia? (página 44); Atividade – Friso cronológico – Filosofia antiga (página 46); Vídeo – A Escola de Atenas (página 46).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 18 (página 44). • Análise dos recursos: Áudio – O que é a filosofia?; Áudio – O que é a filosofia? (Descartes); EVStory – O que é a filosofia?; Atividade – Friso cronológico – Filosofia antiga; Vídeo – A Escola de Atenas. • Resolução das Atividades (página 47). • Resolução da Ficha de trabalho (páginas 50 e 51).

Teste de avaliação sumativa 2, Teste B – 1.º trimestre

Aulas	1 aula de 50 minutos
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Guia do Professor: Teste de avaliação sumativa 2, Teste B – 1.º trimestre (páginas 112 a 115).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução do Teste de avaliação sumativa 2, Teste B – 1.º trimestre.

Unidade antropológica

2.1. O que é o Homem? – dimensões física e espiritual

2.1.1. O conceito de “pessoa”

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar o conceito de Homem na sua dimensão física e espiritual (páginas 56 a 57). • Perspetivar o sujeito humano como uma unidade (página 57). • Conhecer as características da pessoa (páginas 57 a 59).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 56 a 60.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 3 (página 57). • Resolução das Atividades (página 60).

2.1.2. Será que temos uma alma imortal?

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar o conceito de alma (página 60). • Compreender o argumento platónico da simplicidade da alma (páginas 61 e 62). • Conhecer as objeções ao argumento de Platão. (páginas 62 e 63).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 60 a 64.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 4 e 5 (páginas 62 e 63). • Resolução das Atividades (página 64).

2.2. O Homem como ser em construção

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o Homem enquanto ser em construção (páginas 65 a 67). • Compreender o ser humano como um animal inquieto e um agente criador (páginas 65 e 66). • Reconhecer a pessoa como um ser humano em construção (página 67).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 65 a 67. • Manual Digital: Vídeo – Pessoa e cultura (página 67).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 6 e 7 (páginas 65 e 66). • Análise do recurso: Vídeo – Pessoa e cultura (página 67). • Resolução das Atividades (página 67).

2.3. O Homem como ser circunstancial

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecer a ideia de Homem enquanto ser circunstancial (páginas 68 a 70). • Explicar o conceito de "circunstância" (página 68 e 69). • Caracterizar a circunstância (página 69).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 68 a 70.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 8 e 9 (páginas 68 e 70). • Resolução das Atividades (página 70).

2.4. O Homem como ser cultural: a noção de cultura

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Deduzir a dimensão cultural do Homem (página 71). • Relacionar cultura e natureza (página 71). • Definir o conceito de "cultura" (página 72). • Relacionar cultura e aprendizagem (páginas 72 e 73).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 71 a 73. • Manual Digital: Vídeo – A cultura (página 72).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 10 e 11 (páginas 71 e 73). • Análise do recurso: Vídeo – A cultura (página 72). • Resolução das Atividades (página 73).

2.5. O Homem como produto e produtor de cultura

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender em que sentido o ser humano é produto e produtor de cultura (páginas 74 a 77). • Relacionar o agente criador com o produtor de cultura (páginas 75 e 76). • Conhecer vários exemplos de produção de cultura (página 75).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 74 a 77.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 12 e 13 (páginas 75 e 77). • Resolução das Atividades (página 77).

2.6. A diversidade cultural no mundo

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o conceito de “padrões de cultura” (página 78). • Refletir sobre a noção de “etnicidade” (página 79). • Compreender e relacionar os conceitos de “racismo”, “preconceito” e “discriminação” (página 80). • Adotar uma atitude de tolerância perante a diversidade cultural e valorizar a inclusão social (páginas 80 e 81). • Reconhecer a importância da diversidade cultural. (páginas 80 e 81). • Analisar a pluralidade cultural existente no mundo (páginas 80 a 82).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 78 a 82. • Manual Digital: Áudio – Organizar ideias – A cultura (página 81); Áudio – Em síntese: Cultura (página 81).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 14, 15, e 16 (páginas 78, 81 e 82). • Análise dos recursos: Áudio – Organizar ideias – A cultura; Áudio – Em síntese: Cultura. • Resolução das Atividades (página 82). Sugere-se que os alunos façam, antes do debate proposto, um registo, no caderno diário, dos argumentos a favor e contra as teses apresentadas.

2.7. O Homem como ser intersubjetivo

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar a dimensão intersubjetiva do Homem (páginas 83 a 86). • Compreender o carácter indissociável da relação do sujeito com os outros e da sua relação consigo próprio (página 83). • Problematizar a teoria do egoísmo ético (páginas 83 e 84). • Ver o outro enquanto sujeito de direitos e não enquanto mero objeto (páginas 84 a 86). • Conhecer os atos originais fundadores da sociedade (página 85). • Compreender a relação fundamental existente entre pessoa e sociedade (página 86). • Reconhecer a centralidade do Homem como ser social e intersubjetivo (página 86).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 83 a 86.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 17 e 18 (páginas 84 e 85). • Resolução das Atividades (página 86).

2.8. Dimensão simbólica: linguagem e pensamento

2.8.1. Linguagem, língua e fala

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender em que consiste a linguagem (páginas 87 e 88). • Compreender a relação entre emissor, recetor e mensagem (página 88). • Conhecer os diferentes tipos de signos (página 89). • Relacionar linguagem, língua e fala (páginas 90 e 91). • Explicar em que medida o ser humano é um animal simbólico (páginas 91 e 92).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 87 a 92.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 19 e 20 (páginas 87 e 92). • Resolução das Atividades (página 92).

2.8. Dimensão simbólica: linguagem e pensamento

2.8.2. A relação entre linguagem e pensamento

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecer em que consiste o pensamento (página 93). • Relacionar linguagem e pensamento (páginas 93 a 96). • Mostrar em que sentido o pensamento se encontra enraizado na linguagem (páginas 94 a 96).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 93 a 96.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 21 e 22 (páginas 94 e 95). • Resolução das Atividades (página 96).

2.9. Função argumentativa – persuasão e refutação

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar lógica, discurso e argumentação (página 97). • Caracterizar a argumentação (páginas 98 e 99). • Relacionar retórica e argumentação (página 99). • Compreender a distinção entre <i>ethos</i>, <i>pathos</i> e <i>logos</i> (páginas 99 a 101). • Compreender a função argumentativa, a função persuasiva e a função refutativa do discurso (páginas 101 e 102). • Distinguir persuasão de refutação (páginas 101 e 102). • Saber negar proposições (páginas 102 e 103).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 97 a 107. • Manual Digital: Vídeo – Persuasão e manipulação (página 100); Áudio – Persuasão (página 101); Vídeo – Argumentação como processo comunicativo (página 101); Vídeo – Proposições (página 103).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 23 e 24 (páginas 98 e 99). • Análise dos recursos: Vídeo – Persuasão e manipulação; Áudio – Persuasão; Vídeo – Argumentação como processo comunicativo; Vídeo – Proposições. • Resolução das Atividades (página 103). • Resolução da Ficha de trabalho (páginas 106 e 107).

Teste de avaliação 3, Teste A – 2.º trimestre

Aulas	1 aula de 50 minutos
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Guia do Professor: Teste de avaliação 3, Teste A – 2.º trimestre (páginas 116 a 119).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução do Teste de avaliação 3, Teste A – 2.º trimestre.

Unidade axiológica – ação humana, os valores e as culturas

3.1. Ações e acontecimentos, atos do Homem e atos humanos

Aulas	3 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Distinguir ação de acontecimento (páginas 112 e 113). • Conhecer exemplos de meros acontecimentos e de ações (página 114). • Distinguir ato voluntário de ato involuntário (páginas 113 a 117). • Compreender a diferença entre atos humanos e atos do Homem (páginas 116 e 117).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 112 a 118. • Manual Digital: Vídeo – Acontecimentos e atos (página 112); Áudio – Ação humana (página 117).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 2 e 3 (páginas 114 e 115). • Análise dos recursos: Vídeo – Acontecimentos e atos; Áudio – Ação humana. • Resolução das Atividades (página 118).

3.2. Liberdade, responsabilidade e determinismo

3.2.1. A liberdade circunstancial e as condicionantes da ação humana

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o conceito de “liberdade circunstancial” (página 119). • Identificar as condicionantes da ação humana (páginas 120 e 121). • Conhecer exemplos de diversos tipos de condicionantes da ação humana (páginas 121 e 122). • Perspetivar as condicionantes da ação humana como limites e condições de possibilidade. (página 121).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 119 a 122.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 4 (página 122). • Resolução das Atividades (página 122).

3.2.2. Três teorias acerca do livre-arbítrio

Aulas	7 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o conceito de “livre-arbítrio” (página 123). • Formular o problema do livre-arbítrio, justificando a sua pertinência filosófica (página 123). • Relacionar livre-arbítrio e responsabilidade (página 123). • Explicar em que consiste o determinismo (páginas 124 e 125). • Enunciar a tese do determinismo radical enquanto resposta ao problema do livre-arbítrio (páginas 126 e 127). • Discutir criticamente a posição do determinismo radical e os respetivos argumentos (página 128). • Expor a tese do libertismo enquanto resposta ao problema do livre-arbítrio (páginas 128 a 130). • Discutir a posição do libertismo e os respetivos argumentos (página 129). • Explicitar a tese do determinismo moderado enquanto resposta ao problema do livre-arbítrio (páginas 131 a 133). • Distinguir “ações livres” de “ações não livres” (página 132). • Discutir criticamente a posição do determinismo moderado e os respetivos argumentos (páginas 133 e 134).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 123 a 134. • Manual Digital: Vídeo – Determinismo e liberdade na ação humana (página 126); Áudio – Determinismo e liberdade na ação humana (página 131); Áudio – Determinismo moderado ou compatibilismo (página 131); Vídeo – O agente: liberdade e responsabilidade (página 132).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 5, 6 e 7 (páginas 127, 130 e 133). • Análise dos recursos: Vídeo – Determinismo e liberdade na ação humana; Áudio – Determinismo e liberdade na ação humana; Áudio – Determinismo moderado ou compatibilismo; Vídeo – O agente: liberdade e responsabilidade. • Resolução das Atividades (página 134).

Teste de avaliação 4, Teste B – 2.º trimestre

Aulas	1 aula de 50 minutos
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Guia do Professor: Teste de avaliação 4, Teste B – 2.º trimestre (páginas 120 a 124).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução do Teste de avaliação 4, Teste B – 2.º trimestre.

3.3. Os valores

3.3.1. Noção de “valor”: facto e valor

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Diferenciar “facto” de “valor” (páginas 135 e 136). Caracterizar a experiência valorativa (páginas 136 e 137). Diferenciar “juízos de facto” de “juízos de valor” (páginas 138 e 139). Conhecer exemplos de juízos de facto e de juízos de valor (páginas 138 e 139).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> Manual: páginas 135 a 139. Manual Digital: Vídeo – A natureza dos valores (página 136).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> Análise e interpretação do Texto 8 (página 137). Análise do recurso: Vídeo – A natureza dos valores. Resolução das Atividades (página 139).

3.3.2. Polaridade, hierarquia, relativismo e universalidade dos valores

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Compreender em que consistem a polaridade e a hierarquia dos valores (página 140). Conhecer a tábua de valores de Max Scheler (páginas 140 e 141). Distinguir a universalidade do relativismo (relatividade) dos valores (página 140).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> Manual: páginas 140 a 142. Manual Digital: Vídeo – Valores e valoração (página 140).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> Análise e interpretação do Texto 9 (página 141). Análise do recurso: Vídeo – Valores e valoração. Resolução das Atividades (página 142).

3.3.3. Valores e cultura

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância do processo de socialização (páginas 143 e 144). • Reconhecer a multiculturalidade como um facto e um modo de encarar a diversidade e a heterogeneidade das culturas (página 145). • Caracterizar o etnocentrismo e o relativismo cultural (páginas 146 e 147). • Refletir sobre a importância da tolerância e sobre o paradoxo da tolerância (páginas 147 e 148). • Caracterizar o interculturalismo (página 148).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 143 a 148. • Manual Digital: Áudio – Relativismo cultural (página 146); Áudio – Vamos debater – Relativismo cultural (página 146); Áudio – O paradoxo da tolerância (página 147); Áudio – Paradoxo da tolerância (página 147); Atividade – Leitura orientada: Paradoxo da tolerância (página 147).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 10 e 11 (páginas 144 e 147). • Análise dos recursos: Áudio – Relativismo cultural; Áudio – Vamos debater – Relativismo cultural; Áudio – O paradoxo da tolerância; Áudio – Paradoxo da tolerância; Atividade – Leitura orientada: Paradoxo da tolerância. • Resolução das Atividades (página 148).

3.3.4. Os valores hoje – crise ou reformulação de valores?

Aulas	2 aulas de 50 minutos
<p>Objetivos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender em que consiste uma crise de valores (página 149). • Conhecer os fatores explicativos da alegada crise de valores das sociedades atuais (páginas 150). • Articular as noções de “relativismo”, “nihilismo”, “narcisismo” e “individualismo” com o conceito de “crise de valores” (página 150). • Relacionar a existência, na atualidade, de diversas concepções éticas, estéticas e religiosas com o relativismo axiológico (páginas 151 e 152). • Conhecer os valores que são defendidos atualmente, contrastando com o que sucedia antigamente (página 153). • Posicionar-se criticamente perante a hipótese de existir, atualmente, uma reformulação de valores mais do que uma crise de valores (páginas 149 a 153).
<p>Recursos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 149 a 157. • Manual Digital: Áudio – A subjetividade dos valores (Russell) (página 150).
<p>Sugestões metodológicas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 12 e 13 (páginas 151 e 152). • Análise do recurso: Áudio – A subjetividade dos valores (Russell). • Resolução das Atividades (página 153). Sugere-se que os alunos façam, antes do debate proposto, um registo, no caderno diário, dos argumentos a favor e contra as teses apresentadas. • Resolução da Ficha de trabalho (páginas 156 e 157).

As normas morais

4.1. A ética das virtudes de Aristóteles

4.1.1. O bem supremo: a felicidade

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a felicidade como o fim último ou o bem supremo, segundo Aristóteles (página 163). • Conhecer diferentes visões acerca do que é a felicidade (páginas 164 e 165). • Relacionar a felicidade com a atividade racional, tendo em conta a perspetiva de Aristóteles (páginas 164 a 166).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 163 a 166.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 2 e 3 (páginas 164 e 165). • Resolução das Atividades (página 166).

4.1.2. As virtudes: éticas e dianoéticas

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar as virtudes com as “partes” da alma, segundo Aristóteles (página 167). • Caracterizar as virtudes éticas (páginas 168 a 170). • Conhecer exemplos de virtudes éticas, enquanto justo meio, por contraste com os extremos viciosos (páginas 168 a 170). • Distinguir a justiça distributiva da justiça corretiva (página 170). • Caracterizar as virtudes dianoéticas (páginas 171 a 173). • Relacionar as virtudes éticas com a virtude dianoética da prudência (página 172). • Distinguir “prudência” de “sabedoria” (páginas 171 a 173).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 167 a 173.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 4 e 5 (páginas 169 e 171). • Resolução das Atividades (página 173).

4.1.3. A felicidade perfeita

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância da atividade teórica ou contemplativa para Aristóteles (páginas 174 e 175). • Caracterizar o intelecto, segundo Aristóteles (página 174). • Caracterizar a felicidade suprema do ser humano, segundo Aristóteles (página 175).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 174 e 175.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 6 (página 174). • Resolução das Atividades (página 175).

4.1.4. Objeções à ética aristotélica

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as objeções à ética de Aristóteles (páginas 176 a 178). • Posicionar-se criticamente em relação à ética de Aristóteles (páginas 176 a 178).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 176 a 178.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 7 (página 176). • Resolução das Atividades (página 178).

Teste de avaliação 5, Teste A – 3.º trimestre

Aulas	1 aula de 50 minutos
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Guia do Professor: Teste de avaliação 5, Teste A – 3.º trimestre (páginas 125 a 129).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução do Teste de avaliação 5, Teste A – 3.º trimestre.

4.2. A ética deontológica de Immanuel Kant

4.2.1. A boa vontade

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Explicitar o problema da fundamentação da moral (página 179). • Caracterizar a boa vontade, de acordo com a perspectiva de Kant (páginas 180 e 181). • Examinar em que medida a intenção é o critério para determinar o valor moral de uma ação (páginas 181 e 182). • Analisar em que consiste uma boa intenção (páginas 181 e 182). • Distinguir o plano da sensibilidade do plano da razão (página 182).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 179 a 182. • Manual Digital: Atividade – Immanuel Kant (página 179); Áudio – Immanuel Kant (página 179); Vídeo – A ética deontológica de Kant (página 179); Atividade – A boa vontade (página 181).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 8 (página 180). • Análise dos recursos: Atividade – Immanuel Kant; Áudio – Immanuel Kant; Vídeo – A ética deontológica de Kant; Atividade – A boa vontade. • Resolução das Atividades (página 182).

4.2.2. O dever

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Distinguir as seguintes ações: contrárias ao dever, meramente conformes ao dever e por dever (páginas 183 e 184). • Distinguir "moralidade" de "legalidade" (páginas 184 e 185). • Relacionar "boa vontade" e "dever" (página 185).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 183 a 185. • Manual Digital: Áudio – O princípio do dever (Kant) (página 184); Áudio – A boa vontade (Kant) (página 185).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 9 (página 185). • Análise dos recursos: Áudio – O princípio do dever (Kant); Áudio – A boa vontade (Kant). • Resolução das Atividades (página 185).

4.2.3. O imperativo categórico

Aulas	3 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Diferenciar imperativo categórico de imperativo hipotético (página 186). • Caracterizar o imperativo categórico de Kant (página 187). • Compreender a fórmula da lei universal (páginas 188 a 191). • Compreender o conceito de “máxima” (página 188). • Distinguir deveres perfeitos de deveres imperfeitos (página 189). • Aplicar as duas fórmulas do imperativo categórico a exemplos concretos (páginas 188 a 192). • Compreender a fórmula da humanidade (páginas 188, 191 e 192). • Diferenciar autonomia de heteronomia (páginas 192 e 193). • Articular a autonomia da vontade com a liberdade moral do agente (páginas 192 e 193).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 186 a 193. • Manual Digital: Atividade – Kant – O imperativo categórico (página 187); Áudio – A fórmula da lei universal (Kant) (página 188); Áudio – A fórmula da humanidade (Kant) (página 188); Áudio – A ética deontológica de Kant (página 193).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 10 e 11 (páginas 187 e 190). • Análise dos recursos: Atividade – Kant – O imperativo categórico; Áudio – A fórmula da lei universal (Kant); Áudio – A fórmula da humanidade (Kant); Áudio – A ética deontológica de Kant. • Resolução das Atividades (página 193).

4.2.4. Objeções aos preceitos da ética kantiana

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as objeções aos preceitos da ética kantiana (páginas 194 e 195). • Posicionar-se criticamente em relação à ética de Kant (páginas 194 e 195).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 194 a 196.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 12 (página 195). Sugere-se que os alunos façam, antes do debate proposto, um registo, no caderno diário, dos argumentos a favor e contra as teses apresentadas. • Resolução das Atividades (página 196).

4.3. A ética consequencialista de John Stuart Mill

4.3.1. O hedonismo

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Esclarecer em que sentido o utilitarismo de Stuart Mill constitui um exemplo de uma ética teleológica e consequencialista (página 197). • Explicar em que consiste o hedonismo (páginas 197 e 198). • Diferenciar o hedonismo quantitativo de Jeremy Bentham do hedonismo qualitativo de Stuart Mill (páginas 197 a 200). • Explicitar a distinção entre prazeres inferiores e prazeres superiores (páginas 198 a 200).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 197 a 200. • Manual Digital: Atividade – Mill: biografia (página 197); Áudio – John Stuart Mill e Harriet Taylor (página 197); Vídeo – A ética utilitarista de Mill (página 197); Atividade – Stuart Mill – O hedonismo qualitativo (página 199).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 13 (página 199). • Análise dos recursos: Atividade – Mill: biografia; Áudio – John Stuart Mill e Harriet Taylor; Vídeo – A ética utilitarista de Mill; Atividade – Stuart Mill – O hedonismo qualitativo. • Resolução das Atividades (página 200).

4.3.2. O consequencialismo

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Examinar em que medida as consequências são o critério para determinar o valor moral de uma ação (páginas 202 a 203). • Compreender o princípio da utilidade ou princípio da maior felicidade (páginas 200 e 201). • Distinguir as ações moralmente corretas das ações moralmente incorretas (página 202). • Explicar por que razão para o consequencialismo não existem regras morais absolutas (página 202).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 200 a 203.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 14 (página 201). • Resolução das Atividades (página 203).

4.3.3. Padrão utilitarista e princípios secundários

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a importância dos princípios secundários ou regras da moralidade comum no âmbito da ética consequencialista ou utilitarista (páginas 204 e 205). • Reconhecer em que aspetos Mill centra a força da moralidade utilitarista (página 206). • Mostrar em que medida a virtude está associada à felicidade (página 206).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 204 a 206. • Manual Digital: Atividade – Stuart Mill – Padrão utilitarista e princípios secundários (página 204); Atividade – Entender a ética utilitarista de Mill (página 205); Áudio – O utilitarismo (página 206).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 15 (página 205). • Análise dos recursos: Atividade – Stuart Mill – Padrão utilitarista e princípios secundários; Atividade – Entender a ética utilitarista de Mill; Áudio – O utilitarismo. • Resolução das Atividades (página 206). Sugere-se que os alunos façam, antes do debate proposto, um registo, no caderno diário, dos argumentos a favor e contra as teses apresentadas.

4.3.4. Objeções aos preceitos da ética de John Stuart Mill

Aulas	1 aula de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as objeções aos preceitos da ética de John Stuart Mill (páginas 207 a 209). • Posicionar-se criticamente em relação à ética de John Stuart Mill (páginas 207 a 209).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 207 a 209.
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação do Texto 16 (página 208). • Resolução das Atividades (página 209).

4.3.5. Diferenças entre a ética kantiana e a ética de John Stuart Mill

Aulas	2 aulas de 50 minutos
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as diferenças entre a ética deontológica de Kant e a ética consequencialista de Mill (página 210). • Refletir sobre as diferenças entre as éticas de Kant e Mill a partir de exemplos concretos (páginas 211 a 213).
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Manual: páginas 210 a 217. • Manual Digital: Atividade – Distinguir a ética de Kant da de Stuart Mill (página 210); Atividade – Distinguir o utilitarismo da ética kantiana (página 210).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Análise e interpretação dos Textos 17 e 18 (páginas 211 e 212). Relativamente ao exercício do texto 17, sugere-se que os alunos façam, antes do debate proposto, um registo, no caderno diário, dos argumentos a favor e contra as teses apresentadas. • Análise dos recursos: Atividade – Distinguir a ética de Kant da de Stuart Mill; Atividade – Distinguir o utilitarismo da ética kantiana. • Resolução das Atividades (página 213). Sugere-se que os alunos façam, antes do debate proposto, um registo, no caderno diário, dos argumentos a favor e contra as teses apresentadas. • Resolução da Ficha de trabalho (páginas 216 e 217).

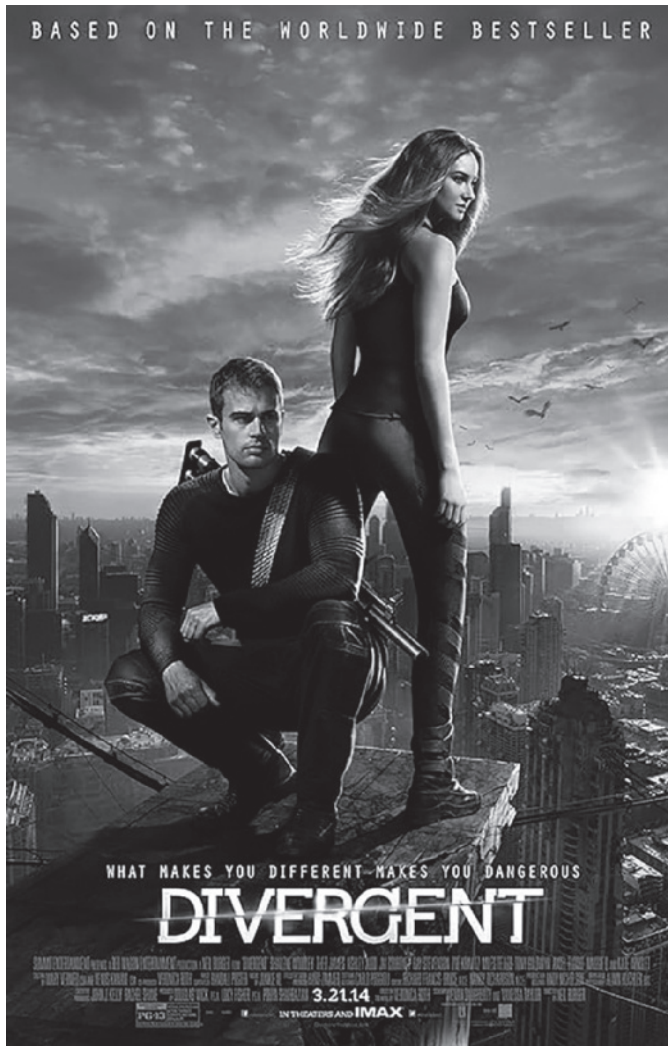
Teste de avaliação sumativa 6, Teste B – 3.º trimestre

Aulas	1 aula de 50 minutos
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> • Guia do Professor: Teste de avaliação sumativa 6, Teste B – 3.º trimestre (páginas 130 a 134).
Sugestões metodológicas	<ul style="list-style-type: none"> • Resolução do Teste de avaliação sumativa 6, Teste B – 3.º trimestre.



Guiões de filmes

Divergente



Ficha técnica

Título: *Divergente (Divergent)*

Realização: Neil Burger

Duração: 140 minutos

Ano: 2014

País: Estados Unidos da América

Classificação: M/12

Análise e interpretação

- 1 Relaciona, usando um exemplo extraído do filme, a ação dos divergentes com as seguintes características específicas da Filosofia:
 - atitude interrogativa;
 - espírito crítico;
 - autonomia;
 - autenticidade.

Divergente

Resumo

Divergente é um filme de ficção científica que explora temas como identidade, liberdade e opressão, evidenciando a luta da protagonista contra um sistema que, temendo a diversidade, procura eliminar os divergentes.

A ação decorre numa sociedade futurista que se encontra dividida em cinco fações: a Abnegação (fação dos que vivem uma vida simples, são altruístas e se dedicam a ajudar os outros); a Amizade (fação dos cordiais, que trabalham a terra e cultivam a bondade e a harmonia); a Audácia (fação dos corajosos, dos soldados, da polícia); a Erudição (fação dos inteligentes, dos que valorizam o conhecimento e a lógica); e a Franqueza (fação dos que defendem a honestidade e a ordem, dizendo sempre a verdade, mesmo quando não queremos ouvir).

Aos 16 anos, os jovens passam por um teste de aptidão para descobrir a fação que melhor combina com eles, embora possam escolher livremente onde querem ficar. Todavia, uma vez feita a escolha, nenhuma mudança será permitida.

Beatrice "Tris" Prior descobre, no teste, que é divergente, ou seja, não se encaixa numa única fação, tornando-se uma ameaça ao sistema e à ordem social. Apesar de crescer na Abnegação, ela escolhe a Audácia. Aí, enfrenta vários desafios e tenta ocultar a sua verdadeira identidade. O seu instrutor (Quatro) apercebe-se da sua condição e procura ajudá-la.

Entretanto, Jeanine Matthews, líder da Erudição, planeia um golpe contra a Abnegação, que nessa altura é responsável por governar a sociedade. Ela usa um soro de controlo mental para manipular os membros da Audácia e transformar os seus soldados em assassinos. Tris resistiu ao controlo, embora tenha perdido os pais durante a luta. Ajudada por Quatro, ela consegue desativar o sistema de controlo e dar início à fuga, com alguns aliados.

Sugestão de resposta

Divergente

1. Neste filme, os divergentes (como a protagonista), sendo aqueles que não se encaixam apenas numa facção, desafiam e questionam a estrutura rígida da sociedade, agindo de um modo que está em sintonia com algumas características específicas da Filosofia, sobretudo a atitude interrogativa, o espírito crítico, a autonomia e a autenticidade.

Assim, quando Tris percebe que não se encaixa apenas numa única facção e decide questionar-se acerca daquela organização social, procurando respostas sobre o sistema social em que vive, está a adotar a atitude interrogativa – uma atitude típica da Filosofia, na medida em que esta lida com questões fundamentais acerca da vida e do mundo. Esta atitude pressupõe também o espírito crítico, com o uso da dúvida e da discussão, a par de uma contínua curiosidade.

A Filosofia é também marcada pela autonomia, ou a liberdade de pensar por si mesmo, e pela autenticidade, ou seja, característica de ser genuíno e de agir de acordo com a visão que se tem do mundo, efetuando escolhas livres. Neste filme, Tris revela autonomia ao tomar decisões com base na sua própria visão do mundo, agindo de acordo com os seus valores, sem se submeter acriticamente às regras impostas. Ela revela igualmente autenticidade, uma vez que não finge ser algo que não é só para se encaixar numa das facções.

Colisão



Ficha técnica

Título: *Colisão (Crash)*

Realização: Paul Haggis

Duração: 113 minutos

Ano: 2005

País: Estados Unidos da América

Classificação: M/12

Análise e interpretação

- 1 Refere, através de um exemplo, em que sentido o filme *Colisão* permite mostrar que o racismo é um produto do desconhecimento e da falta de informação. (Começa por esclarecer os conceitos de “preconceito” e “racismo”).

Colisão

Resumo

O filme *Colisão* explora as tensões raciais, culturais, sociais e individuais em Los Angeles, evidenciando a diversidade cultural americana. Neste filme, ligam-se as histórias de diversas personagens, as quais têm distintas origens culturais e pertencem a classes sociais diferentes, ao longo de 36 horas, revelando o cruzamento inesperado das suas vidas. Entre as pessoas que “entram em colisão” encontram-se, principalmente, um diretor de televisão afro-americano e a sua mulher, um polícia racista e o seu colega (um polícia recruta), um persa que é dono de uma loja, dois polícias detetives, um procurador e a sua esposa, um casal coreano, dois ladrões de automóveis e um serralheiro mexicano.

As interações das personagens são marcadas por preconceitos, confrontos, conflitos, mas também por momentos de redenção. O filme chama a atenção para o facto de o racismo moldar decisões, atitudes e atos, mostrando, em todo o caso, que ninguém está completamente livre de preconceitos e de outras falhas morais.

Colisão é um drama urbano que nos desafia a questionar a natureza humana, mostrando que as circunstâncias podem revelar o que as pessoas têm de melhor e de pior, os maus instintos e os atos de bondade, muitas vezes inesperados, e sugerindo que todos estamos, de algum modo, ligados por elos mais ou menos invisíveis. Trata-se de um filme intenso e capaz de gerar algum desconforto, levando-nos a refletir sobre os conflitos que se verificam nas cidades atuais, onde é grande a probabilidade de diferentes culturas, comportamentos e escolhas individuais entrarem em conflito.

Sugestão de resposta

Colisão

1. Sendo uma ideia, opinião ou conceito formado antecipadamente, de maneira precipitada e sem fundamento objetivo, que interfere no comportamento do indivíduo, o preconceito pode conduzir à discriminação – uma prática ou comportamento que priva os membros de um grupo das oportunidades ou privilégios dados a outros grupos. O racismo, por sua vez, é um tipo de discriminação baseada em preconceitos raciais.

O filme *Colisão* retrata o racismo como um problema complexo que vai além da mera ignorância, enraizando-se também em medos, inseguranças e determinadas experiências pessoais. No entanto, há várias cenas que mostram como o preconceito nasce do desconhecimento da realidade do outro. Um exemplo disso é a relação entre o polícia racista, Ryan, e a mulher negra que ele humilha numa revista policial.

Mais tarde, quando precisa de atendimento médico para o pai doente, Ryan confronta-se com uma profissional de saúde negra, que o trata com respeito. Isso abala as suas ideias e atitudes racistas. Essa mudança parcial sugere que o contacto direto e a experiência podem, em alguns casos, desconstruir preconceitos e minimizar a discriminação.

Deste modo, o filme evidencia que o conhecimento da diversidade cultural e a empatia são ferramentas fundamentais para combater o preconceito e a discriminação.

Relatório Minoritário



Ficha técnica

Título: Relatório Minoritário
(Minority Report)

Realização: Steven Spielberg

Duração: 145 minutos

Ano: 2002

País: Estados Unidos da América

Classificação: M/12

Análise e interpretação

- 1 Neste filme, John Anderton descobre uma previsão segundo a qual ele próprio irá cometer um crime. Como podemos analisar essa situação à luz do determinismo radical, do libertismo e do determinismo moderado?

Relatório Minoritário

Resumo

Relatório Minoritário é um filme de ficção científica baseado num conto de Philip K. Dick. Este filme constitui, essencialmente, uma abordagem ao problema do livre-arbítrio. A ação decorre no ano de 2054, quando o sistema Pré-Crime permite prever com exatidão e, assim, impedir assassínios antes que ocorram, detendo os possíveis criminosos. Para que o sistema funcione, conta-se com os poderes de previsão de três indivíduos chamados *pré-cogs*.

John Anderton (Tom Cruise), o protagonista, que perdera o seu filho seis anos antes num crime ainda não solucionado, é o chefe da unidade de Pré-Crime e está firmemente convencido de que o sistema funciona e é infalível. No entanto, a sua confiança no sistema é abalada quando os *pré-cogs* preveem que ele próprio cometerá um homicídio dentro de 36 horas. Persuadido da sua inocência, ele foge e procura provar que o sistema não é infalível.

Durante a sua investigação, Anderton descobre a existência de “relatórios minoritários” – uma espécie de previsões alternativas que sugerem que o futuro não está totalmente determinado, havendo a possibilidade de uma pessoa escolher cometer ou não um crime. A *pré-cog* mais poderosa (Agatha) revela a Anderton que o sistema foi manipulado para esconder verdades inconvenientes. Ficamos, então, a saber que o diretor do Pré-Crime, Lamar Burgess (Max von Sydow), usou a tecnologia para esconder um assassinio cometido por ele. No clímax, Anderton expõe Burgess, o qual, confrontado com a sua própria previsão, opta pelo suicídio. No final, a experiência de seis anos do sistema Pré-Crime é abandonada e os *pré-cogs* são libertados. Os prisioneiros são perdoados e libertados, embora mantidos sob vigilância nos anos seguintes.

Sugestão de resposta

Relatório Minoritário

1. O determinismo radical sustentaria que Anderton não tem livre-arbítrio, pois as suas escolhas, os seus desejos e as suas ações são eventos do mundo e, por isso, resultam, necessariamente, de causas anteriores e das leis da natureza. Assim, o crime que ele cometeria era inevitável, pois já estava rigidamente “inscrito” na causalidade natural. Por isso, ele também não poderia ser responsabilizado.

O libertismo, por sua vez, defendendo que temos livre-arbítrio e que, por isso, nem tudo está determinado, rejeitaria a ideia de um futuro fixo, sustentando que Anderton teria a liberdade de agir de maneira diferente da previsão. Ao perceber o seu suposto crime, ele poderia decidir não matar, provando, assim, que o futuro não está determinado. Isso é ilustrado no filme quando ele escolhe contrariar a previsão, reforçando a tese libertista de que o livre-arbítrio genuíno existe.

O determinismo moderado (compatibilismo), defendendo que uma ação pode ser, ao mesmo tempo, livre e determinada, aceitaria que as previsões dos pré-cogs são baseadas em causas determinantes, pelo que Anderton cometeria o crime. Ainda assim, argumentariam que Anderton poderia ser moralmente responsabilizado caso tivesse deliberado de forma racional, sem ser forçado ou obrigado a agir, mesmo que a sua escolha se encontrasse inteiramente determinada.

A Rapariga que Roubava Livros



Ficha técnica

Título: *A Rapariga que Roubava Livros (The Book Thief)*

Realização: Brian Percival

Duração: 131 minutos

Ano: 2013

País: Alemanha/Estados Unidos da América

Classificação: M/12

Análise e interpretação

- 1 De acordo com a ética consequencialista e utilitarista de John Stuart Mill, a ação de roubar livros, por parte de Liesel, pode ser considerada moralmente correta? Justifica.

A Rapariga que Roubava Livros

Resumo

A Rapariga que Roubava Livros é um drama que se passa na Alemanha nazi durante a Segunda Guerra Mundial. A história é narrada pela voz da morte, e a protagonista é Liesel Meminger, uma menina de nove anos que, após a perda do irmão, foi adotada por Hans e Rosa Hubermann.

Inicialmente analfabeta, Liesel, ajudada pelo pai adotivo, aprende a ler e acaba por desenvolver uma paixão pelos livros e pela leitura, partilhando livros com os seus amigos.

Durante o enterro do seu irmão, um dos coveiros deixa cair um livro, que Liesel leva consigo, ainda que não soubesse ler. Mais tarde, continua a roubar livros de lugares como a casa da esposa do *Bürgermeister*, quando descobre a biblioteca dele. Ela também rouba livros de uma pilha de livros queimados pelos nazis, um dos momentos que reflete a sua resistência contra a repressão cultural. Esses roubos são importantes para Liesel, pois esta usa os livros como uma forma de escapar à dura realidade da guerra e como um modo de criar vínculos com as pessoas ao seu redor.

Os Hubermann escondem na cave de sua casa Max Vandenburg, um jovem judeu que foge à perseguição nazi. Ele e Liesel desenvolvem uma amizade profunda. Max escreve contos para Liesel, fortalecendo o seu gosto pela literatura. No entanto, com o avanço da guerra, Max é forçado a partir, deixando Liesel mergulhada em desespero. Com os bombardeamentos a tornarem-se frequentes, Liesel sobrevive a um ataque aéreo que mata os seus pais adotivos e amigos.

Sugestão de resposta

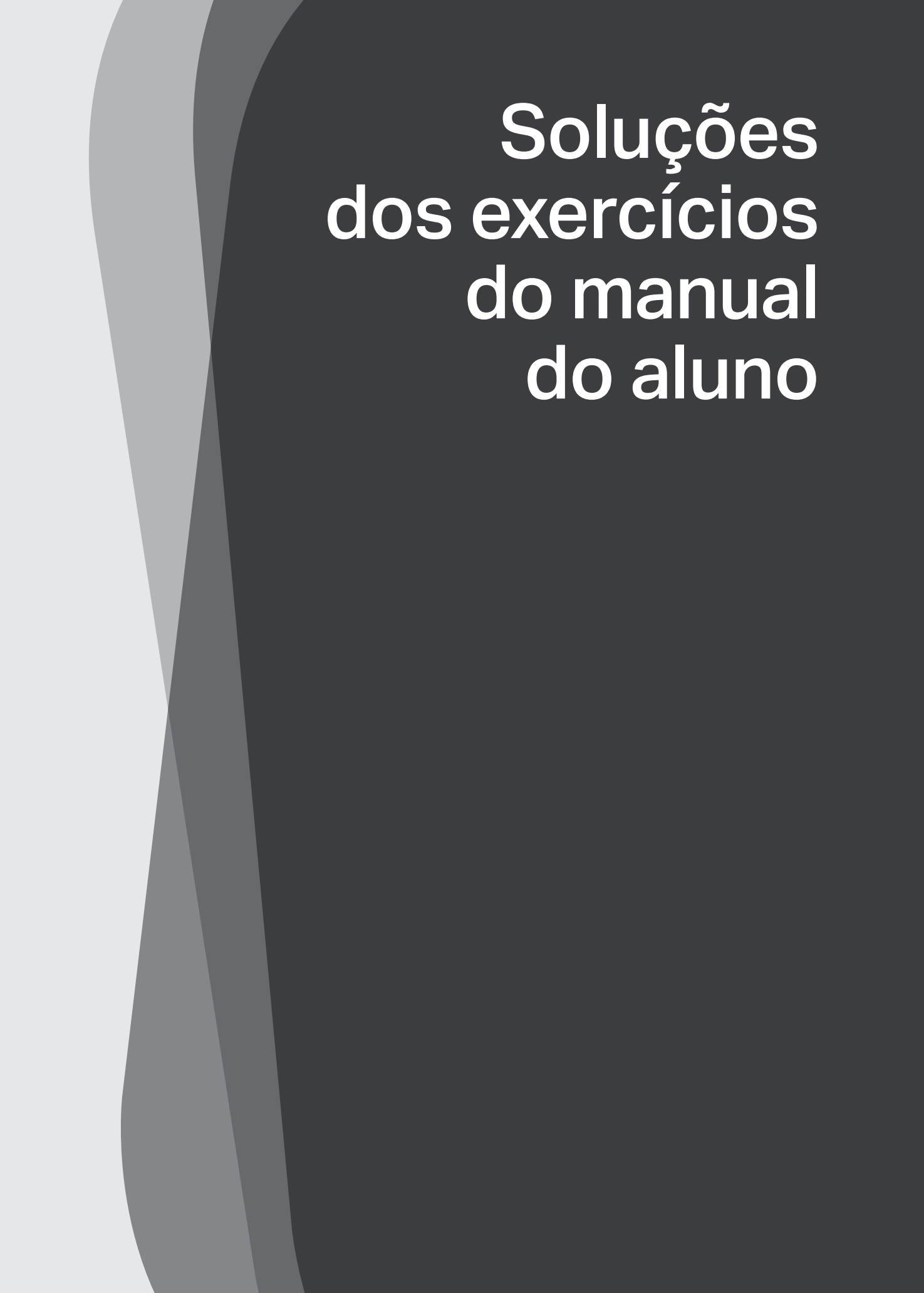
A Rapariga que Roubava Livros

1. De acordo com a ética consequencialista e utilitarista de John Stuart Mill, o que conta na avaliação da moralidade das ações são as suas consequências: as consequências determinam o valor moral de uma ação. Por outro lado, a ação moralmente correta é aquela que, efetuada uma avaliação imparcial da situação, e tendo em conta as alternativas, permite maximizar o prazer ou a felicidade geral, ou seja, é aquela que conduz ao maior bem-estar total.

No caso de Liesel, que vive na Alemanha nazi, onde os livros são censurados e queimados pelo regime, o ato de roubar livros não parece prejudicar ninguém, antes revela ter boas consequências, seja por constituírem um refúgio intelectual, seja por proporcionarem conforto emocional a Liesel e às pessoas em seu redor, como o jovem judeu Max.

Do ponto de vista utilitarista, a ação de Liesel pode ser considerada moralmente correta, pois contribui para a felicidade geral, não causando infelicidade ou, pelo menos, danos consideráveis, a ninguém, nem mesmo aos eventuais "proprietários" dos livros, visto que muitos desses livros estariam condenados à destruição. Por outro lado, a sua ação surge como uma forma de resistência contra a opressão nazi, o que pode ser encarado como um benefício moral maior.

Tendo, pois, em conta o contexto do filme podemos dizer que o roubo de livros por parte de Liesel seria considerado moralmente correto pela teoria consequencialista e utilitarista.



Soluções dos exercícios do manual do aluno

Soluções do manual

1. Iniciação filosófica: o que é a filosofia?

1.1. O conceito de filosofia

Página 10

Texto 2: Análise e interpretação

1. A nossa postura habitual perante essas coisas é caracterizada pela ausência de dúvidas acerca da sua existência, o que decorre da falta de reflexão acerca dos estados mentais que nos tornam conscientes delas.
2. O principal problema colocado no texto é o problema de como saber se as coisas físicas ou materiais existem realmente.

Página 11

Texto 3: Análise e interpretação

1. A condição necessária para saber em que consiste a Filosofia é ser capaz de filosofar, porque só dentro da própria Filosofia e só com os seus conceitos e meios se pode realmente determinar o que é a Filosofia.

Página 13

Texto 4: Análise e interpretação

1. O filósofo é o que ama o saber ou o conhecimento, ao passo que o sábio é o possuidor de conhecimentos.
2. Filosofar significa estar-a-caminho, sendo as interrogações mais importantes do que as respostas.
3. "Cada filosofia define-se a si própria pelo modo como se realiza."

Atividades

1.
 - A. F
 - B. F
 - C. V
 - D. V
 - E. F

2. Dizer que a Filosofia é um problema para si mesma significa, por um lado, que a questão "O que é a Filosofia?" é uma pergunta filosófica e, por outro lado, que a definição de "filosofia" não pode ser dada de uma forma conclusiva, não havendo uma definição aceite por todos os filósofos.

1.2. A origem do filosofar

Página 14

Texto 5: Análise e interpretação

1. Uma vez satisfeitas as necessidades mais básicas, precisamos de descobrir quem somos e porque é que vivemos.
2. A melhor maneira de nos iniciarmos na filosofia é colocar questões filosóficas.

Página 18

Texto 6: Análise e interpretação

1. O autor justifica essa ideia ao considerar que toda a filosofia anseia pela participação, quer exprimir-se e pretende ser ouvida, havendo uma ligação indissolúvel entre a comunicabilidade e a verdade.

Atividades

1.
 - A. V
 - B. F
 - C. V
 - D. F
 - E. F
2. Segundo Platão e Aristóteles, é o espanto (ou admiração) aquilo se encontra na origem do filosofar. Uma situação que exemplifica em que medida o espanto se encontra na origem do filosofar pode encontrar-se na contemplação do Universo, a qual desencadeará questões filosóficas como: "Qual é a origem das coisas?" e "Qual é a finalidade de tudo isto?".
A dúvida também se encontra na origem do filosofar. Com efeito, se podemos acumular muita informação, nada nos garante que estejamos seguros acerca da sua verdade: a informação

poderá ser falsa. Uma situação que ilustra o impulso da dúvida relativamente ao filosofar pode encontrar-se no confronto com as percepções dos sentidos, os quais muitas vezes nos enganam, suscitando questões filosóficas como: “Qual é a origem do conhecimento?” e “Será que o conhecimento é possível?”.

3. A afirmação de Comte-Sponville pode explicar-se com base nos motivos (além da dúvida e do espanto) que desencadeiam o filosofar, ou seja, a consciência das situações-limite e a vontade de autêntica comunicação.

Com efeito, as situações-limite – como a culpa, a dor, o sofrimento e a morte – revelam ao ser humano o seu carácter frágil e a possível sensação de fracasso e impotência. Refletir sobre tais situações pressupõe que se reconheçam como inseparáveis da condição humana. Filosofar é tentar assumi-las autenticamente, procurando integrá-las na própria vida. Por isso, é certo que não se filosofa com o objetivo de passar o tempo ou por motivos fúteis. Filosofa-se, de facto, «para salvar a pele e a alma», isto é, para conquistar o sentido da vida e a sabedoria.

Além disso, «salvar a pele e a alma» pressupõe também a vontade de autêntica comunicação, uma vez que nenhum ser humano pode viver isolado, nem se pode alcançar a verdade fora da comunicação com os outros. Enquanto ser-com-
-os-outros, cada indivíduo realiza a sua liberdade na comunicação, na participação, no diálogo e na partilha, sendo nesse âmbito que a filosofia alcança a sua finalidade (ou, pelo menos, uma das suas finalidades).

1.3. Filosofar espontâneo e filosofar sistemático

Página 19

Texto 7: Análise e interpretação

1. Para levar alguém a filosofar, deverá incitar-se essa pessoa a servir-se do seu raciocínio, ou a apresentar os seus argumentos, sempre que ela expõe, ou procura expor, uma opinião própria.

Página 20

Texto 8: Análise e interpretação

1. Karl Popper refere como exemplos as teorias que aceitamos como evidentes, as quais são recebidas do nosso meio intelectual ou por via da tradição.
2. Uma justificação para a existência da filosofia profissional consiste na necessidade de analisar e testar criticamente as teorias, muito divulgadas e influentes, que o autor designa de “preconceitos filosóficos”.

Página 23

Atividades

1.
 - A. F
 - B. V
 - C. F
 - D. V
 - E. V
2. A distinção entre filosofia espontânea e filosofia sistemática leva-nos a responder negativamente à pergunta colocada. De facto, a filosofia espontânea, virtualmente comum a todos os seres humanos, traduz uma sabedoria popular, sem grande rigor ou profundidade, resultando dos modos comuns de questionar e pensar a vida e o mundo, e não evidenciando grande complexidade conceptual ou argumentativa. Já a filosofia sistemática expressa um pensamento produzido de modo logicamente rigoroso e coerentemente organizado, exigindo e revelando complexidade conceptual, argumentação crítica e conhecimentos da História da Filosofia. Deste modo, só os filósofos profissionais estão habilitados a produzir filosofia sistemática ou sistemas filosóficos capazes de fornecer visões estruturadas do mundo e da vida.
3. Resposta pessoal, de carácter descritivo e reflexivo.

1.4. Problemas filosóficos e não filosóficos

Página 25

Texto 11: Análise e interpretação

1. O filósofo procura responder a questões relativas a ideias muito comuns que usamos quotidianamente sem termos pensado sobre elas. Exemplos de perguntas filosóficas são: "O que é o tempo?"; "O que é um número?"; "Como podemos saber se existe algo fora da nossa mente?".
2. Não é fácil levar o conhecimento do mundo e de nós um pouco mais longe porque tal exercício implica a investigação de ideias básicas. Ora, quanto mais básicas são as ideias que tentamos investigar, menos instrumentos temos para nos ajudar, não havendo muitas crenças que possamos assumir como verdadeiras ou tomar como garantidas.

Página 28

Atividades

1.
 - A. F
 - B. V
 - C. F
 - D. F
 - E. V
2. Questões filosóficas: B, E, F, G e I.
Questões não filosóficas: A, C, D, H e J.
3. Todos nós possuímos determinadas crenças acerca do mundo, das coisas e das pessoas. Quando nos interrogamos acerca da base de tais crenças, estamos a aceder às nossas crenças fundamentais e a colocá-las em questão. Essas crenças fundamentais referem-se, por exemplo, ao ser, à morte, à existência, ao bem, ao mal, à justiça, à beleza e ao conhecimento. Questionar essas crenças fundamentais, ou submetê-las a um exame crítico e racional, é próprio da filosofia. As grandes questões filosóficas são interrogações que visam submeter a exame as nossas crenças fundamentais, nas quais se baseiam outras crenças.

1.5. O objeto da filosofia

Página 29

Texto 12: Análise e interpretação

1. As ciências começam por demarcar um pedaço do Universo, por limitar o seu problema, o que significa que conhecem de antemão a extensão e os atributos essenciais do seu objeto.
2. A atitude do filósofo é distinta na medida em que, ao invés de outros conhecedores, ele ignora qual é o seu objeto, dele sabendo somente que não é nenhum dos restantes e que é um objeto integral, o autêntico todo, o que não deixa nada de fora.

Página 31

Atividades

1.
 - A. F
 - B. V
 - C. F
 - D. V
 - E. V
2. Nas diversas ciências, o objeto de estudo corresponde a uma particularização da realidade, por exemplo, a Biologia estuda os seres vivos, a Astronomia estuda os corpos celestes, a Zoologia estuda os animais, a Sociologia estuda os factos sociais. Já no caso da Filosofia, o objeto corresponde ao real como um todo. A Filosofia procura, portanto, uma compreensão do real na sua totalidade.
3. Podemos considerar que a Filosofia possui uma dimensão teórica e uma dimensão prática. Em termos teóricos, a Filosofia procura responder a problemas fundamentais acerca da realidade, dos valores e do conhecimento, visando uma compreensão da totalidade das coisas. Em termos mais práticos, a Filosofia procura responder a problemas fundamentais relacionados com a nossa orientação no mundo, o saber viver, a finalidade e o sentido da vida, buscando a conquista da felicidade possível e intervindo, igualmente, ao nível social e político, para a construção de um mundo melhor.

1.6. O método da filosofia

Página 32

Texto 13: Análise e interpretação

1. A melhor maneira de começar o estudo da filosofia é pensar diretamente sobre certas questões que o ser humano considera naturalmente enigmáticas.

Página 35

Atividades

1.
 - A. V
 - B. F
 - C. F
 - D. F
 - E. V
2. As ciências empíricas, sejam ciências naturais, sejam ciências sociais e humanas, baseiam-se na observação, utilizando o método experimental. Por sua vez, a Filosofia, lidando com problemas não empíricos (ou seja, lida com problemas conceituais, *a priori*), tem como método a reflexão crítica, a análise, investigação e problematização de conceitos e a argumentação e discussão racional.

3.

Análise de conceitos: O conhecimento é uma crença verdadeira justificada. Uma crença é uma adesão a uma determinada proposição, tomando-a como verdadeira.

Tese ou teoria: O conhecimento é possível.
ou

O conhecimento não é possível.

Argumentação: Existem algumas crenças que não só são verdadeiras como também são evidentes, ou seja, essas crenças não precisam de ser justificadas por outras, servindo de base a todo o conhecimento. Logo, o conhecimento é possível.

ou

Mesmo que algumas das nossas crenças sejam verdadeiras, não temos maneira de as justificar, ou seja, não temos forma de mostrar que elas são verdadeiras, seja porque os sentidos nos enganam, seja porque as opiniões divergem, seja

porque não existe uma crença que não precise de ser justificada por outra, até ao infinito. Logo, o conhecimento não é possível.

1.7. Especificidades da filosofia

Página 37

Texto 14: Análise e interpretação

1. No texto é estabelecida uma comparação entre os princípios em que a nossa vida se baseia e um automóvel. Tal como podemos confiar num automóvel que nunca foi à revisão, também podemos confiar nos princípios nos quais a nossa vida se baseia sem os termos examinado; mas só podemos ter a certeza de que o automóvel funciona bem se o levarmos à revisão, tal como só podemos ter a certeza de que os princípios nos quais a nossa vida se baseia são sólidos se os examinarmos através da reflexão filosófica.

Página 38

Texto 15: Análise e interpretação

1. O ato de filosofar, enquanto reflexão radical, implica que as posições assumidas não se baseiem em meras opiniões, mas se enraízem numa fundamentação capaz de lhes conferir uma justificação consistente.

Página 39

Texto 16: Análise e interpretação

1. O autor pede ao aprendiz de filósofo que não se apresse a adotar soluções, que estude e procure conhecer diversas obras filosóficas de diferentes escolas ou tendências, e que compreenda a fundo os problemas, habituando-se a ver as dificuldades existentes para lá do simplismo e da superficialidade do senso comum.
2. A iniciação filosófica não deve consistir na mera transmissão das respostas precisas com que um determinado autor ou uma certa escola pretendiam resolver os problemas filosóficos fundamentais. Ao invés, ela deve assumir um carácter essencialmente crítico, e consistir num debate dos problemas básicos, sempre aberto a novas discussões.

Página 41

Texto 17: Análise e interpretação

1. A Filosofia sugere numerosas possibilidades que nos conferem amplitude aos pensamentos, liberta-nos da tirania do hábito, aumenta imenso o conhecimento a respeito do que as coisas podem ser, afasta o dogmatismo e vivifica o sentimento de admiração perante as coisas.

Página 42

Atividades

1.
 - A. F
 - B. F
 - C. V
 - D. F
 - E. V.
2. A Filosofia é caracterizada pelo rigor, na medida em que procura formular corretamente os problemas, através de questões claras com sentido. A Filosofia é também um esforço de clarificação de conceitos e de defesa de ideias. Os filósofos defendem teses ou teorias, procurando fazê-lo com bons argumentos. Como tal, as ideias devem ser expostas de forma clara, exata, sem ambiguidades e obedecendo às regras da lógica. Este rigor articula-se com o carácter radical da filosofia. A Filosofia é radical porque vai à raiz dos problemas, questionando as nossas crenças fundamentais. Ao colocar questões radicais, a Filosofia procura os fundamentos últimos das crenças ou opiniões, procura justificações consistentes e exclui atitudes dogmáticas.
3. A Filosofia lida com questões fundamentais acerca do mundo, da vida, do conhecimento, dos valores, entre outras. Esta atitude interrogativa pressupõe a humildade de quem reconhece que nada sabe ou que o seu saber é limitado. Tal postura perante o saber leva o filósofo a adotar uma atitude crítica, utilizando a dúvida, a fim de ultrapassar a ignorância, as evidências não discutidas e os erros tidos como verdades. A discussão crítica constitui um aspeto importante do método filosófico, que não deve estar sujeito a qualquer tipo de dogma, opinião ou preconceito. O espírito crítico implica, assim, o debate e a abertura a novas discussões.

4. Com esta atividade, espera-se que os alunos sejam capazes de respeitar as regras de um debate e de argumentar de modo racional e crítico.

1.8. Características do saber filosófico

Página 44

Texto 18: Análise e interpretação

1. Uma filosofia definitiva implicaria a imobilidade do pensamento humano, uma vez que não haveria mais nenhum problema fundamental a resolver ou a discutir.

Página 47

Atividades

1.
 - A. F
 - B. F
 - C. V
 - D. F
 - E. V
2. O saber filosófico é caracterizado pela universalidade na medida em que, por um lado, a Filosofia parte de problemas universais e fundamentais, comuns a toda a humanidade, e, por outro lado, procura uma compreensão do real na sua totalidade, traduzindo-se, em muitos casos, na construção de sistemas filosóficos que oferecem uma visão global do mundo e da vida. Apesar disso, o saber filosófico é também histórico, isto porque a Filosofia tem uma história e se desenvolve ao longo da história, intervindo no curso dos acontecimentos. Além disso, o filósofo é um ser situado no tempo, que vive numa determinada circunstância, sendo influenciado pela sua cultura – que ele, por sua vez, também influencia. O pensamento filosófico evolui no interior de uma tradição, de um contexto social, político, religioso e económico que procura compreender e superar.
3. Com esta atividade, espera-se que os alunos sejam capazes de investigar ideias filosóficas de modo autónomo.

Página 50

Ficha de trabalho

Grupo I

- 1.
- 1.1. D.
- 1.2. C.
- 1.3. B.
- 1.4. C.
- 1.5. B.
- 1.6. D.
- 1.7. A.

Página 51

Ficha de trabalho

Grupo II

1.
 - A. Filosofia: 1.; 3.; 4.; 7.; 9.
 - B. Ciência(s) empírica(s): 2.; 6.
 - C. Matemática: 1.; 3.; 5.
2.
 - 2.1.

Tese: Não é por negligência ou acaso, mas por razão e necessidade, que a grande maioria das palavras que compõem as diversas línguas do mundo são termos gerais.

2.2. É impossível que cada uma das coisas possa ter um nome peculiar e distinto: nunca os homens se dedicaram à tarefa de dar nomes a cada coisa particular, nem o entendimento humano teria capacidade para abranger tais nomes.

Mesmo se tal se pudesse fazer, seria um exercício inútil, porque acumular nomes de coisas particulares não serviria o principal objetivo da linguagem: a intercomunicação dos pensamentos.

Ainda que tal se pudesse fazer, isso seria de pouca utilidade para alargar o conhecimento, que se refere ao geral e não ao particular.
 3. O filósofo é alguém que ousa pensar por si mesmo, servindo-se da sua própria razão de modo livre e autónomo. A autonomia (ou liberdade de pensar por si mesmo) constitui uma importante característica da Filosofia. À autonomia

encontra-se associada a autenticidade. Aquele que é capaz de pensar por si mesmo consegue também viver autenticamente. Viver com autenticidade é ser genuíno e agir de acordo com a sua visão do mundo, efetuando escolhas livres. Há uma íntima ligação entre a Filosofia e a vida. Filosofar é pensar autonomamente e viver com autenticidade, consciência e responsabilidade.

4. A Filosofia é um saber que resulta do estudo reflexivo de problemas universais e fundamentais, procurando também uma compreensão do real na sua totalidade. Além disso, os grandes problemas filosóficos são comuns a toda a humanidade. Associado a estas características está o facto de a Filosofia ser considerada a mãe de todas as ciências; essas foram selecionando partes da realidade e autonomizaram-se. Por todos estes motivos, pode-se dizer que a Filosofia tem uma vocação para a universalidade.
5. Dizer que o filósofo é um ser situado no tempo equivale a afirmar que ele vive numa determinada circunstância e que é influenciado pela sua cultura, pelos modos de pensar, sentir e agir da época histórica em que vive, sem com eles ficar comprometido. Existe toda uma tradição, um contexto social, político, religioso e económico, que o filósofo procura compreender e superar, influenciando também a cultura e o contexto em que o seu pensamento surgiu.
6. Os primeiros filósofos ocidentais foram Tales, Anaximandro e Anaxímenes, todos de Mileto. Estes filósofos preocupavam-se em substituir as perspectivas fornecidas pelo mito (no qual se baseava a cultura dessa época) por explicações com fundamentos racionais, isto é, baseadas na razão e na experiência.

2. Unidade antropológica

2.1. O que é o Homem? – dimensões física e espiritual

2.1.1. O conceito de “pessoa”

Página 57

Texto 3: Análise e interpretação

- Os «espiritualismos modernos» não permitem compreender adequadamente a realidade humana porque separam, em duas séries independentes, o material e o espiritual, tanto no mundo como no Homem. Ao fazê-lo, ora aceitam essa independência como um facto, não conseguindo explicar a junção dessas duas realidades, ora negam a realidade ao mundo material, caindo num certo paradoxo.

Página 60

Atividades

- Resposta pessoal, de carácter descritivo e avaliativo.
- Abertura
 - Singularidade
 - Autonomia
 - Projeto
 - Consciência de si
 - Dignidade

2.1.2. Será que temos uma alma imortal?

Página 62

Texto 4: Análise e interpretação

- A alma, segundo Platão, assemelha-se ao que é divino, imortal, inteligível, uniforme, indissolúvel e permanente, enquanto o corpo se assemelha ao que é humano, mortal, não inteligível, multiforme, dissolúvel e sujeito à mudança.

Página 63

Texto 5: Análise e interpretação

- A ciência ocupa-se de aspetos diretamente ligados ao mundo quotidiano das pessoas, e uma das suas conclusões é a de que o cérebro, tal como uma gota de água, não é imortal e que a energia organizada de um corpo vivo fica, após a morte, indisponível para qualquer tipo de ação. Ora, tudo leva a supor que a vida mental está ligada à estrutura do cérebro e à energia organizada do corpo. Por isso, é racionalmente provável que a vida mental (aquilo a que chamamos *alma*) cessa ao cessar a vida do corpo.

Página 64

Atividades

- De acordo com a teoria do feixe, a alma ou mente é uma série particular de acontecimentos mentais ou experiências, ligados entre si de diversas formas, e não uma substância. Se assim é, torna-se difícil sustentar a ideia de que ela persiste para lá da morte ou que é imortal.
- V
 - F
 - F
 - V
 - F
- Possível argumento: a alma controla o corpo e é totalmente diferente dele, possuindo uma natureza que não está sujeita à morte nem à destruição.
 - Possível argumento: a vida mental e espiritual depende do cérebro e, quando este morre, também essa vida termina.

2.2. O Homem como ser em construção

Página 65

Texto 6: Análise e interpretação

1. Pedro Laín Entralgo salienta que a pauta da conduta específica do animal permanece invariável enquanto a espécie sobrevive (por exemplo, os tigres, salvo ligeiras variações, comportam-se hoje como se comportavam há um milhão de anos); já o ser humano, século após século, vai apresentando importantes diferenças em termos intelectuais, técnicos e estéticos, relativamente ao que era dantes.

Página 66

Texto 7: Análise e interpretação

1. Essas expressões são: «O homem [...] primeiramente não é nada»; «O homem não é mais que o que ele se faz»; «o homem primeiro existe»; «o homem antes de mais nada é o que se lança para um futuro, e o que é consciente de se projetar no futuro»; «O homem é antes de mais nada um projeto que se vive subjetivamente»; «o homem será antes de mais o que tiver projetado ser».

Página 67

Atividades

1. O ser humano é caracterizado por uma inquietação que está na base do seu desejo de “ser mais” e de “ser outra coisa”. É por causa disso que ele é um agente criador: ele cria objetos, instituições, teorias, regras, etc. Ao criar tais coisas, o ser humano, em certa medida, inventa-se a si mesmo, torna-se um projeto, um ser aberto ao mundo e aos outros, a novas possibilidades de ser, de se concretizar, de se autodeterminar.
2.
 - 2.1.
 - A. Possível argumento: o ser humano é um ser em construção, um ser em projeto, estabelecendo os seus propósitos, de acordo com os seus valores.
 - B. Possível argumento: antes de cada ser humano vir ao mundo, já existe um propósito, estabelecido por Deus, que irá orientar a sua vida, salvaguardando, ainda assim, a sua liberdade de escolha.

2.3. O Homem como ser circunstancial

Página 68

Texto 8: Análise e interpretação

1. Os conceitos de “eu” e de “circunstância” são inseparáveis e correlativos, ou seja, eles só fazem sentido um em função do outro: toda a circunstância é de um “eu”, e o “eu” só tem realidade numa circunstância.
2. De acordo com Julián Marías, não pode haver “mundo” sem “eu”. Isto porque o “mundo” é sempre o mundo “de alguém”: o mundo é sempre o “meu mundo”, tal como o “eu” já implica um “mundo” ou uma circunstância.

Página 70

Texto 9: Análise e interpretação

1. Essas duas dimensões são a vida somático-biológica, submetida às leis físicas e químicas, e o co-mundo humano, relativo à comunidade onde o indivíduo nasce, cresce e se desenvolve.

Atividades

1. Se, por exemplo, tivermos em consideração o corpo individualmente vivido, podemos dizer que a experiência de ter um corpo e o modo como o sujeito se relaciona com o seu corpo são dois aspetos essenciais na estruturação da personalidade e na maneira como o indivíduo vê o mundo e os outros. Ter um corpo com estas ou aquelas características vai ter impacto não apenas em termos biológicos, como também em termos emocionais, mentais e sociais.
2.
 - 2.1.
 - A. Possível argumento: toda a circunstância é circunstância para alguém, e o “eu” só existe enquanto rodeado por uma série de elementos que o permitem definir, sendo a circunstância a totalidade desses elementos.
 - B. Possível argumento: o “eu” individual é, na sua essência, um “eu” imaterial, independente do corpo e do mundo físico e social, sendo que esse “eu” só pode ser descoberto quando se afastarem todos os elementos circunstanciais que nos impedem de aceder à sua verdadeira realidade.

2.4. O Homem como ser cultural: a noção de cultura

Página 71

Texto 10: Análise e interpretação

1. O ser humano conseguiu resolver os seus problemas primários mediante a criação de artefactos, a organização de grupos cooperantes e o desenvolvimento de conhecimentos e do sentido do valor e da ética.

Página 73

Texto 11: Análise e interpretação

1. Os traços culturais são uma herança que cada pessoa deve recolher e fazer sua, enquanto os traços físicos são fruto da hereditariedade.

Atividades

1. A cultura representa uma resposta do ser humano às suas necessidades básicas e mais imediatas, ou seja, as necessidades ligadas à sobrevivência e impostas pela natureza. Por isso, a cultura assenta sobre a natureza, sendo os atos humanos ao mesmo tempo naturais e culturais.
2.
 - A. F
 - B. V
 - C. F
 - D. F
 - E. V

2.5. O Homem como produto e produtor de cultura

Página 75

Texto 12: Análise e interpretação

1. Essa consequência seria a rejeição de pais, parentes e de outros membros da sociedade, dos quais depende o bem-estar do indivíduo, durante o período em que está a aprender a única forma de vida ao alcance da sua experiência.

Página 77

Texto 13: Análise e interpretação

1. A autora caracteriza esse mundo como um mundo artificial, criado pelo ser humano ao longo do tempo, e como um mundo aberto e dinâmico, sujeito, portanto, à mudança e aos contributos das várias gerações.

Atividades

1. A cultura não se transmite geneticamente, sendo antes aprendida e transmitida de geração em geração. Logo após o nascimento, a criança é obrigada a iniciar a aprendizagem da cultura do grupo a que pertence. À medida que vai crescendo, vai aceitando, assimilando e interiorizando as maneiras de pensar, sentir e agir que fazem parte da sua cultura e estão presentes em todas as dimensões da vida. É neste sentido que o indivíduo é produto da sua cultura.
2. Se não existirem indivíduos e grupos sociais, também não há criação de valores, normas, religião, arte, ciência, filosofia, vestuário, máquinas, casas, templos, estádios, etc. Todas estas manifestações, partilhadas por uma pluralidade de pessoas, permitindo organizá-las numa determinada coletividade, surgem como respostas necessárias dos seres humanos aos desafios impostos pela natureza. Elas são produto exclusivo do ser humano enquanto ser biológico e social.
3.
 - A. F
 - B. F
 - C. V
 - D. F
 - E. V
 - F. F

2.6. A diversidade cultural no mundo

Página 78

Texto 14: Análise e interpretação

1. Essa passagem é a seguinte: «os hábitos dela [da cultura] são os seus hábitos [do indivíduo], as crenças dela, as suas crenças, as incapacidades dela, as suas incapacidades».

Página 81**Texto 15: Análise e interpretação**

1. Do seu meio cultural, o ser humano recebe a definição do bom e do mau, do confortável e do desconfortável, um modo de ver e de pensar e as atitudes afetivas típicas.

Página 82**Texto 16: Análise e interpretação**

1. As obras de arte inscrevem-se na vida dos povos e das comunidades mediante o retrato que fazem do nosso ser finito e condicionado pelas diversas circunstâncias histórico-temporais.

Atividades

1. Resposta pessoal, de carácter descritivo e avaliativo.
2.
 - A. 3.
 - B. 1.
 - C. 2.
 - D. 4.
3. Com esta atividade, espera-se que os alunos sejam capazes de respeitar as regras de um debate e de argumentar de modo racional e crítico.

2.7. O Homem como ser intersubjetivo**Página 84****Texto 17: Análise e interpretação**

1. Devemos importar-nos com os interesses das outras pessoas pela mesma razão que nos leva a importar-nos com os nossos: os desejos e necessidades dos outros são comparáveis aos nossos, encontrando-nos a esse nível num plano de igualdade.

Página 85**Texto 18: Análise e interpretação**

1. Segundo Mounier, o "tu" não limita o "eu". Pelo contrário o "tu" faz o "eu" ser e crescer, de tal

modo que o "eu" só existe no movimento para outrem, só por este se conhece e só nele se encontra. A experiência primitiva do "eu" pessoal é a experiência do "tu". O "tu", tal como o "nós", precede o "eu" ou, pelo menos, acompanha-o.

Página 86**Atividades**

1. O egoísmo ético não parece ser uma teoria moral aceitável porque retira qualquer consistência à própria moralidade, visto que secundariza significativamente o papel do outro, que é completamente instrumentalizado. Ora, a moralidade, em geral, exige que tenhamos em conta o outro, os seus interesses e os seus desejos, num plano de igualdade, como uma pessoa, um sujeito de direitos e não um mero objeto.
2. Há uma relação fundamental entre a pessoa e a sociedade visto que a pessoa só é verdadeiramente pessoa se, ao relacionar-se com os outros em sociedade, assume o seu papel de agente e aspira à sua construção em comunidade, e, por sua vez, a sociedade só é verdadeiramente humana quando permite a realização da pessoa, da sua autonomia e liberdade.

2.8. Dimensão simbólica: linguagem e pensamento**2.8.1. Linguagem, língua e fala****Página 87****Texto 19: Análise e interpretação**

1. Isso significa que, enquanto seres que possuem uma realidade cultural, só podemos comunicar e aprender a "significação" daquilo que nos rodeia se recorrermos a um conjunto de símbolos e leis que constituem a linguagem (sobretudo a linguagem verbal).

Página 92**Texto 20: Análise e interpretação**

1. Ernst Cassirer considera que a realidade física parece recuar na proporção em que a atividade simbólica avança, ou seja, quanto mais o ser

humano se envolve com formas linguísticas, imagens artísticas, símbolos místicos, ritos religiosos, etc., mais a realidade puramente física se distancia dele, e maior é a interposição da sua rede simbólica.

Atividades

1. Cada sujeito é, ao mesmo tempo, emissor e receptor da sua própria mensagem porque ele é capaz de emitir uma mensagem e de a decifrar ao mesmo tempo, e porque em princípio não transmite nada que não seja capaz de decifrar.
2. Exemplo de um índice: uma pegada num caminho é um índice de alguém ou de algum animal que passou por ali. Exemplo de um ícone: uma escultura de um filósofo é um ícone desse filósofo. Exemplo de um símbolo: a bandeira de Cabo Verde é um símbolo de Cabo Verde.
3. A linguagem designa um sistema e um processo de comunicação de mensagens, assim como a faculdade ou capacidade de comunicar por meio da língua, que é um sistema de signos, convencional e socialmente instituído. Esta é usada através da fala, um ato de vontade e inteligência pelo qual o indivíduo exprime as suas ideias.
4. Pode afirmar-se que o ser humano é um animal simbólico porque ele faz uso das palavras (que, em geral, são símbolos) ou da linguagem verbal, e porque todos os aspetos ligados à sua dimensão sociocultural formam uma rede simbólica na qual ele está inevitavelmente envolvido.

2.8.2. A relação entre linguagem e pensamento

Página 94

Texto 21: Análise e interpretação

1. O que nos leva a acreditar que existe um pensamento antes da expressão é o facto de existirem pensamentos já constituídos e já expressos que podemos recordar silenciosamente e através dos quais nos iludimos de que há uma vida interior, prévia à linguagem.

Página 95

Texto 22: Análise e interpretação

1. De acordo com Adam Schaff não existe uma linguagem nem um pensamento puros. Com efeito, segundo o autor, o pensamento e a utilização da linguagem constituem dois elementos indissociáveis de uma unidade, sendo interdependentes e funcionando como dois aspetos de um único processo.

Página 96

Atividades

- 1.1. De acordo com a autora do texto, não podemos afirmar que o pensamento e a linguagem são o reflexo exato um do outro. De facto, segundo a autora, existe “uma certa assimetria entre linguagem e pensamento”: não se pode negar de todo a possibilidade de um pensamento que não seja expresso verbalmente; mas não é concebível uma linguagem humana que não seja pensamento.
- 1.2. A linguagem confere visibilidade ao pensamento.
- 1.3. Porque através da linguagem entendemos o que foi escrito antigamente, assim como aquilo que é dito e escrito atualmente, incluindo frases novas e inesperadas, além de sermos “capazes de exprimir novos pensamentos com palavras velhas”.

2.9. Função argumentativa – persuasão e refutação

Página 96

Texto 23: Análise e interpretação

1. Para uma argumentação ser eficaz, é necessário, por um lado, que o orador queira exercer mediante o seu discurso uma ação sobre o auditório, e, por outro lado, é necessário que os auditores estejam dispostos a escutar o orador e a ser influenciados por ele.

Página 99

Texto 24: Análise e interpretação

1. Para tentar persuadir uma pessoa tendo em conta apenas as suas características psicológicas, é importante levar essa pessoa a sentir emoção por meio do discurso.

Página 103

Atividades

1. Argumentar é procurar defender uma tese – ou refutar a tese oposta. A retórica, enquanto arte de bem falar e de argumentar, de demonstrar eloquência diante de um certo público, tem por objetivo persuadir e convencer um auditório a respeito de determinado assunto, levando-o a aceitar uma certa tese ou opinião. Neste sentido, a retórica e a argumentação acabam por coincidir.

2. *[Ethos:]* É um privilégio estar aqui para falar com um grupo tão distinto de empresários. Tive a sorte de trabalhar nos últimos dez anos em diversas empresas, ajudando-as a crescer de maneira sustentável. Além disso, a minha formação académica em ciências ambientais permite-me apresentar aqui uma perspetiva que se baseia nas mais recentes investigações nesta área.

[Pathos:] É importante falar sobre o impacto que as nossas ações de hoje terão no futuro. Pensemos nos nossos filhos e netos. Eles vão herdar o mundo que estamos a construir, um mundo cheio de desafios ambientais. Os efeitos das mudanças climáticas já são visíveis: esgotamento dos recursos, aumento dos desastres naturais, deterioração da qualidade de vida de milhões de pessoas. Temos uma tremenda responsabilidade. O que plantarmos hoje será colhido pelas próximas gerações.

[Logos:] Adotar políticas ambientais é uma decisão estratégica inteligente. Vários estudos mostram que as empresas que implementam práticas ambientais sustentáveis podem reduzir imenso as suas despesas. Além disso, a procura de produtos e serviços sustentáveis está a crescer a um ritmo exponencial. Ao adotar essas políticas, não estaremos somente a proteger o planeta, mas também a fortalecer as nossas empresas, aumentando a fidelidade dos clientes e melhorando a competitividade.

3.

3.1.

A. Possível argumento: tem de haver uma causa primeira, uma causa que está na origem de todas as causas e de todos os efeitos posteriores, sendo essa causa Deus.

B. Possível argumento: no mundo existe o mal, sendo este incompatível com um Deus sumamente bom..

3.2. Resposta pessoal, de carácter argumentativo.

4.

A. Nenhum pensamento é negativo.

B. João não é corajoso.

C. Não há extraterrestres.

D. Alguns cantores são milionários.

E. Algumas aves não voam.

F. Existem sereias.

G. Nenhuma palavra é capaz de magoar.

H. Todos os barcos flutuam.

I. Cabo Verde não é um país insular.

J. A Terra é plana.

K. Alguns anos não são bissextos.

Página 106

Ficha de trabalho**Grupo I**

1.

1.1. B.

1.2. D.

1.3. A.

1.4. C.

1.5. C.

1.6. B.

1.7. D.

Página 107

Grupo II

1.

1.1. Os seres naturais (as coisas) têm um valor relativo, o valor de meios, enquanto os seres racionais (as pessoas) são fins em si mesmo.

1.2. A expressão “fins em si mesmos” aplica-se a algo que não pode ser simplesmente usado como meio e que, por isso, limita a nossa faculdade de agir como nos apeteça; é um objeto de respeito e

não um mero instrumento que possamos usar como nos apetercer.

1.3. A pessoa, enquanto ser racional, é um eu, voltando-se para dentro, justamente por ter consciência de si mesma. Este voltar-se para dentro corresponde a uma atividade introspectiva e cognitiva fundamental. O sentido de interioridade é também o sentido da singularidade do eu, um sentido de unidade, identidade, mesmidade, permanência e continuidade.

2. A circunstância é tudo o que se encontra em torno do eu individual, tudo o que este encontra no seu horizonte de vida, sendo sempre circunstância para alguém. Enquanto ser circunstancial, cada ser humano vive inevitavelmente numa situação concreta, construindo-se a si mesmo sob influência de fatores diversos. Nessa construção, ligada ao carácter projetivo da pessoa, há uma abertura ao mundo e aos outros. A presença do outro é fundamental na construção do indivíduo. O outro representa para o sujeito não apenas a possibilidade de ele interagir, mas também a de se ir construindo, já que é no outro que ele vê espelhadas as suas características e imagina como ele o avalia. Por outro lado, a vida do ser humano faz-se na sociabilidade e na intersubjetividade, existindo uma relação fundamental entre a pessoa e a sociedade.

- 3.
- A. universal
 - B. aprendizagem
 - C. produto
 - D. agente
 - E. padrões
 - F. comportamentos
 - G. diversidade
 - H. preconceito
 - I. discriminação

- 4.
- A. 7.
 - B. 6.
 - C. 10.
 - D. 4.
 - E. 8.
 - F. 9.
 - G. 3.
 - H. 2.
 - I. 5.
 - J. 11.
 - K. 1.

3. Unidade axiológica – ação humana, os valores e as culturas

3.1. Ações e acontecimentos, atos do homem e atos humanos

Página 114

Texto 2: Análise e interpretação

1. Porque atirar o bilhete pela janela constitui uma ação, sendo, pois, necessário que o sujeito se aperceba do que está a fazer e que o queira fazer. Uma vez que, no caso descrito, o sujeito não se apercebeu do que estava a fazer ou não o quis fazer, não se pode dizer que ele tenha atirado o bilhete pela janela, mas apenas, quando muito, que este lhe caiu da mão.

Página 115

Texto 3: Análise e interpretação

1. Segundo Fernando Savater, apenas estamos perante uma ação quando algo é feito “apercebendo-me e querendo”, ou seja, quando temos consciência de que o estamos a fazer e quando isso é feito voluntariamente. Por outras palavras, para estarmos perante uma ação, é necessário que o ato seja consciente e voluntário.

Página 118

Atividades

1. Todas as ações são acontecimentos, mas nem todos os acontecimentos são ações.
2. É algo que fazemos de modo consciente, voluntário e intencional – isto é, damos-nos conta de que o estamos a fazer, fazemo-lo porque o queremos efetivamente fazer, e fazemo-lo com determinada intenção ou propósito.

3.

É ação:

- A. Fazer uma sopa.
- D. Escrever um poema.
- F. Partir um copo ao atirá-lo contra uma parede.
- H. Planear uma visita de estudo.
- T. Cantar.
- U. Ver uma peça de teatro.

- J. Ato humano.
- M. Marcar um golo.
- O. Contemplar uma pintura.
- P. Acender uma vela.
- R. Falar com alguém.

Não é ação:

- B. Ato involuntário.
- C. Tremor de nervosismo.
- E. Partir um espelho sem querer.
- G. Ato inconsciente.
- I. Ato consciente e involuntário.
- K. Tropeçar na rua.
- L. Cair de uma bicicleta.
- N. Crescer cabelo.
- Q. Acordar.
- S. Sentir frio.

3.2. Liberdade, responsabilidade e determinismo

3.2.1. A liberdade circunstancial e as condicionantes da ação humana

Página 122

Texto 4: Análise e interpretação

1. A nossa liberdade encontra-se restringida pela limitação da nossa existência finita e singular, pelo carácter finito e sempre incompleto do nosso conhecimento e, finalmente, pela finitude da nossa vontade, que está reduzida a um estreito campo da ação, seja por não sermos capazes de fazer tudo o que queremos, seja por haver regras que nos impõem limites ao que queremos fazer.

Atividades

1. As condicionantes da ação humana são as condicionantes físico-biológicas, como, por exemplo, as características do nosso corpo; as psicológicas, como, por exemplo, o nosso temperamento individual, e as histórico-culturais, como, por exemplo, o conjunto de regras e dos padrões sociais a que estamos sujeitos.
- 2.
- 2.1.
 - A. Possível argumento: só numa ausência completa de restrições ou limites é que se pode falar em "liberdade".

- B. Possível argumento: se não houvesse restrições ou limites, ficaríamos paralisados sem saber o que escolher, e assim também não seríamos livres.

3.2.2. Três teorias acerca do livre-arbítrio

Página 127

Texto 5: Análise e interpretação

1. Os seres humanos possuem a ilusão de que têm livre-arbítrio porque, estando conscientes dos seus desejos, desconhecem as causas que os determinam. Tal como a força (uma causa externa) que atua na pedra faz com que ela se mova, também os seres humanos são impelidos e movidos para certas ações por meio de certas causas, forças ou impulsos, que eles desconhecem, ou de que não têm consciência, e que os determinam a agir assim.

Página 130

Texto 6: Análise e interpretação

1. Essa afirmação implica que não será possível encontrar explicações para a nossa ação numa natureza humana dada e imutável ou, se se preferir, as nossas ações não estão determinadas e, portanto, temos liberdade (ou livre-arbítrio).

Página 133

Texto 7: Análise e interpretação

1. Agir livremente significa que o sujeito teria agido de outro modo se assim o tivesse escolhido, que a sua ação foi voluntária e que ninguém o obrigou a escolher como escolheu.

Página 134

Atividades

1. A responsabilidade é a situação ou característica de todo aquele que pode ser chamado a "responder" sobre um determinado facto. Responsabilizar o agente por uma ação, qualquer que ela seja, é pressupor que ele é livre, isto é, que tem livre-arbítrio: só há responsabilidade se houver livre-arbítrio.

2. O determinismo é a perspetiva segundo a qual todos os acontecimentos, nos quais se incluem as ações humanas, são o resultado necessário de acontecimentos anteriores e das leis da natureza.
3. Uma objeção ao determinismo radical passa por considerar que somos livres na medida em que nos apercebemos de que o somos no ato de deliberar e de escolher. Os nossos sentimentos de culpa, de arrependimento, de remorso mostram, ou parecem mostrar, que poderíamos ter agido de outro modo, sendo natural que acreditemos nisso.
4. Os libertistas pretendem dizer que o sujeito é um agente que tem o poder de interferir no curso normal das coisas, através da sua capacidade racional e da sua deliberação, podendo fazer com que as coisas aconteçam pela sua própria intervenção. Ele inicia sequências de acontecimentos sem ser causalmente determinado. Assim, nem todos os eventos são causados por eventos anteriores e pelas leis da natureza.
5. Porque, para o determinismo moderado, “ser livre” não significa “não ser causado”, mas sim isento de coerção, de coação, de constrangimentos, de compulsões ou de obstáculos. As ações são sempre determinadas ou causadas – seja pelo nosso passado, pelo nosso temperamento, por processos que ocorrem no cérebro, por fatores que não controlamos –, havendo ações que são livres, outras que não o são. Enquanto as ações livres resultam do exercício da vontade de um agente, das suas crenças e dos seus desejos, surgindo por um processo natural, sem coações, as ações não livres são aquelas que somos forçados a fazer. Conclui-se que, mesmo que uma ação seja causalmente determinada, o agente pode ser livre, ou seja, pode ter livre-arbítrio.
6.
 - 6.1.
 - A. Possível argumento: temos livre-arbítrio porque nos apercebemos de que somos livres de escolher sempre que fazemos uma escolha consciente.
 - B. Possível argumento: não temos livre-arbítrio porque não temos qualquer controlo sobre as nossas ações, que são o resultado inevitável de causas anteriores e das leis da natureza.

3.3. Os valores

3.3.1. Noção de valor; facto e valor

Página 137

Texto 8: Análise e interpretação

1. Isso significa que só podemos querer aquilo que de qualquer maneira nos pareça valioso e como tal digno de ser desejado.

Página 139

Atividades

1. Os factos referem-se a algo que acontece, uma realidade concreta ou qualquer dado real da nossa experiência, enquanto os valores se encontram na base das nossas avaliações e dos nossos processos de decisão, exprimindo a nossa não indiferença perante o que nos rodeia.

2.

Juízos de facto:

- A. Joaquim voa.
- C. Deus existe.
- D. A Terra é plana.
- F. O fogo queima.
- I. Algumas pessoas acreditam que mentir é certo.

Juízos de valor:

- B. Dizer mal dos outros é moralmente errado.
- E. O genocídio é intolerável.
- G. *Guernica* é um quadro interessante.
- H. Roubar é injusto.
- J. Salvar uma vida é mais importante do que dizer a verdade.

3.3.2. Polaridade, hierarquia, relativismo e universalidade dos valores

Página 141

Texto 9: Análise e interpretação

1. Eles permitem realizar o sentido da vida em geral e saber encontrar a melhor decisão a tomar em todas as situações concretas da vida.
2. Para podermos apreciar as valorações dos outros, é necessário que tenhamos um conhecimento

profundo e alargado dos nossos próprios valores e da sua escala ou da sua hierarquização.

Página 142

Atividades

1. O aluno deve defender a sua concordância ou discordância, tendo em conta se há ou não uma hierarquia de valores que seja única e objetiva.
- 2.
- 2.1.
 - A. Possível argumento: há certos valores, como o respeito pela vida humana, que estão para lá das diferenças culturais.
 - B. Possível argumento: tudo o que consideramos valioso é relativo aos códigos e padrões da nossa cultura, não existindo nada que seja valioso em todas as épocas e culturas.

3.3.3. Valores e cultura

Página 144

Texto 10: Análise e interpretação

1. Porque, em resultado do processo de socialização, eles são interiorizados pelas pessoas, e é essa interiorização que permite sentir tais modelos como perfeitamente “naturais”. Eles são, assim, uma parte integrante da sociedade e dos indivíduos.

Página 147

Texto 11: Análise e interpretação

1. Porque a tolerância tem de se proteger a si própria. Com efeito, se formos tolerantes com o intolerante, a própria tolerância é posta em causa e acaba por desaparecer.

Página 148

Atividades

1. Porque o etnocentrismo promove a assimilação – um processo em que as culturas dominantes tendem a impor os seus valores às culturas minoritárias – enquanto o relativismo cultural promove a separação – as diferentes culturas

toleram-se, mas vivem de costas voltadas, sem contacto entre si, tendendo a separar-se ou a isolar-se.

2.

2.1.

- A. Possível argumento: existem valores universais ou, pelo menos, há vínculos que unem as diferentes culturas e comunidades, podendo chegar-se a certos consensos.
 - B. Possível argumento: não existem valores universais, e cada um avalia as culturas alheias através dos padrões e valores da sua própria cultura, sem nunca conseguir colocar-se no lugar do outro.
3. Resposta pessoal, de carácter descritivo e reflexivo.

3.3.4. Os valores hoje – crise ou reformulação de valores?

Página 151

Texto 12: Análise e interpretação

1. O que, na ótica de Lipovetsky, se revelou decisivo para o individualismo foi a transformação dos estilos de vida associada à revolução do consumo.
2. Esse facto consiste em o indivíduo viver livre e sem coação, escolhendo sem restrições o seu modo de existência.

Página 152

Texto 13: Análise e interpretação

1. Essa passagem é a seguinte: «Não sabe fornecer critérios do bem e do mal, do justo e do injusto. Desta forma, tudo se reduz à opinião e à conveniência pessoais.»

Página 153

Atividades

1. O relativismo, que é a perspetiva segundo a qual os valores variam com as preferências e apreciações dos indivíduos ou com o contexto social e cultural, pode contribuir para o surgimento de uma crise de valores, uma situação que se verifica

quando há conflito, desorientação, ambiguidade ou incerteza acerca de crenças e valores fundamentais. Uma crise de valores, por sua vez, também pode potenciar o relativismo e o sentimento de que não há referências axiológicas estáveis.

- Com esta atividade espera-se que os alunos sejam capazes de respeitar as regras de um debate e de argumentar de modo racional e crítico.

Página 156

Ficha de trabalho

Grupo I

- D.
 - C.
 - C.
 - B.
 - D.
 - B.
 - A.

Página 157

Grupo II

- V.
 - F.
 - V.
 - F.
 - F.
 - V.
 - F.
 - V.

2.

Teorias	Tudo está determinado	Se tudo está determinado, então não temos livre-arbítrio	Somos moralmente responsáveis
Determinismo radical	Concorda	Concorda	Discorda
Libertismo	Discorda	Concorda	Concorda
Determinismo moderado	Concorda	Discorda	Concorda

Grupo III

- Porque a liberdade circunstancial está, como o adjetivo indica, ligada a uma circunstância, sendo uma liberdade situada, contextualizada e condicionada, no âmbito da nossa existência singular, finita e situada num tempo e num espaço específicos.
- A responsabilidade exige o livre-arbítrio. Considerar que o agente é moralmente responsável é admitir que ele tem mérito ou culpa pelas ações que realiza de modo voluntário, diante de alternativas possíveis, podendo ter escolhido agir de modo diferente daquele que agiu. Ora, uma vez que, segundo os deterministas radicais, o sujeito não tem qualquer controlo sobre as suas ações, que são o resultado inevitável de causas anteriores, ele não escolhe agir desta ou daquela maneira. Logo, não tem livre-arbítrio e, por isso, não pode ser responsabilizado.
- Os libertistas argumentam a favor do livre-arbítrio recorrendo à ideia de que existe uma dualidade entre o corpo e a mente, sendo que esta se encontra acima ou fora da causalidade da natureza ou do mundo físico-biológico, não estando sujeita ao determinismo das coisas naturais, e tendo a capacidade de interferir com a ordem causal da natureza. Eles apresentam também o argumento da experiência – a experiência da liberdade é uma prova de que somos livres – e o argumento da responsabilidade – no nosso modo habitual de pensar, consideramos que os outros são responsáveis pelas suas ações e nós pelas nossas.
- O determinismo moderado é uma teoria compatibilista na medida em que compatibiliza o determinismo com o livre-arbítrio, defendendo, ao mesmo tempo, que tudo está determinado e que temos livre-arbítrio. Isto significa que as ações livres são aquelas que fazemos com vontade de as fazer e sem que nada nem ninguém nos force ou obrigue, resultando dos nossos desejos, crenças, carácter e personalidade, surgindo por um processo natural, sem coações, mesmo que estejamos determinados a agir assim.
- Juízos de facto são juízos que pretendem descrever a realidade, sendo, por isso, descritivos e tendo valor de verdade, independentemente dos sujeitos individuais ou das culturas. Exemplo: “Cabo Verde é um país.” Os juízos de valor, considerados normativos ou prescritivos (mas também

descritivos, segundo algumas perspectivas), são juízos que pretendem avaliar a realidade ou reconhecer nela a presença de determinado valor. Exemplo: “Cabo Verde é um país belo.”

- O etnocentrismo promove a assimilação, no sentido de as culturas dominantes tenderem a impor os seus valores às culturas minoritárias, o que tem como possíveis consequências o racismo, a xenofobia, o patriotismo ou o nacionalismo exagerado. O relativismo cultural promove a separação, no sentido em que as culturas se toleram, mas vivem sem contacto entre si, tendendo a separar-se ou a isolar-se, o que tem como possíveis consequências os fenómenos de segregação. O interculturalismo procura responder a tais problemas através da promoção da integração e da interação, baseando-se no diálogo, na cooperação solidária, no respeito pela diversidade cultural e pela dignidade humana, e defendendo a possibilidade de alguns princípios e valores serem universais e partilhados por todas as comunidades.

4. As normais morais

4.1. A ética das virtudes de Aristóteles

4.1.1. O bem supremo: a felicidade

Página 164

Texto 2: Análise e interpretação

- As três formas principais de viver a vida são: a vida dedicada à fruição do prazer, a vida dedicada à ação política e a vida dedicada à atividade contemplativa.
- Porque a riqueza é meramente útil. Enquanto útil, ela existe apenas em vista de outra coisa diferente de si, constituindo somente um meio para alcançar outras coisas e não um fim em si mesma.

Página 165

Texto 3: Análise e interpretação

- A função ou atividade característica dos seres humanos é constituída pela atividade racional.
- Aristóteles considera que a vida boa para um ser humano é uma vida pautada por uma atividade racional virtuosa.

Página 166

Atividades

- Não. Segundo Aristóteles alguns fins e bens estão subordinados a outros. Mas é impensável um processo que conduza de um fim a outro fim e de um bem a outro bem até ao infinito. Por isso, todos os fins e bens a que o ser humano aspira terão de existir em função de um fim último e de um bem supremo. Ora, este fim ou bem é desejado por si próprio e não como meio para um fim ou bem ulterior. Por isso, nem todos os fins e bens estão subordinados a outros.
- Segundo Aristóteles, o ser humano só pode ser feliz se viver de acordo com a razão. A felicidade ou o verdadeiro bem do ser humano consiste na realização perfeita da atividade racional. Este verdadeiro bem é de carácter espiritual e consiste na atividade da alma segundo a virtude, sendo que, se houver várias virtudes, então esse bem é a atividade da alma de acordo com a virtude melhor e mais perfeita.
- Possível argumento: a felicidade é um fim em si mesma, um fim desejado por si próprio e não como meio para um fim posterior, e todas as ações e atividades humanas se orientam para esse fim.
 - Possível argumento: alguns seres humanos admitem que a felicidade não é algo que se possa procurar e encontrar no futuro, mas algo que só pode existir na aceitação do momento presente.

4.1.2. As virtudes: éticas e dianoéticas

Página 169

Texto 4: Análise e interpretação

- O meio de uma coisa é o ponto que se mantém a uma distância igual em relação a cada um dos extremos, sendo este um e o mesmo para todas as coisas. Quanto ao meio relativamente a nós, trata-se de uma medida que não tem a mais nem a menos e que não é a mesma para todos.

2. Aquele que possui algum conhecimento acerca das coisas evita tanto o excesso como o defeito, mas procura saber onde está o meio para o poder escolher.

Página 171

Texto 5: Análise e interpretação

1. As virtudes intelectuais consistem na compreensão, na aquisição de sensatez, na apreciação da beleza, e em outras atividades de natureza semelhante.
2. As virtudes morais consistem em colocar os apetites e desejos físicos sob o controlo da razão.
3. Os apetites animais não são sempre prejudiciais para a alma. Só se deixarem de estar controlados, existindo um excesso ou um defeito, é que são prejudiciais para a alma. Se estiverem controlados, contribuem positivamente para uma boa vida.
4. As virtudes intelectuais nunca estão em excesso porque a sua realização aumenta sempre o bem-estar da alma inteira.

Página 173

Atividades

1. Segundo Aristóteles, não existe virtude ética se existir excesso ou defeito. A virtude ética consiste, portanto, na disposição de escolher o justo meio adequado à nossa natureza. Ela consiste no justo meio, um justo meio entre dois vícios, sendo um vício marcado pelo excesso e o outro pelo defeito.
2. Segundo Aristóteles, as virtudes éticas e a virtude dianoética da prudência encontram-se ligadas entre si: não é possível ser eticamente virtuoso sem possuir a prudência nem é possível ser prudente sem ter as virtudes éticas. É à prudência que cabe determinar o justo meio em que as virtudes morais consistem.
3. Segundo Aristóteles, a prudência é a virtude típica da razão prática e consiste em saber dirigir corretamente a vida, ou seja, saber refletir acerca do que é bom ou mau para nós. Ela ajuda-nos a estabelecer os meios mais corretos para atingir os verdadeiros fins. A sabedoria, por sua vez, é a virtude típica da razão teórica. Ela é mais elevada do que a prudência porque, enquanto a prudência

se refere ao ser humano e, por isso, ao que nele existe de mutável, a sabedoria considera o que existe acima do ser humano. Esta virtude é constituída pela apreensão intuitiva dos princípios através do intelecto ou pelo conhecimento discursivo das consequências que derivam desses princípios. A sabedoria refere-se às coisas mais elevadas por natureza, mais altas e universais.

4.

4.1.

A. Possível argumento: se existir excesso ou defeito, o irracional impõe-se ao racional; só com o justo meio é que o racional se afirma sobre o irracional.

B. Possível argumento: há certas virtudes que serão tanto maiores quanto mais o indivíduo ultrapassar certos limites humanos: por exemplo, não há (ou não deve haver) limites para a solidariedade ou para a fraternidade.

4.1.3. A felicidade perfeita

Página 174

Texto 6: Análise e interpretação

1. A atividade contemplativa do intelecto é um fim em si mesma, tem um prazer que lhe pertence por essência, e caracteriza-se também pela autossuficiência, o tempo livre e a infatigabilidade, traduzindo a felicidade humana no seu grau de completude, desde que se estenda ao longo de toda a vida.

Página 175

Atividades

1. O intelecto tende a conhecer por si mesmo e é o que de mais elevado existe em nós, sendo a sua atividade perfeita e autossuficiente.
2. A felicidade suprema do ser humano é, segundo Aristóteles, a felicidade da vida contemplativa. Trata-se da pura contemplação do que é necessário, da verdade eterna e universal. Esta felicidade leva-nos, de algum modo, para além daquilo que é puramente humano, pondo-nos, num certo sentido, em contacto com a divindade.

4.1.4. Objeções à ética aristotélica

Página 176

Texto 7: Análise e interpretação

1. A maneira mais radical passa por negar que exista algo a que se possa chamar “natureza humana”, como fizeram alguns filósofos existencialistas, argumentando, por exemplo, que os seres humanos se criam a si próprios através das escolhas que efetuam e não de acordo com padrões preestabelecidos.
2. Essa outra forma consiste em criticar a interpretação efetuada por Aristóteles acerca da natureza humana, pondo em causa, por exemplo, que a capacidade racional seja o que efetivamente separa os seres humanos dos outros animais.

Página 178

Atividades

1. A ética de Aristóteles é, por vezes, acusada de ser egoísta porque apenas fornece uma receita para a felicidade individual, ensinando o indivíduo a lutar pelos seus interesses pessoais e não revelando preocupação com o bem-estar dos outros. É também acusada de ser elitista, porque não parece que a felicidade seja acessível a todos, já que são necessários muitos requisitos e certos fatores externos para a alcançar. Por outro lado, só aqueles que são suficientemente afortunados para dispor de tempo para se dedicar à contemplação filosófica é que podem levar uma vida supremamente boa.
2. Resposta livre, de carácter argumentativo.

4.2. A ética deontológica de Immanuel Kant

4.2.1. A boa vontade

Página 180

Texto 8: Análise e interpretação

1. A boa vontade é a única coisa (entre as que é possível conceber) que pode ser considerada boa sem qualquer restrição.

2. Os talentos do espírito e as qualidades do temperamento são, em muitos aspetos, coisas boas e desejáveis; mas podem, também, tornar-se maus e funestos se a vontade não for boa.
3. Caso a vontade não seja boa, os dons da fortuna podem conduzir à presunção.
4. A boa vontade parece constituir condição indispensável do que nos torna dignos de ser felizes.

Página 182

Atividades

1. Segundo Kant, a boa vontade é a única coisa concebível como boa em si mesma, sem quaisquer restrições, possuindo um valor intrínseco, incondicional e absoluto. A boa vontade deixa-se guiar pela razão e não pelas emoções.
2. Agir apenas por compaixão não constitui, de facto, uma ação com valor moral, visto que quem age apenas por compaixão age por inclinação ou por impulso sensível e não guiado pela razão ou pela lei moral, pelo que a sua intenção não é pura.
3.
 - 3.1.
 - A. Possível argumento: quem age apenas por amizade age por inclinação ou por sentimento e não guiado pela razão ou pela lei moral, que é a fonte da moralidade.
 - B. Possível argumento: a amizade é um sentimento positivo e dela resultam, em geral, boas consequências práticas.

4.2.2. O dever

Página 185

Texto 9: Análise e interpretação

1. Essa ação não tem valor moral, porque o retalhista agiu apenas por interesse, por intuíto egoísta, e não por sentido do dever. A sua ação foi meramente conforme ao dever. Ele agiu segundo a legalidade, mas não segundo a moralidade.

Atividades

1. De acordo com a ética de Kant, ele não só não agiu por dever, como agiu de modo contrário ao dever, tratando o outro como um simples meio, e não

como um fim em si mesmo, e desrespeitando direitos fundamentais do ser humano. Agir por dever, segundo Kant, não significa obedecer a ordens vindas do exterior. Significa, sim, respeitar a lei moral ou o imperativo categórico, sendo motivado pelo puro cumprimento do dever. Quem se limita a obedecer a ordens provenientes do exterior, sem ter em conta a lei moral da razão, não age por dever. No caso referido, a pessoa em causa nem sequer agiu em conformidade com o dever: agiu de forma totalmente errada e contrária ao dever.

2. A moralidade é uma qualidade relativa às ações que são realizadas coerentemente por dever, referindo-se ao respeito (interior) pela lei moral. Já a legalidade é uma qualidade relativa às ações realizadas em conformidade com o dever, mas que foram realizadas com fins egoístas, por desejos, inclinações ou interesses diferentes do puro respeito ao dever. Um exemplo de uma ação com valor moral, ou seja, caracterizada pela moralidade, é o de uma pessoa que não rouba porque considera que é moralmente errado roubar, independentemente das consequências. Um exemplo de uma ação apenas caracterizada pela legalidade é o de uma pessoa que não rouba porque tem medo de ir para a prisão.

4.2.3. O imperativo categórico

Página 187

Texto 10: Análise e interpretação

1. Quando estamos perante um imperativo hipotético, a ação é prescrita, não de um modo absoluto, mas como meio para alcançar uma determinada finalidade.
2. O imperativo categórico prescreve uma determinada ação de modo imediato, e incondicional. Ele diz respeito à forma e ao princípio de que deriva a ação; refere-se à intenção e não aos resultados ou às consequências, sendo considerado o imperativo da moralidade.

Página 190

Texto 11: Análise e interpretação

1. Essa máxima pode exprimir-se deste modo: “Quando creio estar com dificuldades de dinheiro,

peço-o emprestado e prometo devolvê-lo, embora saiba que nunca o farei.”

2. A submissão dessa máxima ao imperativo categórico poderá começar convertendo a exigência do amor a si mesmo numa lei universal e colocando a questão seguinte: “Que sucederia se a minha máxima se tornasse uma lei universal?”
3. Não devemos fazer promessas enganadoras porque admitir como uma lei universal o fazer promessas enganadoras seria tornar impossível o prometer (visto que ninguém acreditaria no prometido), ou seja, não podemos querer como lei universal esse tipo de máxima.

Página 193

Atividades

1. Os deveres perfeitos não admitem exceções e dizem-nos que não devemos fazer certas ações, constituindo proibições absolutas – por exemplo, são absolutamente proibidos o suicídio e as promessas enganadoras. Os deveres imperfeitos dizem-nos que há coisas que devemos fazer, que há certos fins obrigatórios, embora permitam alguma flexibilidade – por exemplo, devemos desenvolver os nossos talentos e contribuir para o bem-estar e a felicidade dos outros. Os deveres perfeitos têm prioridade sobre os deveres imperfeitos.
2. O que temos a fazer é perguntar o que sucederia se as referidas máximas se tornassem leis universais e se poderemos querer que todos sigam essas máximas. Ora, se a primeira máxima fosse universalizada, estar-se-ia a pôr em causa a sobrevivência da própria Humanidade, ou seja, nunca poderemos querer a universalização de tal máxima. No que se refere à segunda máxima, o não contribuir para o bem-estar dos outros poderia levar a que o indivíduo, ao vir a precisar da ajuda deles, se visse privado de tal ajuda. Ou seja, ninguém poderá querer que essa máxima se converta numa lei universal.
3. A fórmula da humanidade estabelece o seguinte: “Age de tal forma que trates a humanidade, tanto na tua pessoa como na de qualquer outro, sempre simultaneamente como um fim, e nunca simplesmente como um meio.” Kant considera, pois, que a pessoa (seja a dos outros ou a nossa) é um fim em si mesma, com valor intrínseco e absoluto,

sendo que a sua dignidade não pode ser posta em causa. Ela deve, portanto, ser tratada como fim e não como simples meio ou instrumento para atingirmos os nossos objetivos ou desejos egoístas. Tratar o ser humano como fim em si mesmo e não apenas como meio é respeitá-lo enquanto agente racional ou pessoa, é respeitar a sua racionalidade e reconhecer a sua dignidade. Ora, se tirarmos a vida a uma pessoa para, com os seus órgãos, salvar cinco, estamos a usar essa pessoa como simples meio e não como fim em si mesma. Na perspetiva de Kant, tal ação seria, por isso, desprovida de valor moral e, inclusive, contrária ao dever.

4.

4.1.

A. Possível argumento: a vontade é legisladora universal e dá a si mesma a lei moral, à qual se submete por sua própria escolha.

B. Possível argumento: a lei moral é interiorizada durante o processo de socialização, podendo variar de cultura para cultura.

4.2.4. Objeções aos preceitos da ética kantiana

Página 195

Texto 12: Análise e interpretação

1. A partir da situação descrita no texto, podemos extrair a conclusão de que uma perspetiva moral que defenda regras morais absolutas é incoerente.
2. Com esta atividade, espera-se que os alunos sejam capazes de respeitar as regras de um debate e de argumentar de modo crítico e racional.

Página 196

Atividades

1. A teoria ética de Kant não só não considera as emoções essenciais para agir corretamente, como entende que a correção moral das ações depende exclusivamente de princípios universais, de carácter racional, que se impõem incondicionalmente, com independência total das emoções. Por exemplo, se alguém ajudar os outros movido apenas por um sentimento de compaixão, ou por

alguma emoção semelhante, a sua ação não tem valor moral.

2. A teoria ética de Kant é criticada por nem sempre ajudar quem se encontra perante tomadas de decisão efetivas do ponto de vista moral. Por exemplo, nas situações que envolvem dilemas morais, esta teoria não oferece soluções satisfatórias: torna-se difícil saber como aplicar a forma do dever quando estamos perante conflitos entre deveres, como, por exemplo, se temos o dever de nunca mentir e o dever de proteger a vida de alguém, numa circunstância em que só mentindo podemos conseguir tal proteção.

4.3. A ética consequencialista de John Stuart Mill

4.3.1. O hedonismo

Página 199

Texto 13: Análise e interpretação

1. O que permite decidir qual de dois prazeres é qualitativamente mais desejável é o facto de haver uma preferência decidida por um desses prazeres por parte de todos ou quase todos aqueles que tiveram a experiência de ambos.
2. Essa pessoa preferirá os prazeres associados às faculdades superiores ou prazeres superiores.

Página 200

Atividades

1. O hedonismo é a doutrina segundo a qual o prazer (e a ausência de dor) é a essência da felicidade, a qual constitui a finalidade última de todas as nossas ações. O prazer é, portanto, o supremo bem do ser humano.
2. O hedonismo de Bentham diverge do hedonismo de Mill, na medida em que Bentham tem uma perspetiva meramente quantitativa dos prazeres, defendendo, por isso, um hedonismo quantitativo – o valor dos prazeres depende apenas da sua intensidade e da sua duração –, enquanto Mill estabelece uma distinção em termos da qualidade dos prazeres, defendendo, assim, um hedonismo qualitativo – existem prazeres inferiores (corporais) e prazeres superiores (intelectuais/espirituais).

4.3.2. O consequencialismo

Página 201

Texto 14: Análise e interpretação

1. Na ética utilitarista, os motivos podem ser relevantes para o valor do agente, mas são irrelevantes quando se trata de determinar a moralidade de uma ação.

Página 203

Atividades

1. De acordo com o princípio da utilidade, a ação correta é aquela que maximiza a felicidade ou o bem-estar geral. Estamos perante uma expressão clara do consequencialismo: o que permite dizer se uma ação é certa ou errada são apenas as suas consequências. Se seguirmos o princípio da utilidade, iremos agir de modo que as consequências sejam as melhores. Neste contexto, o ato moralmente correto ou com valor moral é aquele que, efetuada uma avaliação imparcial da situação, e tendo em conta as alternativas, permite maximizar o prazer ou a felicidade geral, conduzindo ao maior bem-estar total, ao saldo mais positivo, às melhores consequências.

2.

2.1.

A. Possível argumento: o que importa quando se age é que todos os que forem afetados pela ação se sintam felizes, independentemente de haver ou não boas intenções envolvidas.

B. Possível argumento: a moralidade não tem que ver com o facto de as pessoas se sentirem felizes com os resultados das ações que são praticadas, mas sim com a obediência a princípios universais que o agente racional impõe a si mesmo.

4.3.3. Padrão utilitarista e princípios secundários

Página 205

Texto 15: Análise e interpretação

1. O reconhecimento de um primeiro princípio não é inconsistente com a admissão de princípios

secundários na medida em que, seja qual for o princípio fundamental da moralidade que adotemos, precisamos sempre de princípios subordinados ou secundários através dos quais o possamos aplicar.

2. Tais situações são os casos em que se verificam obrigações em conflito.
3. Para resolver tais conflitos devemos recorrer aos primeiros princípios, ou seja, devemos recorrer, no caso do utilitarismo, ao princípio da utilidade ou princípio da maior felicidade.

Página 206

Atividades

1. Segundo Mill, o princípio da maior felicidade é um padrão que indica o que torna as ações moralmente corretas ou incorretas. Mas não o podemos confundir com um guia específico na tomada de decisões. Por isso, também não o devemos aplicar constantemente. Se o tentássemos aplicar constantemente, seríamos confrontados com dificuldades de cálculo que nos deixariam praticamente paralisados, o que acabaria por comprometer a promoção da felicidade geral.
2. O que permite explicar que o indivíduo escolha agir de acordo com o princípio da máxima felicidade geral é a existência de um poderoso sentimento natural: existe uma sociabilidade natural dos seres humanos, um sentimento social natural, que nos leva à cooperação mútua. Estamos constituídos de maneira a desejar que os nossos interesses se encontrem em harmonia com os dos nossos semelhantes. Aquele que tem bom carácter será mais feliz do que aquele que tiver mau carácter, não apenas porque usufrui dessa qualidade em termos pessoais, mas também porque proporciona, com as suas atitudes e ações nobres, a felicidade aos outros.
3. Com esta atividade, espera-se que os alunos sejam capazes de respeitar as regras de um debate e de argumentar de modo crítico e racional.

4.3.4. Objeções aos preceitos da ética de John Stuart Mill

Página 208

Texto 16: Análise e interpretação

1. A exigência utilitarista da maximização da felicidade geral pode justificar muitas ações habitualmente consideradas ilegais ou imorais. Por exemplo, à luz do utilitarismo seria defensável que tirássemos a vida a um cidadão portador de uma doença contagiosa e potencialmente fatal se soubéssemos que isso livraria uma comunidade inteira de uma eventual epidemia.

Página 209

Atividades

1. A exigência utilitarista da maximização da felicidade geral pode justificar muitas ações habitualmente consideradas ilegais ou imorais. Por exemplo, à luz do utilitarismo seria defensável que tirássemos a vida a um cidadão portador de uma doença contagiosa e potencialmente fatal se soubéssemos que isso livraria uma comunidade inteira de uma eventual epidemia.
2.
 - 2.1.
 - A. Possível argumento: o princípio da promoção da felicidade geral exige o altruísmo e, inclusive, parece exigir que abandonemos grande parte dos nossos recursos materiais, a favor dos mais necessitados.
 - B. Possível argumento: o facto de fazermos tudo o que está ao nosso alcance para benefício dos outros também traz benefícios para nós próprios (visto que as pessoas moralmente boas são mais felizes do que as moralmente más), e quem assim procede não sente que isso seja uma exigência.

4.3.5. Diferenças entre a ética kantiana e a ética de John Stuart Mill

Página 211

Texto 17: Análise e interpretação

1. Com esta atividade, espera-se que os alunos sejam capazes de respeitar as regras de um debate e de argumentar de modo crítico e racional.

Página 212

Texto 18: Análise e interpretação

1. A ética utilitarista e consequencialista de Mill responderia que, em ambos os casos, seria preferível morrer uma pessoa para salvar cinco, baseando-se no pressuposto da maior felicidade para o maior número. A ética kantiana responderia que em nenhuma das situações se deveria sacrificar uma pessoa para salvar cinco, visto que temos o dever de não matar e de tratar qualquer pessoa como fim e nunca como simples meio.
2. A maioria das pessoas tende a aceitar a resposta utilitarista e consequencialista no primeiro caso (recusando a resposta kantiana): sacrificar uma vida para salvar cinco parece ser a coisa certa a fazer. Já no segundo caso a maioria das pessoas tende a recusar a resposta utilitarista e consequencialista (aceitando a resposta kantiana): empurrar o homem corpulento para a linha seria cometer um erro terrível.
3. Resposta pessoal, de carácter argumentativo.

Página 213

Atividades

1.
 - 1.1. Do ponto de vista da ética utilitarista e consequencialista, Harold Donnelly terá, à partida, tomado a decisão certa ao ajudar o irmão. Com efeito, tendo em conta as possíveis consequências da sua ação, e de acordo com o princípio da utilidade, ou da maior felicidade, é legítimo acabar com o sofrimento de Matthew e também com o de todos aqueles que sofrem por assistir ao seu sofrimento. A ação parece trazer mais vantagens do que desvantagens. Na perspetiva da ética deontológica de Kant, considerando que Harold

age unicamente por pena ou compaixão do irmão, a ação não é correta. A ação correta é aquela que é feita por dever, obedecendo ao imperativo categórico. De acordo com este imperativo, acabar com a vida de alguém em desespero e a seu pedido não será desejável nem universalizável. Mas, ainda que o fosse para Harold, a segunda fórmula do imperativo proibi-lo-ia de tratar o outro como um simples meio (mesmo para satisfazer um desejo do próprio Matthew), exigindo que o tratasse como um fim em si mesmo.

1.2. Com esta atividade, espera-se que os alunos sejam capazes de respeitar as regras de um debate e de argumentar de modo racional e crítico.

2.

A. Ética deontológica de Kant

- 3. O valor moral de uma ação reside na intenção.
- 4. O princípio ético fundamental é o imperativo categórico.
- 6. A única coisa boa em si mesma é a boa vontade.
- 7. Uma vontade livre é uma vontade submetida a leis morais.

B. Ética consequencialista de Mill

- 1. As consequências são decisivas para a moralidade
- 2. A ação moralmente correta obedece ao princípio da maior felicidade.
- 5. Não existem regras morais absolutas.
- 8. Para avaliar as ações, devemos ter em conta a sua utilidade.

Ficha de trabalho

Grupo I

- 1.
- 1.1. B.
- 1.2. C.
- 1.3. B.
- 1.4. D.
- 1.5. A.
- 1.6. D.
- 1.7. C.
- 1.8. C.
- 1.9. A.

Grupo II

- 1.
 - A. felicidade
 - B. razão
 - C. extremos
 - D. ética
 - E. meio
 - F. dianoéticas
 - G. sabedoria
 - H. fundamentação
 - I. intenção
 - J. consequências
 - K. sensibilidade
 - L. dever
 - M. categórico
 - N. autonomia
 - O. hedonista
 - P. maximiza
 - Q. imparcialidade
 - R. utilidade
 - S. maior

2. Para Aristóteles, as virtudes éticas são adquiridas pelo hábito e consistem no domínio da razão sobre os impulsos sensíveis, equivalendo a um justo meio entre dois vícios, um deles marcado pelo excesso e o outro pelo defeito. Já as virtudes dianoéticas consistem no próprio exercício da razão, referindo-se à faculdade racional da alma, sendo as duas principais a prudência e a sabedoria.

3.

	Ética de Kant	Ética de Mill
Tipo de ética	Deontológica	Teleológica e consequencialista
Algo que é bom em si mesmo, possuindo valor intrínseco	Boa vontade	Felicidade
Critério de determinação do valor moral da ação	Intenções	Consequências
Princípio ético fundamental	Imperativo categórico	Princípio da maior felicidade
Existência de regras morais absolutas (sim ou não?)	Sim	Não

4. A fórmula kantiana da lei universal diz o seguinte: "Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal." Isto significa que, para agirmos bem ou

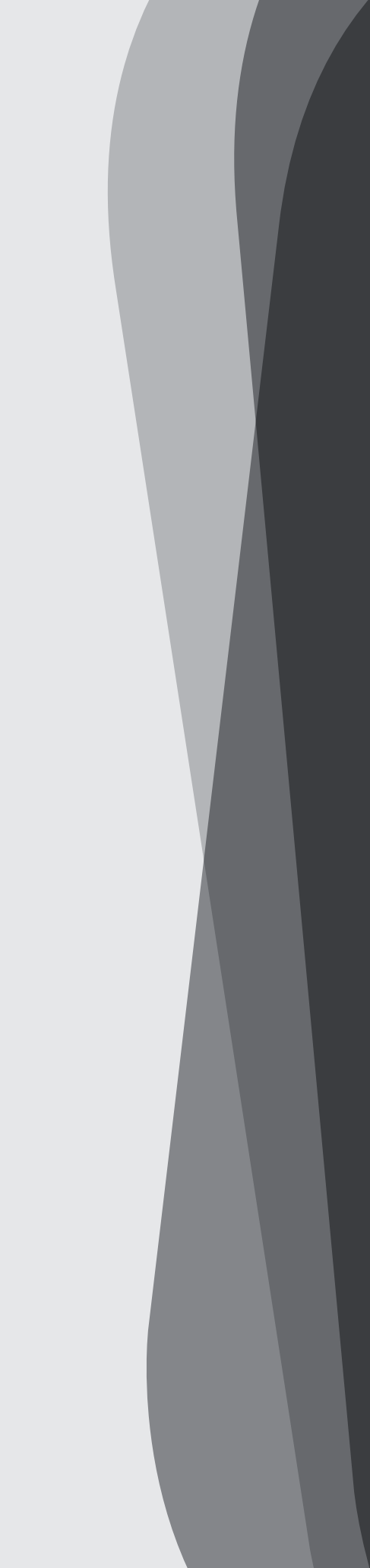
para que a nossa ação tenha valor moral, devemos perguntar a nós próprios se podemos querer que a máxima ou princípio que orienta a nossa ação (a regra de conduta que pretendemos seguir) se torne lei universal, ou se pode transformar-se numa lei à qual todos os seres humanos em circunstâncias semelhantes adeririam. Se sim, então devemos agir dessa maneira; caso contrário, não devemos agir assim.

5. No âmbito da ética consequencialista, para conseguir a felicidade geral, é necessário que a pessoa aja com uma estrita imparcialidade na escolha entre a sua felicidade e a felicidade dos outros e com uma estrita igualdade na consideração dos interesses.

6.

6.1. Sendo a ética utilitarista de John de Stuart Mill de carácter consequencialista – ou seja, o que conta na determinação do valor moral da ação são as suas consequências – e tendo como princípio fundamental o princípio da utilidade ou da maior felicidade – isto é, a ação moralmente correta é aquela que maximiza imparcialmente a felicidade ou o bem-estar geral –, então a ação do milionário tem, segundo Mill, valor moral (independentemente de qual fosse a intenção do agente).

6.2. De acordo com Kant, a ação do milionário não tem valor moral, porque é uma ação motivada apenas pela satisfação de uma inclinação egoísta (ser reconhecido como uma pessoa generosa pela sociedade) e não pelo puro cumprimento do dever. Segundo Kant, o valor moral da ação depende da intenção do agente, sendo que uma ação só será moralmente correta se for feita por dever, com a intenção de obedecer ao imperativo categórico ou de respeitar a lei moral. No caso do milionário, isso não se verificou.



Fichas de avaliação diagnóstica e propostas de correção

Grupo I

1 Considera as seguintes afirmações. Assinala com (V) as verdadeiras e com (F) as falsas.

- A.** A filosofia é uma busca de respostas definitivas para todas as questões da humanidade.
- B.** Sócrates pronunciou a frase: "Só sei que nada sei".
- C.** A Filosofia questiona ideias e crenças.
- D.** A Filosofia rejeita completamente a ciência e o senso comum.
- E.** A ética é uma área da Filosofia.
- F.** A metafísica é uma área da Filosofia.
- G.** O método da Filosofia baseia-se fundamentalmente na observação e na experiência.
- H.** Os primeiros filósofos ocidentais surgiram na Alemanha.
- I.** O mito e a Filosofia não explicam o mundo da mesma forma.
- J.** Não existem filósofos em Cabo Verde.

Grupo II

1 Na resposta a cada um dos itens seguintes, seleciona a única opção correta.

1.1. A Filosofia é

- A.** uma ciência que estuda os seres vivos.
- B.** uma disciplina que lida com questões fundamentais acerca da realidade.
- C.** um conjunto de regras que nos são impostas por quem sabe mais do que nós.
- D.** uma técnica para aprender a falar bem.

1.2. Qual destes filósofos é conhecido como o "pai da Filosofia"?

- A.** Sócrates.
- B.** Pitágoras.
- C.** Aristóteles.
- D.** Platão.

1.3. Quem foi o discípulo mais conhecido de Sócrates?

- A.** Platão.
- B.** Aristóteles.
- C.** Kant.
- D.** Descartes.

1.4. A Filosofia procura responder a perguntas como:

- A. Qual é a velocidade do movimento de rotação da Terra?
- B. Como resolver problemas de física?
- C. O que é a vida?
- D. Quais são os planetas do sistema solar?

1.5. As respostas às questões filosóficas são respostas

- A. definitivas e exatas.
- B. absolutas e práticas.
- C. consensuais.
- D. sujeitas à discussão.

1.6. Qual destas frases expressa uma ideia filosófica?

- A. "O Sol é uma estrela."
- B. "O cão é um mamífero."
- C. "A ação correta é aquela que promove a felicidade geral."
- D. "O triângulo tem três lados."

1.7. Esta questão não é filosófica:

- A. Teremos livre-arbítrio?
- B. Existe uma alma imortal?
- C. Será que Deus existe?
- D. Quantos planetas gasosos há no sistema solar?

Grupo III

1 Lê atentamente o texto que se segue.

«A capacidade de nos surpreendermos é a única coisa de que precisamos para nos tornarmos bons filósofos.

Todas as crianças pequenas possuem essa capacidade, isso é óbvio. Com poucos meses de vida, começam a aperceber-se de uma realidade completamente nova. Mas quando crescem, esta capacidade parece diminuir. Qual será o motivo? [...]

Muito antes que a criança aprenda a falar corretamente – ou antes que aprenda a pensar filosoficamente – o mundo tornou-se para ela algo habitual. [...]

Aparentemente, perdemos durante a nossa infância a capacidade de nos surpreendermos com o mundo. Mas com isso, perdemos algo essencial – algo que os filósofos querem reavivar. Porque em nós algo nos diz que a vida é um grande mistério. Já tivemos essa sensação muito antes de termos aprendido a pensar nisso.

Vou ser mais preciso: apesar de todas as questões filosóficas dizerem respeito a todos os homens, nem todos os homens se tornam filósofos. Por diversos motivos, a maior parte está presa de tal forma ao quotidiano que o espanto perante a vida é muito escasso. [...]

A maior parte dos adultos vê o mundo como qualquer coisa completamente normal.

Os filósofos constituem uma exceção notável. Um filósofo nunca se conseguiu habituar completamente ao mundo. Para um filósofo ou para uma filósofa o mundo é ainda incompreensível, inclusivamente enigmático e misterioso.»

Gaarder, Jostein. *O Mundo de Sofia – Uma Aventura na Filosofia*. Lisboa: Editorial Presença, 2002, pp. 21 e 23.

Na resposta a cada um dos itens seguintes, seleciona a única opção correta.

1.1. O que é necessário, segundo Jostein Gaarder, para nos tornarmos bons filósofos?

- A. A capacidade de nos habituarmos ao quotidiano.
- B. O domínio de várias técnicas de discurso.
- C. A capacidade de nos surpreendermos.
- D. O afastamento das inquietações do quotidiano.

1.2. Por que razão as crianças pequenas possuem a capacidade para se espantarem?

Porque

- A. ainda não se habituaram ao mundo.
- B. consideram o mundo algo perfeitamente normal.
- C. já aprenderam a pensar filosoficamente.
- D. o mundo é totalmente compreensível para elas.

1.3. De acordo com Jostein Gaarder, a capacidade de nos surpreendermos, quando crescemos,

- A. desaparece inteiramente.
- B. transforma-se em questões filosóficas profundas.
- C. diminui, visto que o mundo se torna algo habitual.
- D. aumenta de modo assinalável.

1.4. Qual é, segundo Jostein Gaarder, a principal diferença entre os filósofos e a maior parte das pessoas?

- A. Os filósofos veem o mundo como algo normal, enquanto as outras pessoas não.
- B. Os filósofos veem o mundo como incompreensível e misterioso.
- C. Os filósofos aceitam o mundo, enquanto as outras pessoas se revoltam contra ele.
- D. Os filósofos têm mais conhecimento científico acerca do mundo do que os restantes seres humanos.

2 Consideras que o espanto perante a vida e o mundo é essencial para a Filosofia? Justifica.

3 O que é, para ti, a Filosofia?

Propostas de correção

Ficha de avaliação diagnóstica, 1.º trimestre

Grupo I

1.

- A. F
- B. V
- C. V
- D. F
- E. V
- F. V
- G. F
- H. F
- I. V
- J. F

Grupo II

1.

- 1.1. B.
- 1.2. A.
- 1.3. A.
- 1.4. C.
- 1.5. D.
- 1.6. C.
- 1.7. D.

Grupo III

1.

- 1.1. C.
- 1.2. A.
- 1.3. C.
- 1.4. B.

2. Resposta livre.

3. Resposta livre.

**O que aprendi, em Filosofia, no trimestre passado?
Será que ainda me recordo?
Descobre, respondendo às perguntas.**

Grupo I

1 Considera as seguintes afirmações. Assinala com (V) as verdadeiras e com (F) as falsas.

- A. Do ponto de vista etimológico, "filosofia" significa "busca da transcendência".
- B. Platão e Aristóteles consideravam que o espanto está na origem do filosofar.
- C. A filosofia espontânea surge das vivências do quotidiano e das experiências da vida.
- D. O método da Filosofia consiste, essencialmente, na observação empírica.
- E. A Filosofia é radical é antidogmática.
- F. A Filosofia é considerada a mãe de todas as ciências.
- G. A Filosofia debruça-se sobre problemas particulares e não evolui desde a Grécia Antiga.
- H. São duas as dimensões do ser humano: física e material.
- I. A singularidade, a autonomia e a consciência de si são características da pessoa.
- J. O ser humano é um ser em construção, fora de uma circunstância.

Grupo II

1 Na resposta a cada um dos itens seguintes, seleciona a única opção correta.

1.1. As questões filosóficas

- A. não geram controvérsia.
- B. são resolvidas matematicamente.
- C. são resolvidas através da experiência empírica.
- D. são relativas às nossas crenças fundamentais.

1.2. A questão "O que é o belo?"

- A. é filosófica, porque não há nada que seja belo.
- B. não é filosófica, porque a filosofia despreza os valores estéticos.
- C. é filosófica, porque, entre outros motivos, é de carácter conceptual.
- D. não é filosófica, porque faz parte da história da arte.

1.3. A Filosofia

- A. origina as situações-limite.
- B. lida com problemas empíricos.
- C. procura compreender o real como um todo.
- D. não é uma fonte de orientação prática.

1.4. Platão e Bertrand Russell defendem, respetivamente, que

- A. a alma é uma substância e o corpo ressuscitará.
- B. temos uma alma imortal e a vida espiritual depende do cérebro.
- C. a alma não tem partes e continuaremos a viver após a morte.
- D. temos uma alma mortal e o eu não existe.

1.5. O ser humano é um

- A. projeto vivido subjetivamente.
- B. ser completo.
- C. animal satisfeito.
- D. ser incondicionado.

Grupo III

- 1 Relaciona o espírito crítico da Filosofia com o rigor que também a caracteriza.**
- 2 Explica como é que, em geral, os filósofos trabalham (ou como se faz filosofia).**
- 3 Mostra em que sentido a pessoa se caracteriza pela singularidade e pela dignidade.**
- 4 Explicita a noção de “cultura”.**

Propostas de correção

Ficha de avaliação diagnóstica, 2.º trimestre

Grupo I

1.

- A. F
- B. V
- C. V
- D. F
- E. V
- F. V
- G. F
- H. F
- I. V
- J. F

Grupo II

1.

- 1.1. D.
- 1.2. C.
- 1.3. C.
- 1.4. B.
- 1.5. A.

Grupo III

1. O espírito crítico da Filosofia equivale à curiosidade genuína, ao questionamento genuíno e ao uso da dúvida, a fim de ultrapassar o erro e a ignorância e de conseguir respostas fundamentadas aos problemas. A discussão crítica constitui um aspeto importante do método filosófico e da investigação filosófica, que não se devem sujeitar a qualquer tipo de dogma, opinião ou preconceito. Tendo espírito crítico e debatendo os problemas básicos, o filósofo está sempre aberto a novas discussões. Essa tentativa de resolver problemas exige rigor: rigor na formulação do problema, através de questões claras e com sentido; rigor na clarificação de conceitos e na defesa de ideias, teses ou teorias; rigor, por fim, no uso de argumentos, expondo as ideias de forma clara, exata, sem ambiguidades e obedecendo às regras da lógica.
2. Em geral, os filósofos começam com a formulação do problema, seguindo-se a análise de conceitos (definindo-os e clarificando ou explicitando o seu significado). Depois, propõem uma tese ou teoria (uma resposta ao problema), seguindo-se a formulação de argumentos e a consideração de eventuais objeções ou críticas a que procuram, de antemão, responder.

3. A pessoa caracteriza-se pela singularidade no sentido em que cada ser humano é único e irrepetível; reconhece-se e é reconhecido pelos outros como aquela pessoa em concreto. A pessoa caracteriza-se, igualmente, pela dignidade no sentido em que não se confunde com as coisas nem tem um preço. Cada pessoa é dotada de dignidade e de valor em si mesma.
4. A cultura é um conjunto articulado de maneiras de pensar, sentir e agir que são apreendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, permitindo organizá-las numa coletividade e traduzindo-se em certas manifestações materiais e imateriais. Nesse sentido, a cultura é um fenómeno universal, presente em todos os tempos e regiões do planeta habitadas pelo ser humano, constituindo uma resposta do ser humano às suas necessidades básicas e mais imediatas, ligadas à sobrevivência, e sendo uma condição da adaptação dos indivíduos ao meio natural e social. A identidade individual não pode, portanto, conceber-se sem se ter em conta um determinado contexto cultural, fazendo-se a aquisição da cultura através da aprendizagem, uma aprendizagem de regras, valores, ideias e padrões que são transmitidos de geração em geração.

**O que aprendi, em Filosofia, no trimestre passado?
Será que ainda me recordo?
Descobre, respondendo às perguntas.**

Grupo I

- 1** Considera as seguintes afirmações. Assinala com (V) as verdadeiras e com (F) as falsas.
- A.** O ser humano é produto da sua cultura.
 - B.** Os padrões de cultura possuem um carácter normativo e não permitem prever os comportamentos dos indivíduos.
 - C.** O racismo, o preconceito e a discriminação resultam, com frequência, do desconhecimento e da falta de informação.
 - D.** De acordo com a teoria do egoísmo ético, o nosso único dever é fazer o melhor que pudermos para benefício da sociedade.
 - E.** A fala é um sistema de signos, convencional e socialmente instituído, enquanto a língua é o ato individual de empregar a fala para exprimir ideias.
 - F.** Um índice é um signo que estabelece com o objeto uma relação direta de contiguidade física ou de conexão causal.
 - G.** A negação de “Nenhum barco é verde” é “Alguns barcos são verdes”.
 - H.** Todos os acontecimentos são ações e todos os atos são voluntários.
 - I.** De acordo com o determinismo, as ações humanas nem sempre resultam de acontecimentos anteriores e das leis da natureza.
 - J.** Para o determinismo moderado, existem ações livres e ações não livres.

Grupo II

- 1** Na resposta a cada um dos itens seguintes, seleciona a única opção correta.
- 1.1.** A dimensão da relação retórica que diz respeito à linguagem e ao discurso é o
- A.** *ethos*.
 - B.** auditório.
 - C.** *logos*.
 - D.** *pathos*.

1.2. A função argumentativa do discurso envolve a

- A. refutação e a rejeição.
- B. persuasão e a refutação.
- C. persuasão e a confirmação.
- D. confirmação e a rejeição.

1.3. Segundo Tomás de Aquino, os “atos do Homem” e os “atos humanos” são, respetivamente,

- A. involuntários e voluntários.
- B. inconscientes e conscientes.
- C. voluntários e inconscientes.
- D. conscientes e involuntários.

1.4. O determinismo radical pode ser criticado a partir da ideia de que

- A. o Universo é um sistema de causas e efeitos.
- B. temos liberdade circunstancial, mas não temos liberdade metafísica.
- C. o livre-arbítrio é ilusório e a responsabilidade não existe.
- D. a nossa vida individual e as nossas escolhas pressupõem o livre-arbítrio.

1.5. A principal objeção ao libertismo consiste em dizer que

- A. a liberdade é um facto irrecusável.
- B. existir liberdade não implica a sensação de que se é livre.
- C. a liberdade é real e o determinismo é falso.
- D. ter a sensação de que se é livre não prova que a liberdade exista.

Grupo III

- 1** Em que sentido se pode afirmar que o pensamento e a linguagem são elementos interdependentes?
- 2** Relaciona “liberdade circunstancial” e “condicionantes da ação humana”.
- 3** Que semelhanças e diferenças há entre o determinismo radical e o libertismo?
- 4** Apresenta uma objeção ao determinismo moderado.

Propostas de correção

Ficha de avaliação diagnóstica, 3.º trimestre

Grupo I

1.
 - A. V
 - B. F
 - C. V
 - D. F
 - E. F
 - F. F
 - G. V
 - H. F
 - I. F
 - J. V

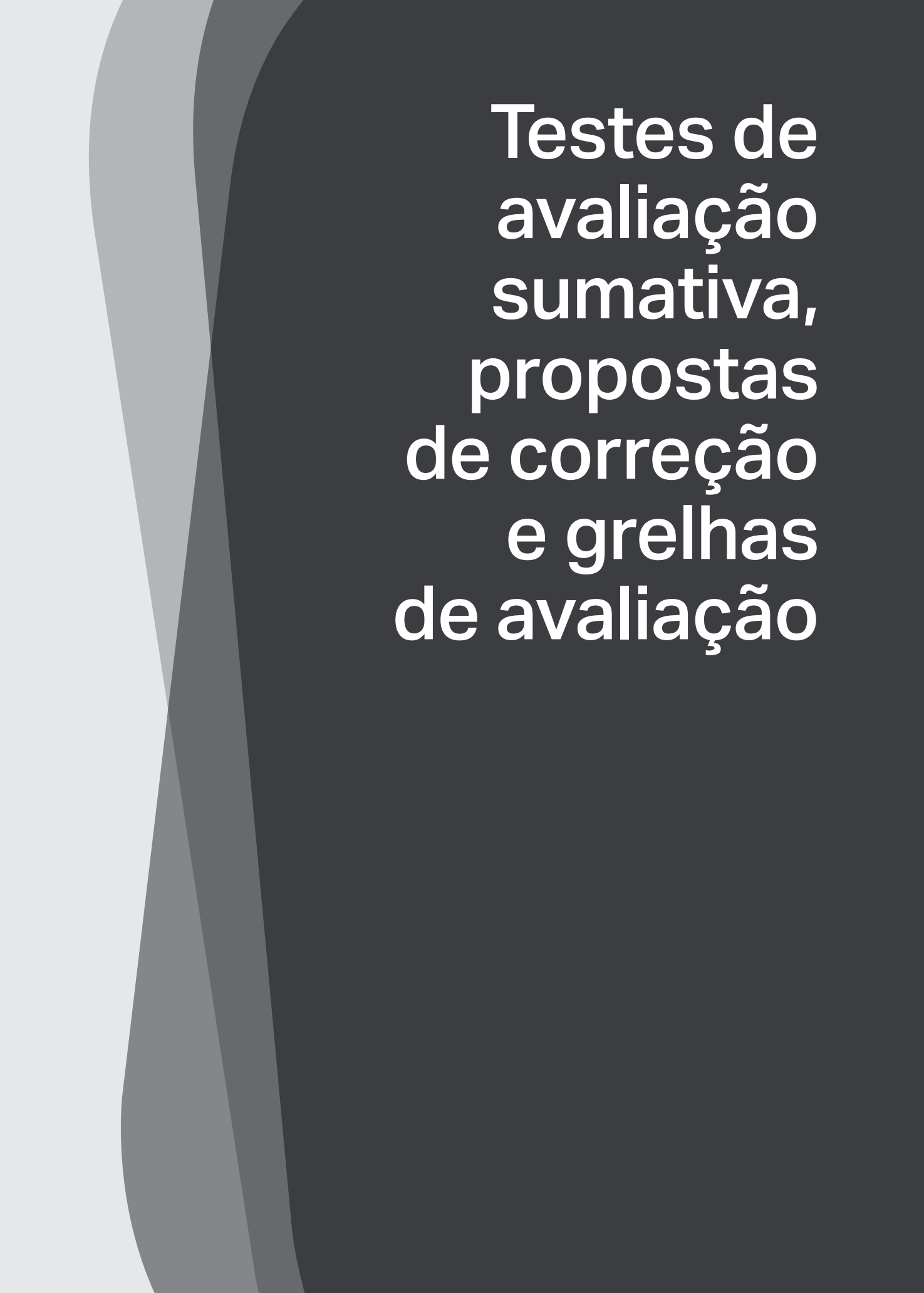
Grupo II

1.
 - 1.1. C.
 - 1.2. B.
 - 1.3. A.
 - 1.4. D.
 - 1.5. D.

Grupo III

1. Atualmente é bastante consensual a teoria segundo a qual a linguagem e o pensamento são elementos interdependentes. Isso significa que o pensamento só pode desenvolver-se na e pela linguagem, não sendo anterior a ela, ou seja, o pensamento só pode exercer a sua atividade porque se encontra enraizado na linguagem. Por outro lado, a linguagem sem pensamento de nada nos serviria, pois a linguagem só ganha sentido e se concretiza mediante o pensamento.
2. A liberdade circunstancial pode ser definida como a capacidade de realizar uma ação sem interferência de obstáculos, coações ou forças que a restrinjam ou que a imponham, ou seja, é a capacidade de fazer algo voluntariamente, sem se ser constrangido. Mas esta liberdade nunca é absoluta, isto é, não podemos fazer tudo o que queremos ou temos vontade de fazer. Trata-se, em vez disso, de uma liberdade situada num determinado contexto. Isto verifica-se porque a nossa ação é sempre condicionada, ou seja, está sujeita a condicionantes, que podem ser definidas como um conjunto de constrangimentos e obstáculos, de carácter físico-biológico, psicológico e histórico-cultural que colocam limites ou barreiras à nossa ação. Em suma, a nossa liberdade circunstancial acontece sempre dentro dos limites e das condicionantes da nossa ação.

3. Tanto o determinismo radical como o libertismo são duas teorias que defendem que o livre-arbítrio e o determinismo não são compatíveis. Mas o determinismo radical defende que tudo está determinado e que, se tudo está determinado, então não temos livre-arbítrio nem podemos, por isso, ser responsabilizados. O livre-arbítrio é, portanto, ilusório. Já o libertismo defende que o sujeito é um agente causador e que temos livre-arbítrio. Por isso, nem tudo está determinado. Uma vez que temos livre-arbítrio, podemos ser moralmente responsabilizados.
4. Sendo uma perspectiva compatibilista (ou seja, defende que o determinismo é compatível com o livre-arbítrio e a responsabilidade), o determinismo moderado encontra-se sujeito a uma objeção que assenta no facto de as nossas ações, decorrendo das nossas crenças, do nosso carácter e dos nossos desejos não manipulados, dependerem de forças que não controlamos. Se tudo em nós é causado por acontecimentos anteriores e pelas leis da natureza, então há forças e impulsos que não dependem de nós e que servem de causas para o nosso comportamento, constrangendo-nos a agir de determinado modo, ainda que a ação nos pareça perfeitamente voluntária, livre e não coagida. Na verdade, só não temos consciência desses constrangimentos causais. Por isso, em rigor, nunca poderíamos ter agido de outra maneira, nem nunca poderíamos ter desejos diferentes daqueles que temos. Logo, não somos realmente livres nem podemos, portanto, ser responsabilizados.



Testes de avaliação sumativa, propostas de correção e grelhas de avaliação

Teste de avaliação sumativa 1 – Teste A

1.º trimestre

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Classificação _____ Professor _____ Encarregado de Educação _____

Grupo I

Na resposta a cada um dos itens seguintes, seleciona a única opção correta.

1 Relativamente à questão “O que é a Filosofia?”

- A. há uma resposta definitiva.
- B. não existe uma resposta consensual.
- C. a resposta correta só pode ser fornecida pelas ciências.
- D. todos os filósofos dizem que não existe resposta.

2 A seguinte questão é filosófica:

- A. “Quantos anos viveu Platão?”
- B. “Em que consiste a reprodução assexuada?”
- C. “O que é a realidade?”
- D. “Como é que os seres primitivos se organizavam politicamente?”

3 A seguinte questão não é filosófica:

- A. “O que é o bem?”
- B. “O que é o belo?”
- C. “Será que Deus existe?”
- D. “O que pensava Pitágoras acerca da alma?”

4 A dúvida

- A. é um obstáculo para o filosofar.
- B. foi usada metodicamente por Descartes.
- C. justifica-se porque os sentidos são totalmente fiáveis.
- D. não deve ser usada pelos filósofos profissionais.

5 O provérbio “Quem nasceu torto tarde endireita.” é uma manifestação de filosofia

- A. sistemática.
- B. profissional.
- C. académica.
- D. espontânea.

6 A filosofia espontânea

- A. possui um âmbito académico.
- B. pressupõe o conhecimento da História da Filosofia.
- C. surge de modo natural a partir das vivências do quotidiano.
- D. desenvolve-se de modo crítico.

7 A filosofia sistemática

- A. possui uma linguagem técnica que lhe confere rigor e coerência.
- B. evita a análise crítica de conceitos.
- C. faz-se de forma crítica, mas não rigorosa.
- D. é desenvolvida por todos os seres humanos.

Grupo II

- 1** Apresenta sinteticamente as quatro situações que, no entender de Karl Jaspers, se encontram na origem do filosofar.
- 2** Refere as características das questões filosóficas.

Grupo III

- 1** Considera o excerto que se segue.

«O físico e o matemático conhecem de antemão a extensão e os atributos essenciais do seu objeto [...]. O filósofo [...], de modo diferente de qualquer outro cientista, embarca para o desconhecido como tal.»

Ortega y Gasset, José. *O Que É a Filosofia?*. Lisboa: Edições Cotovia, 1999, p. 47.

Com base no excerto:

- refere qual é o objeto da Filosofia, contrastando-o com o(s) objeto(s) das ciências;
- evidencia o carácter antropológico da Filosofia, distinguindo as duas dimensões da Filosofia.

Cotações

Grupo I	70 pontos
Grupo II	
1.	35 pontos
2.	35 pontos
Grupo III	
1.	60 pontos
Total	200 pontos

Proposta de correção

Teste de avaliação sumativa 1 – Teste A – 1.º trimestre

Grupo I

1. B.
2. C.
3. D.
4. B.
5. D.
6. C.
7. A

Grupo II

1. Segundo Karl Jaspers, o filósofo pode ter a sua origem nas seguintes situações:
 - no espanto – ou seja, o filósofo possui a capacidade de se espantar e admirar com a vida e o mundo que nos rodeia;
 - na dúvida – visto nada nos garantir a verdade de muita informação que recebemos;
 - na consciência das situações-limite – situações que revelam a nossa fragilidade e nos trazem possíveis sensações de fracasso e impotência;
 - na vontade de autêntica comunicação – ou seja, no anseio de participação, de diálogo e de partilha.
2. As questões filosóficas podem ser caracterizadas do seguinte modo: são questões que geram controvérsia e discussão crítica de ideias; não são resolvidas nem matematicamente, nem experimentalmente; são relativas às nossas crenças fundamentais, e dizem respeito e interessam a toda a humanidade.

Grupo III

1. De acordo com o excerto, «o físico e o matemático conhecem de antemão a extensão e os atributos essenciais do seu objeto». Sendo assim, eles partem de algo que tomam como já sabido. No caso do filósofo, a situação é diferente. Ele quer compreender «o desconhecido como tal». Ao contrário do que sucede noutras disciplinas, cujo objeto corresponde apenas a uma parte da realidade, o objeto da Filosofia corresponde ao real como um todo. A Filosofia procura, portanto, uma compreensão do real na sua totalidade. Isso não significa que a Filosofia seja uma soma das várias ciências e dos seus objetos. À Filosofia interessam apenas os problemas fundamentais suscitados pela totalidade do real, ou seja, aqueles em que pomos em questão as nossas crenças fundamentais.

Podemos também dizer que os grandes problemas filosóficos se revelam inseparáveis da seguinte interrogação: "O que é o ser humano?". Esta questão evidencia o carácter antropológico da Filosofia. Aquele que filosofa é «o homem de carne e osso», como diria Unamuno, o ser humano individual e concreto. Assim, podemos distinguir duas dimensões na Filosofia: uma dimensão teórica, na medida em que a Filosofia procura responder a problemas fundamentais acerca da realidade, dos valores e do conhecimento, visando uma compreensão da totalidade das coisas, e uma dimensão prática, visto que procura responder a problemas fundamentais relacionados com a nossa orientação no mundo, o saber viver, a finalidade e o sentido da vida, buscando conquistar a felicidade possível, assim como as condições sociais e políticas necessárias à construção de um mundo melhor.

Teste de avaliação sumativa 2 – Teste B

1.º trimestre

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Classificação _____ Professor _____ Encarregado de Educação _____

Grupo I

Na resposta a cada um dos itens seguintes, seleciona a única opção correta.

1 A Filosofia é uma disciplina

- A. *a priori*.
- B. *a posteriori*.
- C. de carácter experimental.
- D. de carácter empírico.

2 A Filosofia distingue-se da Matemática porque

- A. lida com problemas *a priori*.
- B. lida com problemas não empíricos.
- C. utiliza o método experimental.
- D. recorre à reflexão crítica e à argumentação racional.

3 Quando se faz filosofia, é usual começar-se pela

- A. aceitação de dogmas.
- B. formulação do problema.
- C. formulação de argumentos.
- D. apresentação de objeções.

4 A Filosofia é radical porque

- A. conhece a raiz de tudo.
- B. é dogmática na sua postura interrogativa.
- C. vai à raiz dos problemas.
- D. evita a fundamentação racional.

5 O pensamento filosófico assenta

- A. num conjunto de palavras obscuras.
- B. no rigor conceptual e argumentativo.
- C. numa formulação pouco rigorosa dos problemas.
- D. na ambiguidade discursiva.

6 Não é próprio da Filosofia

- A. ter autonomia de pensamento.
- B. ser autêntico e efetuar escolhas livres.
- C. agir de acordo com a sua visão do mundo.
- D. limitar-se a pensar de acordo com o que os outros pensam.

7 Os primeiros filósofos ocidentais procuraram substituir as perspetivas fornecidas pelo mito por

- A. explicações baseadas na razão e na experiência.
- B. narrativas de carácter religioso.
- C. considerações exclusivamente metafísicas.
- D. ideologias e lendas populares.

Grupo II

1 Relaciona a humildade, na Filosofia, com a doura ignorância de Sócrates.

2 O que significa dizer que o filósofo assume uma postura crítica?

Grupo III

1 Considera o texto seguinte.

«A filosofia é eterna como o pensamento humano: mas, porque é eterna como ele, é que é como ele continuamente instável e flutuante, suscetível de progresso e sujeita ao retrocesso [...]. [A filosofia é] o equilíbrio momentâneo entre a reflexão e a experiência.»

Quental, Antero de. *Tendências Gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991, pp. 53-54.

Com base neste texto:

- mostra que o saber filosófico se caracteriza pela universalidade e pela historicidade;
- mostra que existe um diálogo entre o pensar e o agir.

Cotações

Grupo I	70 pontos
Grupo II	
1.	35 pontos
2.	35 pontos
Grupo III	
1.	60 pontos
Total	200 pontos

Proposta de correção

Teste de avaliação sumativa 2 – Teste B – 1.º trimestre

Grupo I

1. A.
2. D.
3. B.
4. C.
5. B.
6. D.
7. A.

Grupo II

1. A humildade, na Filosofia, está presente na atitude de Sócrates, que terá dito «Só sei que nada sei.», uma expressão da doura ignorância. Perante aqueles que julgavam saber algo, Sócrates reconhecia que nada sabia. A doura ignorância equivale à abertura da mente em relação ao conhecimento, revelando a humildade de quem procura sempre o conhecimento e sugerindo que a consciência de que nada se sabe é um princípio fundamental para superar as ilusões a respeito daquilo que julgamos saber, ou de um saber que, sendo limitado, pensamos que é ilimitado.
2. Dizer que o filósofo assume uma postura crítica significa afirmar que ele se serve da curiosidade genuína e do questionamento genuíno e utiliza a dúvida, a fim de ultrapassar a ignorância, as evidências não discutidas e os erros que eram tidos como verdades. A discussão crítica constitui um aspeto importante do método filosófico e da investigação filosófica, que não se devem sujeitar a qualquer tipo de dogma, opinião ou preconceito. O filósofo possui espírito crítico e debate os problemas básicos, sem achar que alcançou a verdade definitiva, ou seja, está aberto a novas discussões.

Grupo III

1. De acordo com o excerto, «a filosofia é eterna como o pensamento humano». Esta ideia remete para uma das características do saber filosófico, que é a universalidade. O saber filosófico é universal porque a Filosofia é um saber que resulta do estudo reflexivo de problemas universais e fundamentais, além de procurar uma compreensão do real na sua totalidade, traduzindo-se, em muitos casos, na construção de sistemas filosóficos que oferecem uma visão global do mundo e da vida. Por outro lado, os grandes problemas filosóficos são comuns a toda a humanidade. A Filosofia tem uma vocação para a universalidade.

Também é dito no texto que, por ser eterna como o pensamento humano, a filosofia é também «continuamente instável e flutuante, suscetível de progresso e sujeita ao retrocesso». Estas palavras remetem para a dimensão histórica da filosofia. Com efeito, o saber filosófico é também caracterizado pela historicidade. Isto porque a Filosofia tem uma história e se desenvolve ao longo da história, intervindo no curso dos acontecimentos; porque o filósofo é um ser situado no tempo, vivendo numa determinada circunstância, sendo influenciado pela sua cultura e influenciando-a; e porque o pensamento filosófico não surge a partir do nada – evolui no interior de uma tradição, de um contexto social, político, religioso e económico, que procura compreender e superar.

Também é dito no texto que a filosofia constitui «o equilíbrio momentâneo entre a reflexão e a experiência». Esta ideia aponta para a articulação entre a Filosofia e a vida: filosofar é viver, e viver, no caso do ser humano, implica potenciar a consciência para se construir como pessoa, edificando um sistema de valores que permita agir de modo responsável e consciente. Pensar e agir não são dimensões separáveis. Pelo contrário, pensamento e ação encontram-se relacionados: pensamos para agir, mas também agimos e depois pensamos sobre a ação realizada. Portanto, existe um diálogo (ou uma dialética) entre o pensar e o agir. A Filosofia não é o exercício de alguém que vive isolado em relação ao mundo. Pelo contrário, a Filosofia é uma atividade implicada e comprometida, com consequências ao nível social, político, religioso, moral e existencial.

Teste de avaliação sumativa 3 – Teste A

2.º trimestre

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Classificação _____ Professor _____ Encarregado de Educação _____

Grupo I

Na resposta a cada um dos itens seguintes, seleciona a única opção correta.

- 1 Esta não é uma característica que faça parte do conceito de pessoa
 - A. singularidade.
 - B. consciência de si.
 - C. fechamento.
 - D. dignidade.

- 2 Uma objeção ao argumento da simplicidade da alma de Platão é que
 - A. o corpo é distinto da alma.
 - B. a alma é algo material.
 - C. existe vida após a morte.
 - D. a vida mental e espiritual não depende do cérebro.

- 3 O ser humano é um ser circunstancial porque
 - A. vive numa circunstância que o separa dos outros.
 - B. a ação humana só é condicionada por fatores económicos.
 - C. vive inevitavelmente numa situação abstrata e intemporal.
 - D. vive uma existência concreta e situada, aberta a diferentes possibilidades.

- 4 Visto que o ser humano é um ser intersubjetivo, pode concluir-se que
 - A. não existe uma relação do sujeito consigo próprio.
 - B. a teoria do egoísmo ético é correta.
 - C. a moralidade é necessariamente subjetiva.
 - D. o eu e o outro são sujeitos de direitos e não meros objetos.

- 5 A língua é
 - A. um sistema convencional de signos.
 - B. o uso individual da linguagem.
 - C. uma faculdade de comunicação.
 - D. um mero sistema de ícones e de índices.

6 A dimensão da relação retórica que diz respeito ao auditório é o

- A. *ethos*.
- B. *pathos*.
- C. *logos*.
- D. discurso.

7 Só a seguinte afirmação é verdadeira:

- A. A função argumentativa envolve a persuasão, mas não a refutação.
- B. Uma proposição não é verdadeira nem falsa.
- C. Quando negamos uma proposição, obtemos a sua contraditória.
- D. A negação de “Nenhuma luz é azul.” é “Toda a luz é azul.”.

Grupo II

1 O que significa dizer que a pessoa é um ser em construção?

2 Clarifica a relação entre linguagem e pensamento.

Grupo III

1 Considera a seguinte afirmação.

«A história da vida individual de cada pessoa é acima de tudo uma acomodação aos padrões [...] tradicionalmente transmitidos na sua comunidade de geração em geração.»

Benedict, Ruth. *Padrões de Cultura*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s/d. p. 15.

Elabora uma reflexão em que:

- relaciones “cultura” e “padrões de cultura”;
- mostres a importância de conhecer a diversidade cultural para superar o racismo, o preconceito e a discriminação.

Cotações

Grupo I	70 pontos
Grupo II	
1.	35 pontos
2.	35 pontos
Grupo III	
1.	60 pontos
Total	200 pontos

Proposta de correção

Teste de avaliação sumativa 3 – Teste A – 2.º trimestre

Grupo I

1. C.
2. B.
3. D.
4. D.
5. A.
6. B.
7. C.

Grupo II

1. Dizer que a pessoa é um ser em construção é dizer que ela é um projeto vivido subjetivamente e um ser consciente de se projetar no futuro, procurando transcender-se, ultrapassar-se e superar os seus erros e limites. A pessoa procura fazer-se, realizar-se, completar-se e construir-se, escolhendo um sentido para a existência. É um ser aberto a um conjunto indeterminado de possibilidades, alguém que se põe à prova em diversas situações e que se faz através das suas escolhas individuais e do seu agir. Neste processo, a pessoa exerce a sua liberdade, tendo de assumir a sua responsabilidade.
2. Embora não se possa negar a possibilidade de existir um pensamento não verbal, é, atualmente, bastante consensual a teoria da indissociabilidade entre o pensamento e a linguagem. Neste sentido, o pensamento só pode desenvolver-se na e pela linguagem, não sendo anterior a ela. Isto significa que o pensamento só pode exercer a sua atividade porque se encontra enraizado na linguagem. Por seu turno, a linguagem é o único modo de ser do pensamento, a sua realização. Linguagem e pensamento são, portanto, elementos interdependentes.

Grupo III

1. Podemos definir "cultura" como um conjunto articulado de maneiras de pensar, sentir e agir que são apreendidas e partilhadas por uma pluralidade de pessoas, permitindo organizá-las numa coletividade e traduzindo-se em certas manifestações materiais e imateriais. Algumas dessas manifestações expressam padrões de cultura, a que cada pessoa se vai acomodando e que são «tradicionalmente transmitidos na sua comunidade de geração em geração». Eles constituem um conjunto de hábitos regulares, formas de comportamento ou práticas repetitivas,

de carácter convencional, comuns aos membros de uma determinada cultura ou de um certo grupo social.

Dentro da mesma cultura, há variações nas formas e no sentido dos padrões culturais. Apesar disso, alguns denominadores comuns excedem essas variações. No entanto, determinados setores da população formam grupos étnicos, que são, muitas vezes, vítimas de racismo – teoria que afirma a superioridade de certas raças relativamente a outras –, preconceito – ideia sem fundamento, formada precipitadamente – e discriminação – prática que nega aos membros de um grupo certas oportunidades ou privilégios dados a outros grupos. O racismo, o preconceito e a discriminação resultam, com frequência, do desconhecimento e da falta de informação, o que demonstra a importância de conhecermos a diversidade cultural para os superar.

Diferentes sociedades possuem padrões culturais distintos, pelo que, se queremos entender uma sociedade em concreto, temos de conhecer os seus padrões específicos, não sendo correto considerar, à partida, que a nossa cultura é superior às outras.

Teste de avaliação sumativa 4 – Teste B

2.º trimestre

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Classificação _____ Professor _____ Encarregado de Educação _____

Grupo I

Na resposta a cada um dos itens seguintes, seleciona a única opção correta.

1 É verdadeiro que

- A. todas as ações são acontecimentos.
- B. todos os acontecimentos são ações.
- C. apenas os atos involuntários são acontecimentos.
- D. as ações são atos involuntários.

2 A liberdade circunstancial é uma liberdade

- A. absoluta, contextualizada e incondicionada.
- B. situada, infinita e incondicionada.
- C. situada, contextualizada e condicionada.
- D. absoluta, finita e condicionada.

3 As principais condicionantes da ação humana são as condicionantes

- A. físico-materiais, biológicas e socioeconómicas.
- B. biofísicas, mentais e psicológicas.
- C. corpóreas, cerebrais e histórico-sociais.
- D. físico-biológicas, psicológicas e histórico-culturais.

4 Só há responsabilidade se houver

- A. determinismo.
- B. livre-arbítrio.
- C. liberdade política.
- D. punição.

5 De acordo com os deterministas moderados, escrever um poema e entregar a carteira a um ladrão que nos está a ameaçar são exemplos, respetivamente, de uma ação

- A. não causada e uma ação causada.
- B. determinada e uma ação não determinada.
- C. livre e uma ação não livre.
- D. involuntária e uma ação voluntária.

6 Uma das objeções ao determinismo radical consiste em considerar que

- A. o Universo é um sistema causal inflexível.
- B. somos livres porque nos apercebemos disso quando fazemos escolhas conscientes.
- C. nunca poderíamos ter agido de outro modo.
- D. a nossa vida individual e as nossas escolhas não pressupõem o livre-arbítrio.

7 Uma das objeções ao determinismo moderado apoia-se na ideia de que

- A. há forças e impulsos que não dependem de nós e que nos constroem.
- B. somos livres mesmo que tudo esteja determinado.
- C. temos consciência de todos os constrangimentos causais.
- D. todas as ações são causadas.

Grupo II

1 Tendo em conta a distinção, efetuada por São Tomás de Aquino, entre “atos do Homem” e “atos humanos”, diferencia os atos ou movimentos que não são ações dos atos ou movimentos que são ações.

2 Mostra em que sentido, para os deterministas, os nossos estados mentais se encontram inteiramente determinados.

Grupo III

1 Lê o texto seguinte.

«Segundo esta teoria, as escolhas humanas não estão constrangidas da mesma forma que outros acontecimentos do mundo. [...] Neste preciso momento, o leitor pode decidir continuar a ler ou parar de ler. Pode fazer qualquer uma destas coisas e nada o faz escolher uma delas.»

Rachels, James. *Problemas da Filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2009, p. 183.

Elabora uma reflexão em que:

- exponhas os argumentos da teoria a que o texto se refere;
- presentes uma objeção a esta teoria;
- presentes a tua perspetiva pessoal sobre o problema do livre-arbítrio.

Cotações

Grupo I	70 pontos
Grupo II	
1.	35 pontos
2.	35 pontos
Grupo III	
1.	60 pontos
Total	200 pontos

Proposta de correção

Teste de avaliação sumativa 4 – Teste B – 2.º trimestre

Grupo I

1. A.
2. C.
3. D.
4. B.
5. C.
6. B.
7. A.

Grupo II

1. São Tomás de Aquino distinguia “atos do Homem”, que ele considerava serem involuntários, de “atos humanos”, que ele considerava serem voluntários. Os “atos do Homem” são os atos ou movimentos que não são ações, enquanto os “atos humanos” são ações. Os primeiros são comuns aos seres humanos e aos animais, apresentando-se como involuntários (podendo ser conscientes ou não) e não sendo racionais nem intencionais. Os segundos, por sua vez, são próprios do ser humano enquanto ser racional, apresentando-se como voluntários, conscientes, racionais e intencionais.
2. O determinismo é a perspetiva segundo a qual todos os eventos, nos quais se incluem as ações humanas, são o resultado necessário de acontecimentos anteriores e das leis da natureza. Ora, as nossas escolhas, os nossos desejos e as nossas ações são eventos do mundo e os nossos estados mentais têm um carácter biológico. Por isso, esses estados mentais resultam, necessariamente, de causas anteriores e das leis da natureza, encontrando-se inteiramente determinados.

Grupo III

1. O texto refere-se ao libertismo, uma teoria que defende a existência do livre-arbítrio e considera que, por isso, nem tudo está determinado. Os libertistas argumentam a favor do livre-arbítrio recorrendo à ideia de que existe uma dualidade entre o corpo e a mente, sendo que esta se encontra acima ou fora da causalidade da natureza ou do mundo físico-biológico, não estando sujeita ao determinismo das coisas naturais, e tendo a capacidade de interferir com a ordem causal da natureza. Sendo assim, «as escolhas humanas não estão constringidas da mesma forma que outros acontecimentos do mundo».

Os libertistas apresentam também o argumento da experiência – a experiência da liberdade é uma prova de que somos livres – e o argumento da responsabilidade – no nosso modo habitual de pensar, consideramos que os outros são responsáveis pelas suas ações e nós pelas nossas.

Uma objeção ao libertismo é que o facto de termos experiência da liberdade não prova que tal liberdade exista, pois essa pode ser ilusória, isto é, a sensação de ser livre (de ter livre-arbítrio) pode não corresponder a nada de real.

O aluno deverá apresentar também a sua perspetiva pessoal, devidamente fundamentada, sobre o problema do livre-arbítrio.

Teste de avaliação sumativa 5 – Teste A

3.º trimestre

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Classificação _____ Professor _____ Encarregado de Educação _____

Grupo I

Na resposta a cada um dos itens seguintes, seleciona a única opção correta.

1 Considera os seguintes enunciados.

1. *A Persistência da Memória* é uma bela pintura.
2. Os peixes não vivem no mar.

Deve afirmar-se que

- A. 1. e 2. são juízos de valor.
- B. 1. é um juízo de facto; 2. é um juízo de valor.
- C. 1. é um juízo de valor; 2. é um juízo de facto.
- D. 1. e 2. são juízos de facto.

2 Max Scheler hierarquizou os valores de acordo com a seguinte a ordem (dos mais importantes para os menos importantes):

- A. religiosos, espirituais, vitais e sensíveis.
- B. religiosos, vitais, espirituais e sensíveis.
- C. espirituais, religiosos, sensíveis e vitais.
- D. espirituais, religiosos, vitais e sensíveis.

3 Considera as seguintes expressões.

1. Promove a separação.
2. Rejeita a diversidade cultural.
3. Uma das suas possíveis consequências é o patriotismo exagerado.
4. Considera não existir um padrão universal para avaliar as culturas.

A referência correta de tais expressões é

- A. 1. e 2. – etnocentrismo; 3. e 4. – relativismo cultural.
- B. 1. e 3. – relativismo cultural; 2. e 4. – etnocentrismo.
- C. 2. e 3. – etnocentrismo; 1. e 4. – relativismo cultural.
- D. 1. e 2. – relativismo cultural; 3. e 4. – etnocentrismo.

- 4** Entre os fatores explicativos da crise atual de valores não se encontra
- A. o progresso científico e tecnológico.
 - B. a globalização económica.
 - C. a crise na instituição familiar.
 - D. a valorização da tradição.
- 5** A obra própria do ser humano, segundo Aristóteles, consiste na vida
- A. emocional.
 - B. vegetativa.
 - C. da razão.
 - D. dos sentidos.
- 6** Só a seguinte afirmação é verdadeira:
- A. Aristóteles considera que a justiça é a menos importante das virtudes éticas.
 - B. Segundo Aristóteles, a justiça corretiva ocupa-se dos contratos.
 - C. Ser virtuoso, no sentido aristotélico, significa ser religioso.
 - D. Aristóteles considera que a essência do ser humano consiste no corpo.
- 7** Uma das críticas à ética de Aristóteles acusa-a de
- A. considerar que existe uma forma suprema de vida.
 - B. ser altruísta.
 - C. assentar na necessidade de ser caridoso.
 - D. ser democrática.

Grupo II

- 1** Diferencia a perspetiva que afirma a universalidade dos valores daquela que defende o relativismo dos valores, apresentando um exemplo para cada caso.
- 2** Explica em que consiste o interculturalismo.

Grupo III

1 Considera a seguinte afirmação.

«Todo aquele que percebe de alguma coisa evita tanto o excesso como o defeito, mas procura saber onde está o meio para o poder escolher.»

Aristóteles. *Ética a Nicómaco*. Lisboa: Quetzal Editores, 2004, p. 51.

A partir desta afirmação:

- caracteriza as virtudes éticas e as virtudes dianoéticas segundo Aristóteles;
- mostra qual é a felicidade perfeita para Aristóteles.

Cotações

Grupo I	70 pontos
Grupo II	
1.	35 pontos
2.	35 pontos
Grupo III	
1.	60 pontos
Total	200 pontos

Grupo I

1. C.
2. A.
3. C.
4. D.
5. C.
6. B.
7. A.

Grupo II

1. A perspetiva que afirma a universalidade dos valores considera que estes são independentes das preferências individuais ou dos contextos culturais, sendo, por isso, objetivos, absolutos e inalteráveis com o tempo. Por exemplo, a escravatura é errada sempre e em todos os lugares. Por sua vez, a perspetiva que defende o relativismo dos valores considera que estes são relativos, pois dependem das preferências e apreciações do sujeito (são subjetivos) ou do contexto social e cultural em que este se encontra, podendo alterar-se ao longo da história. Por exemplo, a escravatura é errada para certo indivíduo ou certa sociedade, podendo ser correta para outro indivíduo ou outra sociedade.
2. O interculturalismo é um modelo de compreensão da realidade multicultural que pretende superar o etnocentrismo e o relativismo e que assenta na interação, no diálogo e no respeito pela diversidade cultural, defendendo a possibilidade de alguns princípios e valores serem universais e partilhados por todas as comunidades. O interculturalismo promove a integração e a interação: propõe o contacto e o diálogo entre as diferentes culturas, no sentido de estas se enriquecerem mutuamente.

Grupo III

1. Aristóteles distinguia dois tipos de virtudes: moral ou ética – que consiste no domínio da razão sobre os impulsos sensíveis e determina os bons costumes – e intelectual ou dianoética – que consiste no próprio exercício da razão.
As virtudes éticas derivam do costume, sendo adquiridas através de um treino precoce e tornando-se uma questão de hábito. Por outro lado, não existem virtudes éticas se existir excesso ou defeito. Apenas o justo meio (meio termo) permite excluir os dois extremos viciosos. Daí que, como é dito na afirmação, «todo aquele que percebe de alguma coisa evita

tanto o excesso como o defeito, mas procura saber onde está o meio para o poder escolher». A virtude ética consiste, portanto, na disposição de escolher o justo meio adequado à nossa natureza.

As virtudes dianoéticas são virtudes da razão ou da faculdade racional da alma e podem ser reduzidas a duas principais: a prudência e a sabedoria. A prudência é a virtude típica da razão prática e consiste em saber dirigir corretamente a vida, ou seja, saber refletir acerca do que é bom ou mau para nós, estabelecendo os meios mais corretos para atingir os verdadeiros fins. A sabedoria, por sua vez, é a virtude típica da razão teórica. Ela é mais elevada do que a prudência porque considera o que existe acima do ser humano. Esta virtude é constituída pela apreensão intuitiva dos princípios através do intelecto ou pelo conhecimento discursivo das consequências que derivam desses princípios. Refere-se às coisas mais elevadas por natureza, mais altas e universais.

Aristóteles considera que a atividade teórica ou contemplativa constitui o mais importante ingrediente para uma vida boa. Essa é uma atividade do intelecto, que é o que de mais elevado existe em nós, tendo uma atividade perfeita e autossuficiente. A excelência humana é atingida no cumprimento dessa atividade. A felicidade mais alta consiste na virtude mais alta, a virtude teórica, que culmina na sabedoria. É, pois, na atividade intelectual que assenta a felicidade suprema do ser humano, a felicidade da vida contemplativa. Ora, esta felicidade leva-nos além daquilo que é puramente humano, pondo-nos, num certo sentido, em contacto com a divindade. A sabedoria tem por objeto o ser necessário (que se subtrai a todos os acontecimentos). A tarefa fundamental da Filosofia consiste, então, em levar o ser humano individual até à vida teórica, ou seja, até à pura contemplação do que é necessário, da verdade eterna e universal.

Teste de avaliação sumativa 6 – Teste B

3.º trimestre

Nome _____ N.º _____ Turma _____ Data _____

Classificação _____ Professor _____ Encarregado de Educação _____

Grupo I

Na resposta a cada um dos itens seguintes, seleciona a única opção correta.

- 1 A boa vontade possui, segundo Kant, um valor
 - A. extrínseco, incondicional e relativo.
 - B. intrínseco, condicional e absoluto.
 - C. extrínseco, condicional e relativo.
 - D. intrínseco, incondicional e absoluto.

- 2 Na perspetiva de Kant, o plano da sensibilidade e o plano da razão correspondem, respetivamente, ao âmbito
 - A. da liberdade e ao âmbito da autonomia.
 - B. dos deveres e ao âmbito dos instintos.
 - C. dos desejos e ao âmbito da lei moral.
 - D. dos instintos e ao âmbito do determinismo.

- 3 A mãe de Pedro pergunta ao filho que nota ele teve no teste de Filosofia (tendo sido esta uma nota péssima). Segundo Kant
 - A. é obrigatório que Pedro diga a verdade.
 - B. é permissível que Pedro minta.
 - C. é recomendável que Pedro se recuse a falar.
 - D. é apenas recomendável que Pedro diga a verdade.

- 4 De acordo com a classificação kantiana dos deveres
 - A. os deveres para com os outros são sempre perfeitos.
 - B. contribuir para a felicidade alheia é um dever perfeito.
 - C. os deveres para conosco nunca são perfeitos.
 - D. não fazer promessas enganadoras é um dever perfeito.

5 O hedonismo de Mill

- A. é um hedonismo quantitativo.
- B. implica a distinção entre prazeres inferiores e superiores.
- C. pressupõe que os prazeres corporais são preferíveis aos espirituais.
- D. é igual ao hedonismo de Jeremy Bentham.

6 Segundo Mill

- A. não existe um sentimento social natural.
- B. nunca é recomendável dizer a verdade.
- C. aquele que tem bom carácter é infeliz.
- D. não existem regras morais absolutas.

7 Segundo Mill, o princípio da utilidade

- A. é incompatível com princípios secundários.
- B. deve ser usado em todas as tomadas de decisão.
- C. só deve ser usado para decidir em caso de conflito entre princípios secundários.
- D. é um princípio que se subordina ao imperativo categórico.

Grupo II

1 Distingue, no âmbito da ética kantiana, e usando exemplos, “ações meramente conformes ao dever” de “ações realizadas por dever”.

2 Como podemos caracterizar um ato moralmente correto, ou com valor moral, no âmbito da ética consequencialista de Mill?

Grupo III

1 Considera as seguintes afirmações de Kant e Mill.

«A utilidade ou a inutilidade não podem em nada acrescentar ou diminuir esse valor [o valor da boa vontade].»

Kant, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Lisboa Editora, 1995, p. 60.

«Insisti neste aspeto porque ele é uma parte necessária de uma conceção perfeitamente justa da utilidade ou felicidade, entendida como única regra diretiva da conduta humana.»

Mill, John Stuart. *Utilitarismo*. Porto: Porto Editora, 2005, p. 52.

Compara, a partir destes excertos, as perspetivas éticas de Kant e Mill, tendo em conta:

- o critério de avaliação moral das ações em cada perspetiva;
- o princípio ético fundamental subjacente a cada perspetiva;
- uma crítica a cada uma dessas perspetivas.

Cotações

Grupo I	70 pontos
Grupo II	
1.	35 pontos
2.	35 pontos
Grupo III	
1.	60 pontos
Total	200 pontos

Proposta de correção

Teste de avaliação sumativa 6 – Teste B – 3.º trimestre

Grupo I

1. D.
2. C.
3. A.
4. D.
5. B.
6. D.
7. C.

Grupo II

1. No âmbito da ética kantiana, “ações meramente conformes ao dever” são ações que cumprem o dever, mas apenas porque o agente pode retirar algum benefício, vantagem ou satisfação pessoal. Este age movido por sentimentos, interesses, inclinações sensíveis ou desejos egoístas e não por puro respeito pelo dever. Por exemplo, um aluno não copia nos testes apenas por receio de ser descoberto e castigado. Por sua vez, “ações realizadas por dever” são ações que cumprem o dever por puro respeito pelo dever, ou motivadas pelo puro cumprimento do dever. Cumprindo a lei moral e decorrendo de uma exigência puramente racional, são as únicas ações com valor moral. Por exemplo, um aluno não copia nos testes porque sabe que fazê-lo é moralmente errado.
2. No âmbito da ética consequencialista de Mill, o que permite dizer se um ato é ou não moralmente correto são apenas as suas consequências. Por outro lado, não se pode considerar como boa uma ação que traz consequências positivas apenas para o sujeito. Aquilo que importa não é unicamente a felicidade do agente, mas sim a felicidade geral. Assim, um ato moralmente correto ou com valor moral é aquele que, efetuada uma avaliação imparcial da situação, e tendo em conta as alternativas, permite maximizar o prazer ou a felicidade geral, ou seja, é aquele que conduz ao maior bem-estar total, ao saldo mais positivo – independentemente da forma como a felicidade é distribuída.

Grupo III

1. Comparando as perspetivas de Kant e Mill relativamente ao critério de avaliação moral das ações, pode dizer-se que:
 - Segundo Kant, são as intenções que presidem à ação que determinam a sua correção e o seu valor moral, independentemente das consequências.

– Segundo Mill, são as consequências o único critério relevante para determinar o valor moral das ações e a sua legitimidade moral.

Comparando as perspetivas de Kant e Mill relativamente ao princípio ético fundamental (o princípio supremo da moralidade), pode dizer-se que:

– Para Kant o princípio ético fundamental é o imperativo categórico, que determina, no essencial, que devemos agir apenas segundo uma máxima tal que possamos ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal, e que devemos agir de tal forma que tratemos o outro, e a nós próprios, sempre como um fim, e nunca como simples meio. A boa vontade age de acordo com o imperativo categórico, possuindo um valor intrínseco, de tal modo que «a utilidade ou a inutilidade não podem em nada acrescentar ou diminuir esse valor».

– Para Mill, a moralidade deve fundamentar-se no princípio da utilidade ou princípio da maior felicidade, segundo o qual a ação correta é aquela que maximiza imparcialmente a felicidade ou o bem-estar geral. A utilidade ou felicidade é, de acordo com Mill, a «única regra diretiva da conduta humana».

No tocante às críticas a cada uma das perspetivas, o estudante poderá optar por uma das seguintes.

– No caso da ética deontológica de Kant: o seu rigor formal, o seu carácter absoluto e o afastamento das emoções em relação à moral OU a existência de situações (conflitos de deveres) para as quais esta teoria não oferece soluções satisfatórias OU o facto de tal perspetiva não dar atenção às consequências da ação.

– No caso da ética utilitarista de Mill: crítica ao hedonismo a partir da “máquina de experiências” (Robert Nozick) OU as dificuldades de cálculo em relação a como medir a felicidade, comparar prazeres ou medir os efeitos de determinada ação OU o facto de a ética consequencialista ser demasiado ambiciosa e exigente OU a existência de uma certa incompatibilidade entre os princípios da ética consequencialista ou utilitarista e a ideia de justiça.

Cabo Verde



Brasão



Bandeira



Hino Nacional

Cântico da Liberdade

Canta, irmão
Canta, meu irmão
Que a liberdade é hino
E o homem a certeza.

Com dignidade, enterra a semente
No pó da ilha nua;
No despenhadeiro da vida
A esperança é do tamanho do mar
Que nos abraça,
Sentinela de mares e ventos
Perseverantes
Entre estrelas e o Atlântico
Entoa o cântico da liberdade.

Canta, irmão
Canta, meu irmão
Que a liberdade é hino
E o homem a certeza!